

Turismo e Sociedade





Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Volume 1 - Módulos 1 e 2

Andreia Pereira de Macedo

Maria Amália Silva Alves de Oliveira

Turismo e Sociedade



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**



**Ministério
da Educação**



Apoio:



FAPERJ

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua Visconde de Niterói, 1364 – Mangueira – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20943-001

Tel.: (21) 2334-1569 Fax: (21) 2568-0725

Presidente

Masako Oya Masuda

Vice-presidente

Mirian Crapez

Coordenação do Curso de Turismo

UFRRJ - Teresa Catramby

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Andreia Pereira de Macedo

Maria Amália Silva Alves de Oliveira

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

SUPERVISÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristiane Brasileiro

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Anna Maria Osborne

Luiz Eduardo Feres

AValiação DO MATERIAL DIDÁTICO

Thaís de Siervi

Departamento de Produção

EDITORA

Tereza Queiroz

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Cristina Freixinho

Daniela Souza

Elaine Bayma

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Jorge Moura

PROGRAMAÇÃO VISUAL

David Daniel Macêdo

Sanny Reis

ILUSTRAÇÃO

Jefferson Caçador

Sami Souza

CAPA

Sami Souza

PRODUÇÃO GRÁFICA

Oséias Ferraz

Patricia Seabra

Copyright © 2009, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

M141t

Macedo, Andreia Pereira de.

Turismo e sociedade. v. 1 / Andreia Pereira de Macedo, Maria Amália Silva Alves de Oliveira. – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010. 218p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-7648-544-5

1. Turismo. 2. Socialização. 3. Processos sociais. I. Oliveira, Maria Amália Silva Alves de. II. Título.

CDD: 338.4791

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral Filho

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia
Alexandre Cardoso

Universidades Consorciadas

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**
Reitor: Almy Junior Cordeiro de Carvalho

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Vieiralves

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Aloísio Teixeira

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Motta Miranda

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO**
Reitora: Malvina Tania Tuttman

SUMÁRIO

Módulo 1 – A perspectiva sociológica

Aula 1 – O surgimento da Sociologia _____ 7

Andreia Pereira de Macedo

Aula 2 – Comte e a herança positivista na Sociologia _____ 25

Maria Amália Silva Alves de Oliveira

Aula 3 – Durkeim e o estudo dos fatos sociais _____ 45

Andreia Pereira de Macedo

Aula 4 – Weber e a compreensão da ação social _____ 65

Maria Amália Silva Alves de Oliveira

Aula 5 – Marx e a análise da sociedade capitalista _____ 87

Andreia Pereira de Macedo

Módulo 2 – Processos sociais

Aula 6 – Socialização _____ 105

Maria Amália Silva Alves de Oliveira

Aula 7 – Individualização _____ 129

Maria Amália Silva Alves de Oliveira

Aula 8 – Valores, normas e controle social _____ 153

Andreia Pereira de Macedo

Aula 9 – Anomia e mudança social _____ 173

Andreia Pereira de Macedo

Aula 10 – Estrutura social _____ 191

Maria Amália Silva Alves de Oliveira

Referências _____ 213

1

O surgimento da Sociologia

Meta da aula

Contextualizar o surgimento da Sociologia como disciplina dedicada ao estudo científico da sociedade.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 identificar o caráter científico da Sociologia;
- 2 reconhecer o surgimento da Sociologia na forma de uma resposta para as transformações ocorridas na sociedade moderna e industrial;
- 3 avaliar a importância da Sociologia para a compreensão dos fenômenos sociais.

Introdução

Você deve estar se perguntando sobre a importância da Sociologia para a compreensão do fenômeno turístico. Em primeiro lugar, é importante destacar que o turismo é uma prática social que tem na sua essência o movimento de pessoas, proporcionando o contato com o desconhecido e com o conhecido construído socialmente. Em segundo lugar, o ensino de Sociologia na formação de profissionais de diferentes áreas é cada vez maior, constituindo um conhecimento que pode levar a um maior comprometimento e responsabilidade com a sociedade em que se vive.

Dessa forma, esperamos que, com esta disciplina, você encontre, além de informações teóricas, um instrumento intelectual que possibilite uma análise científica e crítica da realidade social e dos processos ligados ao turismo. Trata-se, portanto, de uma reflexão indispensável para o desenvolvimento de um turismo responsável, sob o ponto de vista social e ambiental, principalmente por se tratar de uma atividade que produz significativas mudanças nas estruturas social e espacial.

Pois bem, em tempos de mudanças da estrutura básica da sociedade e da cultura, a Sociologia torna-se importante e necessária. Esta foi a principal razão do surgimento da disciplina nas primeiras décadas do século XIX, respondendo a uma tentativa de estudar a vida social complexa e diversificada de forma sistemática, através de procedimentos científicos. Desde então, foram vários os esforços que buscaram explicar as regras que organizam a sociedade, isto é, regras que pudessem ser observadas, examinadas, comprovadas e que permitissem controlar os fenômenos sociais.

De fato, a Sociologia nasceu para a compreensão das sociedades modernas e industriais do século XIX, que passavam por profundas mudanças no plano urbanístico, populacional e nos modos de vida. A partir deste objetivo, surgiram outros, como o estudo do comportamento das interações e organizações humanas. Portanto, a Sociologia estuda as práticas culturais nas interações sociais cotidianas, explora as estruturas que determinam a vida

social, examina os processos sociais – tais como migrações, conflitos e pobreza – e busca entender as transformações que esses processos provocam na cultura e na estrutura da sociedade. Vale dizer que o objetivo que estabelecemos, ao prepararmos as primeiras aulas desta disciplina, foi oferecer a você um texto que lhe permita iniciar-se progressivamente na percepção que a Sociologia tem da realidade social. Para tanto, elaboramos um índice temático que se inicia com o estudo dos fundadores do pensamento sociológico, isto é, autores clássicos, da passagem do século XIX para o XX, como Durkheim, Weber e Marx, todos voltados, por caminhos distintos, à compreensão das sociedades modernas e industriais.

Na segunda unidade da disciplina, incluem-se temas que se ocupam de conceitos sociológicos fundamentais tais como socialização, individualização e estratificação social. A terceira unidade compreende uma abordagem sociológica relacionada com a dinâmica produtora do lazer. E, na quarta unidade, iremos realizar uma análise da relação entre turismo, espaço e paisagem, destacando as transformações e as reconfigurações de espaços e paisagens que implicam a prática do turismo.

Nosso propósito é que você entenda, desde uma perspectiva crítica, a relação entre turismo e sociedade, produzindo ações marcadas por um maior comprometimento com o planejamento e o desenvolvimento do turismo responsável. Na medida em que o alcançemos, teremos contribuído para consolidar a institucionalização e o desenvolvimento do ensino da Sociologia aplicada aos cursos de turismo.

O caráter científico da Sociologia

Vamos começar destacando a origem do termo sociologia, a fim de ressaltar também a sua significação etimológica. A palavra, de origem latina e grega, foi criada por Auguste Comte, fundador do *Positivismo*, corrente de pensamento que abordaremos na próxima aula. Não foi a intenção inicial do filósofo francês

utilizar o termo para designar a nova ciência que pretendia fundar. Inicialmente, ele utilizou a denominação *física social* para qualificar a ciência cujo objeto consistia no estudo dos fenômenos sociais.

O significado etimológico acena para o próprio objeto da ciência sociológica, ou seja, o estudo da sociedade, entendida como coletividade de seres humanos que vivem e atuam com relações interdependentes. Para a Sociologia, é insuficiente a sua definição como estudo científico da sociedade. Em uma primeira aproximação conceitual, podemos afirmar que os grupos humanos e os indivíduos em sociabilidade constituem o objeto de estudo da Sociologia, visto que a organização social das relações entre os homens constitui um problema crucial para a delimitação do seu campo de estudo.



Figura 1.1: As interações humanas.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/734982>

“Uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos.” Com estas palavras, Max Weber evidencia que a Sociologia cumpre com o sentido básico que o vocábulo latino *scientia* expressa: busca a compreensão racional e objetiva dos fenômenos sociais.

Apesar das particularidades dos fenômenos sociais, a Sociologia tem de satisfazer aos mesmos princípios gerais válidos para todos os ramos de conhecimento científico. Por ser uma disciplina *empírica*, todo o seu conhecimento provém de observações realizadas sobre a sociedade concreta. Dada a qualidade dos vários aspectos da vida social, os métodos utilizados pela Sociologia variam, porém todos eles aspiram ao exame rigoroso de dados comprováveis.

A Sociologia também é uma disciplina *teórica*. Procura explicar as regularidades dos aspectos da vida social, integrando as conclusões que a investigação empírica aporta. Sua tarefa é produzir generalizações, interpretar dados e lançar hipóteses cuja última validade só pode ser referendada por novas pesquisas empíricas.

Por ser uma disciplina *aberta*, isto é, *adogmática*, todas as suas proposições devem ser reexaminadas, sujeitas a dúvidas metódicas e comprovadas à luz de nova experiência. Ademais, sua metodologia é *moralmente neutra*, buscando compreender as ações humanas através da investigação racional baseada nos dados que a vida social oferece.

O postulado da *neutralidade ética*, condição para a validade da Sociologia como ciência, constitui-se em uma importante questão, pois não se pode negar que o homem contempla o mundo julgando-o e valorando-o. Para evitar os perigos da distorção valorativa, Durkheim recomendou que se tratassem todos os fatos sociais como “coisas”, e Weber formulou com clareza a aspiração da neutralidade ética ou libertação dos juízos de valor, já que não se trata de definir o correto e o incorreto nas ações humanas e nas relações sociais. Por isso, a necessidade de se manter a objetividade científica na análise sociológica, o que não significa indiferença diante dos males que assolam a humanidade.

Por fim, a Sociologia é uma *crítica à sociedade*. Ao sociólogo, interessam os problemas sociológicos, aqueles de explicação teórica do que acontece na vida social. Entretanto, não se trata

Adogmática

A palavra dogma é de origem grega *dogma* e pode ser definida como um princípio fundamental de uma doutrina religiosa ou filosófica; uma opinião que se apresenta como verdade absoluta, que rejeita, portanto, a contestação. As teorias dogmáticas ou fechadas admitem somente a explicação de afirmações mais ou menos gratuitas e conduzem ao escolasticismo, características da teologia e de algumas ideologias. As ciências, ao contrário, são adogmáticas ou abertas, isto é, suas proposições não se submetem a um princípio fundamental incontestável.

apenas de um fazer especulativo, como simples tarefa científica. Deve-se considerar a incidência da Sociologia nas transformações sociais e nas atividades dos poderes públicos. Ademais, sendo sua pretensão fundamental indagar sobre as ações humanas, pode resultar incômoda para aqueles que se beneficiam das atividades submetidas à investigação sociológica.



Atividade

Atende ao Objetivo 1

1. A sociologia do século XIX marca incontestavelmente o momento da reflexão dos homens sobre eles mesmos, aquele onde o social como tal é posto em questão, com o seu caráter equívoco, ora enquanto relação elementar entre os indivíduos, ora como entidade global. Ela também exprime uma intenção não radicalmente nova, mas original, por seu radicalismo, a de um conhecimento propriamente científico, baseado no modelo das ciências da natureza, tendo em vista o mesmo objetivo: o conhecimento científico deveria dar aos homens o controle de sua sociedade e de sua história, assim como a física e a química lhes possibilitaram o controle das forças naturais (CASTRO, 1987, p. 24).

A partir da leitura do texto, identifique o objeto e o caráter científico da Sociologia do século XIX.

Resposta Comentada

Os grupos humanos em sociabilidade constituem a parte mais importante do objeto de estudo da Sociologia, uma disciplina que cumpre com os princípios gerais do conhecimento científico. Através da investigação empírica, ou seja, das observações realizadas na

sociedade concreta, a Sociologia busca a compreensão racional e objetiva da realidade, bem como a explicação das regularidades dos aspectos da vida social. Ademais, ela segue o postulado da neutralidade ética, pois não emite juízo de valor sobre os processos sociais estudados, isto é, baseia-se em estudos objetivos que podem revelar a verdadeira natureza dos fenômenos sociais.

Contexto histórico do surgimento da Sociologia

Você já deve conhecer o objeto de estudo e o caráter científico da Sociologia. Então, a partir de agora procuraremos localizar o contexto histórico do surgimento dessa disciplina. Ele está atrelado ao nascimento de um novo tipo de sociedade, complexa e industrial, sujeita às mudanças aceleradas, crises e rupturas. De acordo com Bottomore (1975), o aparecimento da Sociologia se insere em um contexto social concreto, quando as sociedades urbanas, democráticas, industriais e burocráticas estavam se configurando.

É importante destacar que a origem da nossa disciplina não pode ser desvinculada do processo de gestação das diferentes teorias sociais que se inicia no *Século das Luzes*, ou *Iluminismo*. De fato, não se pode desvalorizar a importância desse movimento, também denominado Ilustração, que estabeleceu uma nova maneira de pensar o mundo e a problemática social.



O Iluminismo foi um movimento intelectual que caracterizou o pensamento europeu do século XVIII. Também denominado Ilustração, esse movimento estabeleceu uma nova maneira de pensar o mundo, baseada no poder da Razão, ou seja, partia do pressuposto de que a racionalidade estava na base da organização da sociedade e da atividade humana. As teorias sociais da Ilustração basearam-se na atitude científica que, a partir do Renascimento – movimento filosófico, artístico e cultural dos séculos XV e XVI –, abordam o estudo das questões sociais, econômicas e políticas de forma diferente de como se fez no mundo medieval, quando a cultura e a natureza se justificavam e se explicavam sobre uma base divina ou transcendente. Entre seus representantes, estão Denis Diderot (1713-1784), Montesquieu (1689-1755), Saint-Simon (1760-1825), Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e Tocqueville (1805-1859).

Na realidade, o século XVIII representou um período de crise nas potências europeias, com a falência das estruturas políticas e econômicas do antigo regime ou Absolutismo, caracterizado pela monarquia absoluta, sociedade estamental e direitos feudais. Esta ordem social, político e institucional, vigente até a Revolução Francesa de 1789, cedeu lugar a uma nova ordem econômica, política e social instaurada pela classe burguesa.

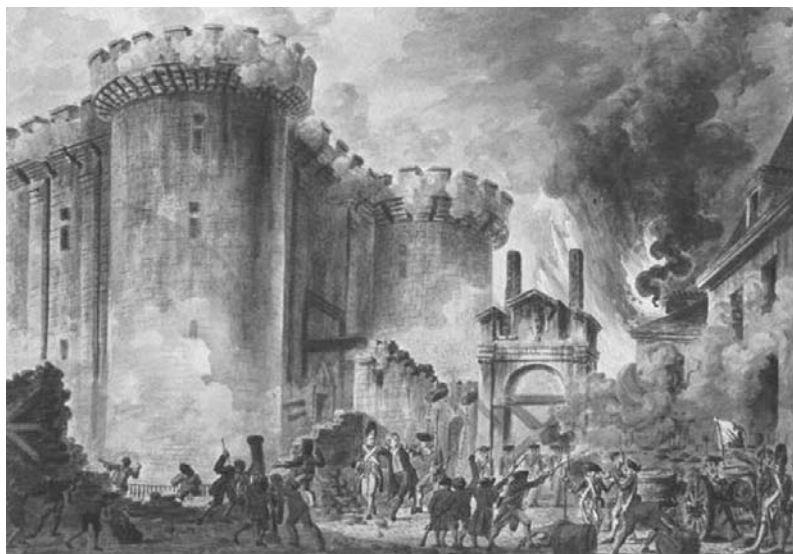


Figura 1.2: A tomada da Bastilha, antiga prisão das vítimas do Absolutismo, em 14 de julho de 1789, por Jean-Pierre Louis Laurent Houel (1735-1813).

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Prise_de_la_Bastille_clean.jpg

■ Sufrágio

A palavra sufrágio é de origem latina (*suffragium*) e implica um processo de seleção daqueles que terão direito ao voto, uma forma de expressão da vontade. O sufrágio é um direito político, e o voto é o exercício desse direito. Dessa forma, o sufrágio universal consiste na extensão do direito ao voto a todos os cidadãos considerados adultos, sem restrições ou distinção de etnia, sexo, crença e classe social.

De fato, a Revolução Francesa marcou um período decisivo de transição do sistema econômico feudal para o capitalista e um grande movimento político que rompeu com o Absolutismo. Desse modo, essa Revolução refletiu as aspirações da burguesia que defendia o liberalismo econômico, a igualdade jurídica e o **sufrágio** universal. De acordo com Castro & Dias (1987), ela constituiu, junto com a Revolução Industrial, faces de um mesmo processo, isto é, da consolidação do capitalismo moderno.

A Revolução Industrial, por sua vez, constituiu-se em um marco de uma nova era na história da humanidade que significou uma revolução na capacidade de produção e de acumulação do homem. Não se trata apenas do crescimento da atividade fabril ou produtiva, mas de um fenômeno que resultou em transformações profundas da estrutura econômica, cultural, política e social.



Figura 1.3: A Revolução Industrial.

As consequências sociais dessas transformações ressaltaram a necessidade de pesquisa sociológica. Bottomore (1975) destaca a importância do “levantamento social” como um dos principais métodos da Sociologia do século XIX:

Outro elemento importante na Sociologia moderna é proporcionado pelo levantamento social, que em si mesmo teve duas fontes. Uma foi a crescente convicção de que os métodos das Ciências Naturais deviam e podiam ser estendidos ao estudo das questões humanas, que os fenômenos humanos podiam ser classificados e medidos. A outra foi a preocupação com a pobreza (‘problema social’), consequente da aceitação do fato de que, nas sociedades industriais, ela já não era um fenômeno natural, um castigo da natureza ou da providência, mas o resultado da ignorância e da exploração humanas (BOTTOMORE, 1975).

Você pode considerar, portanto, que a origem da Sociologia como ciência vincula-se a dois importantes processos: o de industrialização e o que supõe a expansão progressiva do liberalismo e das ideias democráticas. Assim, o surgimento dessa disciplina, como modo de explicação científica do comportamento social e das condições de existência dos seres humanos, representa um produto do pensamento moderno, ao contrário da Filosofia Social, cuja origem se situa na Grécia Clássica.

Na realidade, desde Platão e Aristóteles até os ilustrados do século XVIII, a especulação humana não esquivou os problemas sociais. Contudo, os sistemas filosóficos partem de generalizações e buscam a compreensão da sociedade em seu conjunto. Já a Sociologia, em suas formulações e explicações, preocupa-se com os fatos que podem ser comprovados empiricamente, isto é, através da observação sistemática e da experimentação, de modo a tornar a ação social humana explicável em termos de regularidades.



Atividade

Atende ao Objetivo 2

2. Agora identifique os principais aspectos relacionados ao surgimento da Sociologia, destacando a sua relação com o processo de consolidação do sistema capitalista moderno.

Resposta Comentada

O contexto histórico do surgimento da Sociologia foi marcado por grandes transformações que geraram as revoluções industriais e político-sociais de fins do século XVIII, faces do processo de consolidação do capitalismo moderno. Neste quadro, está vinculado o desenvolvimento científico e intelectual que teve como consequência a falência do Absolutismo e a inauguração da era industrial. Assim, a Sociologia nasceu para a compreensão das sociedades modernas, complexas e industriais, em princípios do século XIX, que passavam por profundas mudanças nas suas estruturas econômicas, políticas e sociais.

Efeitos produzidos pela sociedade moderna e industrial

Gostaria de chamar a sua atenção para os efeitos produzidos pela moderna sociedade industrial e de classes, de importância decisiva para a compreensão do surgimento da Sociologia. Como você já sabe, essa disciplina lidava com os problemas sociais provenientes das revoluções econômicas e políticas do século XVIII. Portanto, ela era acima de tudo “uma ciência da nova sociedade industrial” (BOTTOMORE, 1975).

Os progressos da Revolução Industrial foram realizados através de crises que atingiram inicialmente a Inglaterra, país que conheceu o primeiro capitalismo industrial. Essas crises resultaram da transformação radical dos modos de viver e de produzir, que afetaram o mundo agrícola, e estabeleceram a luta entre duas classes antagônicas, constituídas por operários e capitalistas. Enquanto os empregadores capitalistas detinham a propriedade das fábricas, das máquinas e de matérias-primas, os operários, por sua vez, vendiam a sua força de trabalho submetendo-se ao trabalho assalariado.



Para que você encontre mais facilidade na compreensão dos processos pelos quais passaram as sociedades modernas e industriais do século XIX, sugerimos que assista aos filmes *Tempos modernos*, de Charles Chaplin; e *Germinal*, de Patrick Bourdier.

Assim, com a produção industrial, o trabalhador deixou de ter o controle sobre os meios de produção e, portanto, sobre o produto do seu trabalho. Ele passou a receber certa quantia pelos serviços prestados aos capitalistas ou industriais, donos dos meios de produção e organizadores da atividade produtiva. Além da longa jornada de trabalho, os operários viviam em moradias precárias. Devido ao crescimento urbano descontrolado, muitos não eram assistidos pelos serviços públicos básicos, como o sistema de esgoto e abastecimento de água.

Bresciani (2004) mostra que os autores do século XIX foram compondo uma representação estética do universo das cidades. Engels, em viagem pela Inglaterra na década de 1840, percorre e descreve os bairros em que se concentrava a classe operária de Londres, avaliando o custo social do crescimento econômico e identificando “os efeitos devastadores da aglomeração urbana”. Sobre o interior das moradias, os pátios e as ruelas, Engels destaca:

Não há um único vidro de janela intacto, os muros são leprosos, os batentes das portas e janelas estão quebrados, e as portas, quando existem, são feitas de pranchas pregadas (...). Aí moram os mais pobres dentre os pobres, os trabalhadores mal pagos misturados aos ladrões, aos escroques e às vítimas da prostituição (ENGELS apud BRESCIANI, 2004).

Esses efeitos da Revolução Industrial aceleraram o pensamento sistemático sobre a problemática social. Como a sociedade poderia evitar tais efeitos? É nesse ponto que, nas décadas finais do século XVIII e início do XIX, a Sociologia surgiu como disciplina.

Você pode estar se perguntando: e o turismo?

Não podemos esquecer que a sociedade industrial também se caracteriza pelo desenvolvimento do transporte que possibilitou um aumento da mobilidade física. Assim, os deslocamentos se tornaram mais rápidos; e as distâncias, mais curtas, o que favoreceu as relações comerciais e os contatos entre ambientes culturais distintos. Tampouco podemos nos esquecer da alta tecnologia dos meios de comunicação que favoreceu a difusão

da informação sobre os fatos, as formas e os estilos de vida de culturas e povos distantes.

Essas relações tornaram-se viáveis graças ao desenvolvimento da indústria turística e do costume de viajar. Na realidade, o turismo de massa desenvolveu-se no século XIX, contexto histórico do surgimento da nossa disciplina. Além disso, desde o nascimento da sociedade industrial, os pensadores sociais do século XIX presumiram a importância do lazer motivada pela redução da longa jornada do trabalho industrial.



Atividade

Atende aos Objetivos 2 e 3

3. Nesta atividade, gostaria que você relacionasse os efeitos das aglomerações urbanas descritos por Engels no século XIX, período do surgimento da Sociologia, com a realidade das aglomerações conhecidas como “favela”, a seguir ilustrada.

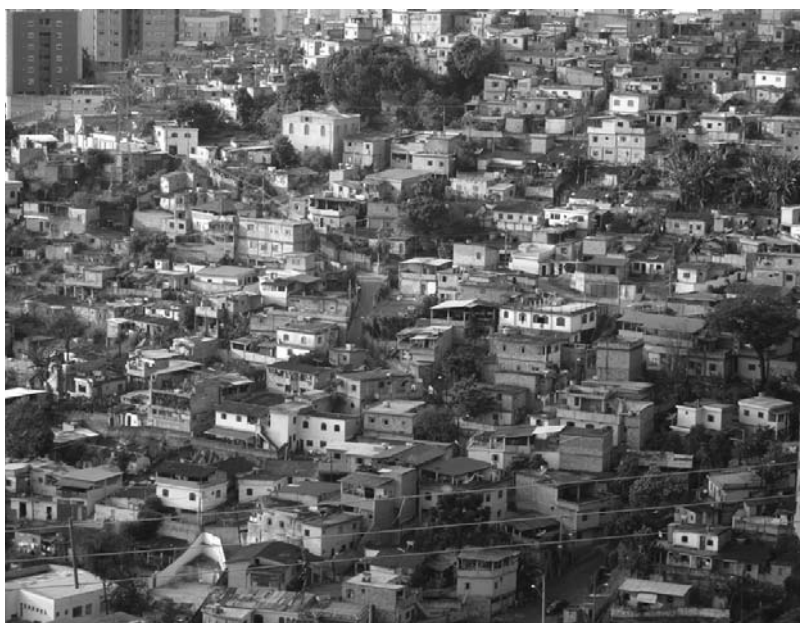


Figura 1.4: As “favelas”, ou aglomerações subnormais.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/376839>

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The paper appears to be a standard notebook page or a sheet of stationery designed for writing.

Resposta Comentada

Podemos relacionar as condições de existência dos moradores destes bairros destacando a situação de marginalidade social, resultado do desenvolvimento industrial e capitalista nas grandes cidades. No Brasil, à semelhança do que aconteceu em Londres no século XIX, esses aglomerados subnormais aumentam extraordinariamente, atraindo para as cidades grandes massas de populações. Apesar das diferenças entre as “favelas” e os bairros londrinos, em termos de tempo e espaço, existem elementos comuns entre eles: são aglomerados com precárias condições de moradia e de infraestrutura urbana e, além disso, seus habitantes são, em grande parte, da classe trabalhadora.

Conclusão

Nesta aula, você pôde identificar o objeto de estudo, o enfoque e o caráter científico da Sociologia. Abordamos o contexto histórico do surgimento dessa disciplina e os movimentos mais relevantes vinculados à sua origem, como a Ilustração e as Revoluções Francesa e Industrial – faces do processo de consolidação do capitalismo moderno. Além disso, você pôde verificar a importância do enfoque sociológico nas questões relativas à nossa realidade social concreta, como a expansão das aglomerações urbanas subnormais e o trabalho infantil.



Atividade Final

Atende ao Objetivo 3

O trabalho infantil é toda forma de trabalho exercida por crianças e adolescentes abaixo da idade mínima permitida por lei. Os dados da PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – mostram que, em 2004, 11,8% das crianças e adolescentes na faixa de 5 a 17 anos de idade estavam trabalhando. Deste contingente, 1,5% pertencia à faixa etária de 5 a 9 anos; 10,1% tinham de 10 a 14 anos; e 31,1% pertenciam ao grupo de 15 a 17 anos de idade. No contingente masculino, o nível da ocupação manteve-se mais elevado que no feminino em todos os três grupos de idade. Na faixa etária de 5 a 17 anos, o nível da ocupação masculina atingiu 15,3%, e o da feminina, 8,1%. Considerando a importância da perspectiva sociológica, analise esses dados sobre o problema do trabalho infantil no Brasil relacionando-o aos processos sociais mais gerais.



Figura 1.5: Trabalho infantil em uma fábrica nos EUA (1908).

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Child_laborer.jpg

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The paper appears to be a standard notebook page or a sheet of stationery.

Resposta Comentada

O trabalho infantil no Brasil está relacionado principalmente às dificuldades financeiras dos grupos familiares. Esta situação obriga as crianças e os adolescentes a buscarem diversas frentes de trabalho, no intuito de complementar a renda familiar e até mesmo garantir a própria sobrevivência. Trata-se de uma questão que está vinculada à desigualdade social no país, na qual uma grande massa de trabalhadores encontra-se em situação de marginalidade e pobreza, com acesso precário aos serviços públicos coletivos, como moradia digna, saúde, lazer, justiça oficial, entre outros. Essa situação não só reflete, mas induz à desigualdade.

Analisando os dados apresentados no enunciado da questão, verifica-se que, do contingente de crianças e adolescentes que estavam trabalhando em 2004, 31,1% pertenciam ao grupo de 15 a 17 anos de idade. Quanto ao gênero, os dados evidenciam que os homens são os mais afetados, talvez devido ao fato de terem de ajudar no sustento de suas famílias, ainda considerada uma atribuição masculina (dado que mereceria ser verificado empiricamente).

Por fim, a questão do trabalho infantil está vinculada à educação no Brasil, ou melhor, coloca-se como um entrave para a universalização do ensino no país. Em grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, é comum observar crianças que trabalham em sinais de trânsito, vendendo doces e balas ou limpando para-brisas, estando, portanto, fora da escola.

Resumo

Os grupos humanos em sociabilidade constituem o objeto de estudo da Sociologia, uma disciplina que cumpre com os princípios fundamentais do conhecimento científico. O surgimento da Sociologia vincula-se aos processos de industrialização e de expansão do liberalismo e das ideias democráticas, faces do processo de consolidação do capitalismo moderno. As consequências sociais dessas transformações ressaltaram a necessidade de pesquisa sociológica. A Sociologia, portanto, nasceu para a compreensão das sociedades modernas e industriais.

Informações sobre a próxima aula

Na próxima aula, iremos abordar o Positivismo, considerando a primeira corrente de pensamento que organizou de maneira científica alguns princípios a respeito do homem e da sociedade, isto é, foi o primeiro esforço relevante de análise científica da sociedade, tendo como principal representante o filósofo francês Auguste Comte.

2

Comte e a herança positivista na Sociologia

Meta da aula

Contextualizar o Positivismo como a primeira forma de pensamento social.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 reconhecer que a busca pelo conhecimento se realiza através do pensamento crítico;
- 2 reconhecer o conhecimento científico como base da Sociologia Clássica;
- 3 identificar a importância do Positivismo para a construção do pensamento sociológico.

Introdução

Como você pôde observar na Aula 1, o contexto histórico do surgimento da Sociologia foi marcado por uma série de mudanças sociais que se manifestaram através de vários processos históricos, tais como a Ilustração, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Vimos também que a Sociologia é uma Ciência, cuja elaboração só foi possível porque o Homem estava preocupado em entender e conhecer uma ordem de fenômenos totalmente distintos daqueles com os quais havia se preocupado anteriormente. Assim sendo, o surgimento da Sociologia ocorreu devido a uma mudança na mentalidade humana, resultante da crença na possibilidade de uma explicação que pudesse ser comprovada através do **método científico**, sendo este o único caminho válido para se atingir o conhecimento. A esta forma de explicação dos fenômenos físicos e sociais damos o nome de Positivismo, que será o tema da aula de hoje.

■ Método científico

A palavra “método” vem do grego *methodos* (meta = rumo e hodos = caminho) e pode ser definida como o caminho para chegar a um lugar desejado ou o conjunto de procedimentos e regras para alcançar o resultado almejado. No caso do termo “método científico”, o rumo ou o caminho para se chegar onde se pretendia seria através da Ciência.



O que é conhecer? É a relação que se estabelece entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido. No processo de conhecimento, o sujeito que busca conhecer se apropria do objeto conhecido. Pelo conhecimento, o Homem penetra nas diversas áreas da realidade para dela tomar posse. A própria realidade apresenta níveis e estruturas diferentes em sua própria constituição. Essa complexidade do real, objeto de conhecimento, ditará, necessariamente, formas diferentes de apropriação por parte do sujeito que busca o conhecimento. Essas formas darão os diversos tipos de conhecimento segundo o grau de penetração do conhecimento e consequentemente a posse mais ou menos eficaz da realidade.

Todos os processos históricos e sociais pelos quais passam a Humanidade propiciam a elaboração de conhecimentos acerca do mundo em que vivemos. Dentre as várias espécies animais existentes sobre a Terra, a espécie humana é a única que necessita de aprendizado para adquirir diferenciadas formas de comportamento, sendo também capaz de transmitir os conhecimentos adquiridos aos demais seres de sua espécie. Essa

característica essencialmente humana só se tornou possível porque o Homem tem a capacidade de criar sistemas de símbolos – isto é, um conjunto de significados resultante da classificação, da separação ou do agrupamento das coisas que compõem o mundo que o cerca – por meio dos quais dá significado às experiências vividas e as transmite aos seus semelhantes. Este é o motivo pelo qual afirma-se que o Homem é a única espécie animal que pensa, isto é, que é capaz de transformar a sua experiência em um discurso com significado e transmiti-la aos demais.



Para mais informações sobre este tema, sugerimos leituras de obras de Teoria Antropológica, sobretudo indicamos a leitura do livro *Cultura: um conceito antropológico*, de Roque de Barros Laraia.

A elaboração simbólica da experiência faz com que os homens recriem o mundo de acordo com suas necessidades e pontos de vista e os traduza em forma de conhecimento ou informação. A capacidade de pensar, de atribuir significado, transformou-se em *cultura* humana propriamente dita. A partir do desenvolvimento dessa capacidade essencialmente humana, cada grupo social, compartilhando experiências comuns e adaptadas ao seu modo próprio de vida, criou formas distintas de sociabilidade.



De acordo Edward Tylor (1832-1917)

...é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo Homem como membro de uma sociedade". Com essa definição, Tylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à idéia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos (LARAIA, 2004).

A proposta da aula de hoje é fazermos uma pequena viagem através dos tempos para observarmos como o Homem foi elaborando seus conhecimentos, pois ele sempre pensou sobre si mesmo e sobre o mundo, adquirindo, assim, conhecimentos e estabelecendo interpretações sobre a vida cotidiana. Ao final, faremos uma parada para discutirmos o Positivismo e, enfim, entendermos a herança da referida corrente de pensamento para a Sociologia.

O conhecimento através dos tempos

O conhecimento, fruto do saber adquirido pelo Homem através dos tempos, foi sendo gradativamente acumulado, pois o Homem sempre perguntou e questionou sobre a realidade que o cerca, os problemas que se apresentam e sobre fenômenos físicos e sociais que desconhece. Assim sendo, podemos dizer que, ao longo da história da Humanidade, o Homem produziu vários saberes e, atualmente, podemos agrupá-los em quatro tipos de conhecimentos. São eles: o senso comum ou vulgar, o teológico, o filosófico e o científico.

Nos primórdios da Humanidade, o Homem era presa fácil de animais, da fome e das doenças, circunstâncias que produziam o medo diante do desconhecido, das intempéries do clima e de diversos fenômenos físicos que eles não conseguiam entender. Tudo isso tornava o mundo um grande mistério e os deixavam indefesos diante da realidade que os cercava. A Natureza sempre chamou a atenção do Homem, pois os seus mecanismos de funcionamento despertavam medo e curiosidade, tendo em vista que eles ficavam à mercê de todos os fenômenos físicos, tanto os bons quanto os ruins. A morte, os cataclismos, o calor do fogo, o frio, entre outros, eram grandes enigmas para aqueles homens e, como tais, despertavam dúvidas sobre o porquê, para que e como as coisas aconteciam. A necessidade de respostas conduziu os homens a conclusões que, de acordo com suas possibilidades de entendimento, satisfaziam seus anseios e buscas por respostas.

As respostas que eles encontravam para o desconhecimento sobre os “mistérios da Natureza” eram atribuídas ao divino e ao mundo sobrenatural. Esta interpretação do Homem para os fenômenos naturais que não compreendiam é denominada conhecimento teológico, tipo de conhecimento que tem características próprias e difere de outros tipos de conhecimentos, pois o conhecimento teológico é sempre revelado e ocorre com frequência quando há algo oculto ou um mistério, daí a vida futura, a existência de Deus, dados da Natureza, entre outros aspectos, serem campos vastos para a propagação deste tipo de conhecimento.

O tempo foi passando, e longo foi o percurso da Humanidade em busca do domínio da Natureza. Paralelamente à explicação teológica para os eventos naturais, o Homem ia elaborando técnicas, inventava e descobria coisas práticas e úteis para sua defesa, proteção e convívio com as forças que não conseguia domar. Prevalecia o método de tentativa e erro na criação de objetos, utensílios e ferramentas, cujo funcionamento ora ajudava, ora não. As técnicas e ferramentas que auxiliavam eram copiadas pelos demais, já o que não funcionava era colocado de lado e esquecido. Dessa forma, realizavam-se a socialização e a transmissão do conhecimento, que se tornava comum a todos os membros do grupo social, sendo posteriormente aperfeiçoadas pelos demais. Neste momento, o Homem não estava preocupado com o porquê das coisas, e sim em descobrir e inventar coisas úteis e práticas; não havia uma análise das causas, só importavam as consequências, pois o que interessava era conviver com os fenômenos naturais. A reunião do saber-fazer, das técnicas, das ferramentas, utensílios, do conhecimento teológico de então e de tudo mais que compunha o universo social deste e de vários outros grupos sociais é denominado conhecimento do senso comum, (ou também vulgar ou empírico), definido como conhecimento do povo obtido ao acaso, após ensaios e tentativas que resultam em erros e em acertos. Este tipo de conhecimento é ametódico e assistemático, pois a pessoa comum se serve da experiência própria e também da do outro, ora ensinando, ora aprendendo,

em um intenso processo de interação humana e social. Através da vivência coletiva, os conhecimentos são transmitidos de uma pessoa à outra, de uma geração à outra. Através do conhecimento vulgar, a pessoa conhece o fato e sua ordem aparente e tem explicações concernentes à razão de ser das coisas e das pessoas. Tudo isso é obtido nas experiências feitas ao acaso, sem método e sem investigações pessoais, acontecem ao sabor das circunstâncias da vida ou, então, adquirido do saber dos outros e das tradições da coletividade.

Os gregos, quando se tornaram, por uma série de motivos sociais, menos preocupados com religião e com a vida após a morte, conceberam uma ideia de conhecimento no qual o saber era um fim em si mesmo, isto é, eles produziram uma forma de conhecimento em que as descobertas estavam desligadas das questões sobrenaturais. Este novo tipo de conhecimento foi denominado Filosofia, que na sua acepção mais elementar podemos traduzir como “o amor pelo saber”. O ato de filosofar é um interrogar, é um contínuo questionar a si mesmo e à realidade, tendo como característica primordial a busca constante da verdade. A Filosofia não é algo acabado, pronto, é uma busca do sentido, de justificação, de possibilidades, de interpretação a respeito de tudo aquilo que envolve o ser humano e sobre o próprio ser em sua existência concreta.

A etimologia da palavra “Filosofia” é originada do verbo grego *philosophein*, que significa, em sua estrutura, “amar a sabedoria”, entendida como reflexão do Homem acerca da vida e do mundo. A Filosofia não é, portanto, a sofia mesma. É somente o desejo, a procura dessa *sofia*. A essência da Filosofia é a procura do saber, e não a sua posse. Sendo assim, o trabalho do filósofo é um trabalho de reflexão. A palavra “reflexão” vem do verbo latino *reflectare*, que significa “voltar atrás”. Filosofar, portanto, significa retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, examinar detidamente, prestar atenção e analisar com cuidado.

A Filosofia, como nova forma de conhecimento, foi o passo inicial para que os gregos propusessem uma nova maneira de pensar o “porquê” e o “para quê” das coisas. Por meio dela, os gregos sistematizaram o conhecimento até então disponível e os agruparam em forma de diversas disciplinas, isto é, conhecimentos específicos, tais como: a Geometria, a Aritmética, a Astronomia, a Medicina, entre outras. As disciplinas ou conhecimentos específicos tinham cada uma um objeto de estudo próprio, que as distinguiam e procuravam responder e desvendar os problemas que cada uma delas impunha através da **razão** e não a partir da ação dos deuses.

Por muito tempo a euforia que o conhecimento filosófico proporcionou esteve presente nos círculos acadêmicos, e a razão sempre esteve a serviço do pensamento e, consequentemente, do conhecimento humano enquanto o Homem teve liberdade para refletir acerca do mundo em que vive. Porém, após a queda do Império Romano, quando a Europa retornou a uma estrutura social agrária e **teocrática**, que submetia a razão e a Filosofia à **Teologia**, a razão deixou de ser a melhor forma de explicação do mundo social. Assim, durante a Idade Média, período no qual a Igreja Católica assumiu grande poder, a razão passou a ser um instrumento auxiliar da fé, pois a Igreja a usava como forma de manter seu poder e divulgar a fé nesta Instituição. O Homem retornou, então, ao entendimento e à explicação do mundo social através do sobrenatural, sendo que a fé e a crença, neste momento, não eram mais em deuses, como acontecia com os egípcios e os gregos antes da Filosofia, mas sim em um único Deus, que não refletia a misericórdia, a bondade e o amor para com seus filhos. Essa visão deturpada de Deus passou novamente a condicionar o comportamento humano e da sociedade e, em consequência, as explicações e os conhecimentos produzidos neste período foram bastante afetados. Apenas as ordens religiosas, isoladas nos mosteiros, tinham acesso ao conhecimento (como ler, escrever, ter contato com textos de autores e pensadores antigos), pois a população em geral deixou de ter acesso ao saber.

Razão

No contexto em que o termo está inserido, razão equivale ao exercício de procurar e avaliar argumentos antes de aceitar como bom o que penso saber e, assim, julgar, apreender, raciocinar e compreender a realidade.

Teocrática

Concepção de que Deus é o centro de todas as coisas e a partir do qual tudo o mais é determinado.

Teologia

Em sentido amplo, designa um sistema de ensinamentos e práticas religiosas. Também nomeia a ciência que estuda Deus e tudo que se relaciona a ele, incluindo a religião e a moral.



Império Romano

Camponeses e pastores que habitavam a Itália no século VIII a.C. fundaram uma cidade que se tornaria o centro do mundo antigo: Roma. A partir do solo romano, surgiu um povo que dominou o mundo de então, construindo o Império Romano. Para consolidar sua dominação, os romanos desenvolveram uma complexa máquina estatal, responsável por grandes contribuições nos setores administrativo, militar, legislativo e jurídico. Além disso, difundiram seu modo de vida que influenciou profundamente toda a história ocidental até nossos dias, como é o caso do nosso Direito Romano.

Somente no período histórico conhecido como Renascimento – que veremos mais adiante –, o Homem redescobre o prazer de investigar o mundo, de pensar, de refletir sobre si e sobre as questões que o cercam. Neste momento, o Homem retoma a noção do conhecimento como um fim em si mesmo, independente de implicações religiosas ou metafísicas. Assim sendo, a preocupação com a descoberta das relações entre as coisas, das leis que regem o mundo natural, a interpretação pelo viés lógico-científico dos diversos pontos de vista, desencadeou uma nova forma de conhecimento, que veremos a seguir.

O conhecimento científico

O declínio das explicações religiosas no final da Idade Média

Profundas mudanças estruturais ocorreram na Europa a partir de meados do século XV. A sociedade medieval europeia, até então fechada e estável, inicia um processo de abertura, através da expansão marítima e comercial; as pessoas que se identificavam com uma vida baseada no clã e na estrutura feudal passam a orientar-se pela ideologia individualista; as preocupações sagradas e transcendentais vão cada vez mais dando espaço a questões imediatistas e materiais, focadas principalmente no Homem. Somam-se a estes acontecimentos o contato

com outros povos, a proliferação de obras de arte e filosóficas, as inquisições e perseguições religiosas, longos processos políticos e eclesiásticos, os genocídios que a Europa produziu na América, o descrédito da Igreja como instituição e o aparecimento de novos credos e seitas. Todos esses acontecimentos fizeram com que o Homem deste período retomasse o pensamento especulativo e adotasse uma nova postura diante da Natureza e do conhecimento.

Paralelamente, a Igreja Católica estava em descompasso com as transformações que ocorriam em sua época e enfrentava sérios problemas internos, tais como: a corrupção do clero, o despreparo dos padres comuns e novas interpretações da Bíblia. No final da Idade Média, as insatisfações contra a Igreja chegaram a um tal ponto que desembocaram em um movimento de ruptura: a Reforma Protestante do século XVI, cujo estopim ocorreu em 1517 com o incidente que provocou o rompimento entre **Martinho Lutero** – até então um padre católico – e a Igreja. Esse incidente relacionava-se à venda de indulgências, isto é, o perdão dos pecados, mediante o pagamento monetário. Esta prática havia sido permitida pelo Papa Leão X e tinha como objetivo arrecadar fundos para financiar a reconstrução da Basílica de São Pedro. Lutero escandalizou-se com essa salvação comprada e afixou na porta de uma igreja um manifesto público, em que protestava contra a atitude do Papa. A partir daí, iniciou-se uma longa discussão entre Lutero e os principais representantes da Igreja que resultou, em 1520, na excomunhão de Lutero pelo Papa. Mas este episódio não interrompeu as contestações de que a Igreja era alvo, e os reformistas romperam com a Igreja Católica, provocando a quebra efetiva do pensamento ocidental cristão.



Para você enriquecer seus conhecimentos, sugerimos que assista aos filmes *O nome da rosa* e *Lutero*. O primeiro retrata o poder da Igreja Católica e sua relação com a sociedade, já o segundo narra a história de Martinho Lutero ao promover a Reforma Protestante.



Martinho Lutero (1483-1546)

Nasceu em Eisleben, na Saxônia (região da atual Alemanha). Em 1501 iniciou seus estudos universitários no curso de Direito. Entretanto seu temperamento inclinava-o à vida religiosa e, em 1505, ingressou na Ordem dos Monges Agostinianos. Conquistou prestígio intelectual, tornando-se, em 1508, professor da Universidade de Wittenberg. Em 1510, viajou a Roma, de onde regressou decepcionado com o clima de corrupção que percebera no alto clero. Nos anos de 1511 a 1513, aprofundou-se nos estudos teológicos, até que começou a amadurecer as idéias para a criação de uma nova doutrina religiosa.

A Reforma representou um dos movimentos históricos fundamentais do início da Idade Moderna. Foi motivada por um complexo de causas que ultrapassavam os limites da simples contestação à Igreja Católica, pois o Homem do século XVI refletia, no plano religioso, todo o descontentamento referente às suas condições de vida material. Assim sendo, a Igreja perdeu o seu importante papel de grande produtora e detentora do conhecimento humano, tendo em vista que a religião começou a ser encarada como um dos aspectos da cultura, como algo criado pelos homens. A nova maneira de perceber a religião promoveu a noção de que os homens criam os deuses, e não o contrário, e a vida do Homem em sociedade deixa de ser um estágio para a vida após a morte.



Atividade

Atende ao Objetivo 1

1. Como o pensamento teológico impedia o surgimento do pensamento crítico?

Resposta Comentada

Durante a Idade Média, a Igreja Católica conquistou grande poder, pois, ao preservar a cultura e a organização típica dos romanos, ela conquistou os povos germanos para a fé cristã. Assim, ela ampliou sua influência sobre a sociedade, tornou-se uma grande proprietária de terras e, por razões religiosas, econômicas ou políticas, todos adoravam e temiam a Santa Madre Igreja. O controle que ela exercia sobre todos os setores da vida social era tão intenso a ponto de limitar o pensamento através das explicações teológicas. Os Tribunais

de Inquisição, o Index (livro de obras proibidas) e as missões de evangelização de novos povos são exemplos da tentativa de manutenção da tutela da Igreja sobre a sociedade.

Renascimento

As mudanças nas estruturas da sociedade europeia mencionadas anteriormente contribuíram para o surgimento de um movimento intelectual e cultural que caracterizou a transição da mentalidade medieval para a mentalidade moderna, denominado Renascimento. O termo Renascimento tem sua origem na própria vontade de muitos artistas e intelectuais dos séculos XV e XVI de recuperar e/ou retomar a cultura antiga, greco-romana, que esmorecera na Idade Média. O Renascimento foi um fenômeno tipicamente urbano, promovido pela elite econômica de cidades importantes da época, pois as cidades estavam cada vez mais se transformando em polos de irradiação de novos sistemas de valores. Em seu aspecto artístico, o Renascimento foi marcado por uma nova sensibilidade, inspirada na Antiguidade Clássica. As obras buscavam alcançar o equilíbrio e a elegância, além de captar a realidade do mundo físico. Já em seu aspecto intelectual, o Renascimento assumiu o caráter de cientificismo, sendo marcado pelo desenvolvimento do espírito crítico, racionalista, disposto a experimentar hipóteses e a examinar livremente os problemas.

Com essa nova visão, o conhecimento deixa de ser revelado como resultado de uma atividade de contemplação e fé, para voltar a ser como era antes entre os gregos e os romanos, isto é, o resultado de uma bem conduzida atividade mental. Neste momento, sentindo-se liberto da tutela da Igreja Católica, o Homem percebe-se livre para pensar e criticar a realidade que vê e vivencia. Sente-se livre para analisar essa realidade como algo em si mesmo, não como um castigo que Deus lhe reservou. A vida dos homens passa a ser fruto de suas ações e escolhas e não mais dos desígnios da justiça divina.

É nesse ambiente de renovação, denominado Renascimento, que surgem as bases de um novo tipo de conhecimento: a Ciência, isto é, a investigação racional ou estudo da Natureza, direcionado à descoberta da verdade, sendo tal investigação metódica, ou de acordo com o método científico, um processo de avaliar o conhecimento empírico. No entanto, para que chegássemos ao conhecimento proporcionado pela Ciência, todo um sistema de valores foi se construindo progressivamente: o Racionalismo, isto é, a crença no poder exclusivo e absoluto da razão humana em conhecer a realidade e traduzi-la sob a forma de leis naturais. Essas leis seriam a base da regulamentação da vida do Homem, da Natureza como um todo e do próprio universo. Seu conhecimento pretendia substituir as explicações teológicas, filosóficas e de senso comum por meio das quais até então o Homem explicava a realidade.



Personagens do pensamento científico à época do Renascimento

- Leonardo da Vinci (1452-1519): Deixou um interessante legado no qual revelou seu talento através da descoberta dos princípios da máquina a vapor e se destacou como precursor de vários engenhos que se tornaram realidade posteriormente, entre eles: máquinas de guerra e engenhos voadores.
- Giordano Bruno (1548-1600): Defendia idéias que para a época eram consideradas heréticas. Entre elas, afirmava que o universo era um todo infinito e que a Terra não era o centro do universo. Essas idéias provocaram a revolta da Igreja e ele foi condenado à fogueira por um Tribunal de Inquisição.
- Galileu Galilei (1564-1662): É considerado o pai da Física moderna e sua obra foi fundamental para o surgimento da ciência moderna, pois foi devido aos seus estudos que o método científico se desenvolveu. Realizou estudos de Física, tendo estabelecido a lei da queda dos corpos; aperfeiçoou o telescópio e realizou importantes estudos astronômicos. Suas observações astronômicas confirmaram a validade da teoria de Giordano Bruno. Foi acusado pela Igreja de praticar heresias, sendo condenado à morte, mas livrou-se da fogueira ao negar suas descobertas.

Positivismo

O termo Positivismo, derivado do latim *positum* (“posto”, “o que está posto adiante”), designa o que se observa ou experimenta e refere-se à Filosofia baseada na experiência como a única verdadeira fonte de saber real.

O Positivismo fundamenta-se na ciência e na organização técnica e industrial da sociedade moderna, e considera a comprovação pelo método científico o único caminho válido para se atingir o conhecimento. Assim, postulados como os da metafísica, que tratam de entidades como Deus, não teriam nenhum valor para o conhecimento, visto que não podem ser cientificamente comprovados. A ciência já não parecia mais uma forma particular de saber, mas a única capaz de explicar a vida, abolir e suplantiar as crenças religiosas e até mesmo as discussões éticas. Supunha-se que, utilizando-se adequadamente os métodos de investigação, a verdade se descortinaria diante dos cientistas, quaisquer que fossem suas opiniões pessoais, seus valores sobre o bem e o mal, o certo e o errado.

Essa corrente de pensamento foi fundada na França por **Augusto Comte**, mas o termo já havia sido empregado pelos **socialistas utópicos** em 1830. Segundo os positivistas, a Filosofia deve limitar-se exclusivamente à organização do conhecimento científico, defendendo que o conhecimento da realidade reside necessariamente na experiência. Entretanto, algumas derivações do Positivismo admitem também a validade da Lógica e da Matemática como conhecimentos de caráter analítico, independentes da experiência.



Augusto Comte
(1789-1857)

Nasceu em Montpellier, França. Atuou como professor e escreveu para jornais. Foi discípulo e secretário de Saint-Simon, socialista utópico de quem posteriormente se tornou opositor. Cursou Filosofia e enfatizou o Positivismo em suas reflexões.
http://www.arikah.net/enciclopedia-portuguesa/Auguste_Comte

Socialistas Utópicos

A denominação socialismo utópico surgiu do fato de seus teóricos exporem os princípios de uma sociedade ideal sem indicar os meios para alcançá-la. O termo utopia, que designou esta visão de mundo, veio da obra de mesmo nome de Thomas More (1478-1535) que imaginava uma sociedade de iguais. Os socialistas utópicos mais famosos são: Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837), Louis Blanc (1811-1882) e Robert Owen (1771-1858). Eles tentaram reformar a sociedade através da boa vontade e participação de todos.



Por ocasião do falecimento de sua segunda esposa, Comte ficou profundamente abalado e este fato o fez fundar a religião positivista, cuja doutrina central direcionava toda a divindade para a própria humanidade. Essa religião, que chegou até mesmo a estabelecer um calendário de santos, possuía cultos e cerimônias próprias, dos quais participavam nomes de destaque na história, como o fundador da economia clássica, Adam Smith. As sociedades positivistas difundiram-se, e foram construídos templos por todo o mundo, inclusive no Brasil, onde ainda hoje há adeptos. A Filosofia de Comte alastrou-se pela Europa e no Brasil influenciou a formação do ideal republicano, sendo possível perceber em nossa primeira constituição republicana de 1891 dispositivos de evidente origem positivista, como é o caso da frase típica do Positivismo: “Ordem e Progresso” estampada em nossa bandeira.

■ **Evolucionistas**

Denomina-se evolucionista o seguidor da teoria da evolução. A teoria da evolução, também chamada evolucionismo, afirma que as espécies animais e vegetais, existentes na Terra, não são imutáveis, pois nesta visão as espécies sofrem, ao longo das gerações, uma modificação gradual que inclui a formação de novas raças e de novas espécies.

O Positivismo desenvolveu-se aproveitando os surpreendentes resultados dos avanços das ciências naturais ou experimentais, sobretudo da Química e da Biologia. O surgimento dos primeiros argumentos **evolucionistas** e o desenvolvimento das ciências sociais, baseadas na observação dos fatos, conduziram à classificação de determinadas estruturas, que antes eram consideradas naturais, como circunstâncias culturais. Ou seja, passa-se a tentar explicar todos os componentes da realidade cultural a partir de um método próprio das ciências naturais. Temos assim o domínio da chamada relação de causalidade. A relação de causalidade liga um efeito à sua causa e, segundo as tendências empírico-científicas, “tudo o que acontece tem uma causa”. Assim, o cientista, ao explicar tal regra, espera a repetição do fenômeno acontecido, baseando-se em experiências passadas.

O objeto foi ordenado segundo graus de generalidade decrescente. Assim, a Matemática tornou-se a primeira das ciências positivas, seguida pela Astronomia, a Física, a Química, a Biologia e a Sociologia, com objetos progressivamente menos

gerais e mais complexos. Graças a essa nova classificação, que destacou a Sociologia como ciência que tem como objeto a sociedade, Comte é considerado, além de fundador do Positivismo, pai da Sociologia. A relevância dessa idéia está em apontar a possibilidade de estender para o conhecimento científico as questões de natureza social. Assim, além da Sociologia, a História, a Geografia e outras áreas das hoje chamadas ciências humanas tiveram importantes progressos. Entretanto, apesar desses avanços, as questões em torno da objetividade e da subjetividade colocaram em xeque inúmeras pesquisas desenvolvidas nesse campo do conhecimento.

A partir da visão do Positivismo, as sociedades humanas passam por três estágios ao longo de sua evolução, processo denominado lei dos três estados. O primeiro é o teológico, típico das comunidades ditas primitivas, em que as explicações da realidade se baseiam em forças sobrenaturais, deuses e demônios; o segundo é o metafísico, estágio das sociedades que se estruturam em torno de grandes religiões, como a cristandade medieval ou as sociedades islâmicas, em que os seres sobrenaturais são substituídos por entidades abstratas, essências, ideias ou forças; e o último, o estágio positivo, no qual as sociedades se organizam com bases racionais e científicas, ou positivas, como são as sociedades industriais contemporâneas.

O Positivismo foi o pensamento que distinguiu a sociedade europeia do século XIX. Através dele, procurava-se resolver os conflitos sociais por meio da exaltação à coesão, à harmonia entre os indivíduos, ao bem-estar do todo social. Hoje podemos perceber os limites, interesses, ideologias e preconceitos inscritos nos estudos positivistas da sociedade, mas é importante ter em mente que por mais que tenham servido como justificativa para as relações desiguais entre sociedades é preciso lembrar que este pensamento representou um esforço concreto de análise científica da sociedade. Como primeira corrente teórica sistematizada de pensamento sociológico, o Positivismo definiu precisamente seu objeto de análise, estabeleceu conceitos

e formulou uma metodologia de investigação. Além disso, o Positivismo, ao definir a especificidade do estudo científico da sociedade, conseguiu distinguir-se de outras ciências estabelecendo um espaço próprio à ciência da sociedade.

Assim surgiu a Sociologia que, ao longo do século XX, deu grandes contribuições à análise dos diversos grupos sociais, e firmou-se como disciplina que explica a sociedade e seu funcionamento. Do ponto de vista sociológico, o fenômeno turístico desperta interesse por vários motivos: impacto nos indivíduos que se deslocam, pelas mudanças que são provocadas nos lugares que recebem turistas, pela promoção da difusão de novas práticas sociais, entre outras. Enquanto fenômeno social, o turismo assume grande complexidade, influenciando diversos setores da sociedade e, por este motivo, há um ramo da Sociologia que está preocupado em estudar cientificamente o comportamento do ser humano durante as viagens, as relações com as comunidades receptoras e os impactos provocados por essa atividade.

A herança do Positivismo para a Sociologia reflete-se no objeto de análise e em alguns conceitos, mas é na análise científica da sociedade que podemos perceber essa força. E o turismo, quando observado pelo olhar sociológico, não escapa dessa forma de apreensão da realidade e da consequente produção de conhecimento, que neste caso se dá através daqueles que estão inseridos na atividade turística.



Atividade

Atende aos Objetivos 2 e 3

2. De que maneira se desenvolveu a credibilidade no pensamento científico? Quais os fatores sociais que contribuíram para esse desenvolvimento?

Resposta Comentada

A partir da crise na Igreja Católica, devido aos problemas enumerados no item “Declínio das explicações religiosas na Idade Média”, percebe-se que a referida Instituição não estava sendo capaz de responder às diversas questões que as mudanças sociais da época impunham. Assim sendo, a explicação teológica deu lugar ao retorno para a Antiguidade clássica através da retomada da Filosofia como forma de explicação e busca pelo conhecimento. Este retorno propiciou novas reflexões acerca de métodos e da organização do conhecimento. O racionalismo e empirismo como correntes filosóficas conduziram a possibilidade de construção do método científico, cuja base era a possibilidade de comprovação, e esta possibilidade conferiu credibilidade ao pensamento científico.

Conclusão

A Sociologia surgiu através da tentativa de Augusto Comte de unificar vários estudos relativos às ciências humanas em apenas uma só. O Positivismo baseou-se no afastamento radical da teologia, ou metafísica, da existência humana, afirmando que toda a vida humana tinha passado pelas mesmas fases históricas distintas e que, se o indivíduo pudesse compreender este progresso, poderia resolver os problemas sociais. Suas idéias fundamentais são: a ciência é o único conhecimento possível, e o método da ciência é o único válido; o método da ciência é puramente descritivo, no sentido de descrever os fatos e mostrar as relações constantes entre os fatos expressos pelas leis, que permitem a previsão dos próprios fatos, ou no sentido de mostrar a gênese evolutiva dos fatos mais complexos a partir dos mais simples; o método da ciência, por ser o único válido,

deve ser estendido a todos os campos de indagação e da atividade humana, e toda a vida humana, individual ou social, deve ser guiada por ele.

Podemos afirmar que o Positivismo foi uma primeira forma de pensar os fenômenos sociais, mas somente com o aparecimento dos problemas sociais decorrentes da Revolução Industrial podemos falar no estabelecimento de uma ciência que chamou para si a responsabilidade de pensar, entender e solucionar esses problemas.



Atividade Final

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

Ano passado você tirou férias e passou alguns dias em uma região serrana e frequentou diversos ambientes, tendo, inclusive, participado de festas populares. Este ano, você esteve em uma cidade de praia. Em ambas as ocasiões, você deve ter observado o comportamento das pessoas locais, hábitos, vestimentas e reações às diversas situações.

Agora, em 8 linhas, relate o que você observou e as diferenças existentes entre os habitantes da serra e os da praia.

Resposta Comentada

Você deve ter observado muitas diferenças entre os habitantes de serra e de praia, a começar pela vestimenta muito mais leve na região praiana devido ao clima quente; também no item alimentação as diferenças são claras em função do clima frio que favorece o consumo de uma boa sopa. E ainda diferenças de comportamento, uma vez que os moradores de serra são, naturalmente, mais contidos, mais reservados.

Você pode também ter feito outras observações, como a forma de moradia, por exemplo.

Mas repare que o denominador comum é o mesmo!

Resumo

O Positivismo é uma corrente filosófica que se opõe ao primado da razão, pois entende que o conhecimento é alcançado somente através da experiência sensível. Como o Positivismo é resultante de uma reflexão de cunho filosófico, tornou-se necessário entendermos que Filosofia é um tipo de conhecimento, com características próprias que a distingue de outros tipos de conhecimento. Assim, através de uma linha histórica foram demonstrados os tipos de conhecimentos (comum, teológico e científico) e estabelecidas as relações entre eles. Enfatizou-se o fato de que a Ciência, como tipo de conhecimento, só se tornou possível devido à Filosofia, e foi ela quem forneceu a base reflexiva para o método científico. Sendo a Sociologia uma Ciência Social, sua base inicial está na Filosofia, mais precisamente no Positivismo, que forneceu os pressupostos nos quais Durkheim se apoiou para dar o cunho científico à reflexão acerca dos fenômenos sociais, transformando a Filosofia Social (primeira etapa do pensamento sociológico) em Sociologia.

Informações sobre a próxima aula

Na próxima aula, iremos estudar os Fatos Sociais e conhecer Émile Durkheim. Embora Comte seja considerado o pai da Sociologia, pois, como vimos, foi ele quem primeiro observou a relevância da explicação sociológica e também nomeou a nova Ciência, Durkheim é o primeiro grande teórico da Sociologia, pois foi ele quem se esforçou para emancipar a Sociologia das demais teorias sobre a sociedade e a colocou no patamar de disciplina rigorosamente científica.

3

Durkheim e o estudo dos fatos sociais

Meta da aula

Apresentar a Sociologia de Émile Durkheim, destacando a sua importância para a compreensão dos fatos sociais.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1** identificar o objeto e o método da Sociologia de Durkheim;
- 2** reconhecer o papel das instituições sociais para o funcionamento e a manutenção da estrutura da sociedade;
- 3** distinguir as classes de coesão social que impõem os diferentes tipos de solidariedade.

Pré-requisito

Para que você encontre mais facilidade na compreensão desta aula, sugerimos que releia o ponto que se refere ao Positivismo da Aula 2: “Comte e a herança positivista na Sociologia”.

Introdução

Na aula passada, você conheceu o Positivismo, a primeira corrente de pensamento que organizou alguns princípios a respeito da explicação científica da sociedade. Você também conheceu o principal representante dessa teoria, o filósofo francês Auguste Comte, por intermédio do qual a Sociologia se converteu em uma nova ciência.

Os primeiros pensadores sociais positivistas realizaram, no entanto, uma reflexão de caráter filosófico sobre a história e a sociabilidade humanas. Análises sociológicas com procedimentos científicos de maior critério foram introduzidas por **Émile Durkheim**, de quem falaremos nesta aula. Trata-se de um autor considerado o primeiro grande teórico da Sociologia, e cabe destacar sua contribuição à autonomia metodológica e à constituição da Sociologia como disciplina científica.



Émile Durkheim (1858-1917)

Nascido em Epinal, na França, descendia de uma família judaica. Iniciou seus estudos filosóficos na Escola Normal Superior de Paris. Tornou-se professor de Pedagogia e Ciência Social na Universidade de Bordéus, primeiro curso de Sociologia na França. Transferiu-se em 1902 para a Sorbonne, para onde levou inúmeros cientistas, entre eles seu sobrinho Marcel Mauss, reunindo-os num grupo que ficou conhecido como Escola Sociológica Francesa. Suas principais obras foram: *Da divisão do trabalho social* (1893), *As regras do método sociológico* (1895), *O suicídio* (1897), *As formas elementares da vida religiosa* (1912), *Educação e Sociologia* (1922), *Sociologia e filosofia* (1922) e *Lições de Sociologia* (1950). Faleceu em Paris em 1917.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89mile_Durkheim

O objeto e o método da Sociologia segundo Durkheim

Vamos começar destacando o objeto da Sociologia de Durkheim e os princípios fundamentais de sua proposta metodo-lógica. O autor iniciou seus estudos sob a influência da tradição positivista, para a qual só importavam os fatos observáveis. Sua teoria sobre a investigação social parte de um postulado claramente positivista: “Os fatos sociais devem ser tratados como coisas.” Apesar de sua herança positivista, Durkheim advertiu que, embora Comte e Spencer considerassem os fenômenos sociais como fatos naturais, a Sociologia da qual se ocupavam era de “conceitos” (ideias, abstrações) e não de “coisas”, isto é, realidades exteriores passíveis de observação, descrição e comparação.

Em uma das suas obras fundamentais, *As regras do método sociológico*, Durkheim formulou o objeto da Sociologia: os fatos sociais. Mas, afinal, o que são os fatos sociais? O autor os define como as maneiras de agir, de pensar e de sentir que

existem independentemente das consciências individuais, sendo, portanto, realidades exteriores aos indivíduos. Então, trata-se de uma definição que diz respeito às manifestações do indivíduo como ser coletivo.

É um fato social toda a maneira de fazer, fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coação exterior; ou, ainda, que é geral no conjunto de uma dada sociedade, tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais (DURKHEIM, 1966).

Durkheim define a especificidade dos fatos sociais a partir de três características.

1. Coerção: refere-se à força que os fatos sociais exercem sobre os indivíduos, levando-os a aceitar as regras da sociedade em que vivem. Essa força se revela quando o indivíduo se comunica por meio de um determinado idioma, quando se submete a um tipo de constituição familiar, quando está subordinado a um determinado código de leis ou a um sistema de moeda e de crédito utilizado nas práticas comerciais, entre outros.

Apesar de não ser percebida pelos indivíduos, a coerção exercida pelos fatos sociais se manifesta pelo constrangimento ou pelas punições que o indivíduo está passível de sofrer, caso se rebele contra eles. Por exemplo: um indivíduo adulto que andar totalmente desnudo em local inapropriado em nossa sociedade estará sujeito a punições legais e espontâneas, como a discriminação social, em decorrência de uma ação inadequada à sociedade a qual pertence, ou melhor, por não se enquadrar nos padrões de conduta socialmente estabelecidos.

2. Exterioridade: as regras sociais, os costumes e as leis existem antes do nascimento das pessoas. São, portanto, dotados de existência exterior aos indivíduos. De acordo com Durkheim, o processo de internalização dessas regras e costumes ocorre por meio da educação, que os transforma em hábitos.

Quando desempenho meus deveres de irmão, de esposo ou de cidadão, quando me desincumbo de encargos que contraí, cumpro deveres que estão definidos fora de mim e de meus atos, no direito e nos costumes. Mesmo estando de acordo com sentimentos que me são próprios, sentindo-lhes interiormente a realidade, esta não deixa de ser objetiva, pois não fui eu quem os criou, mas recebi-os através da educação (DURKHEIM apud CASTRO, 1987).

3. Generalidade: é social todo fato que é geral, ou seja, que se repete na maior parte dos indivíduos. Dessa maneira, os fatos sociais possuem uma natureza coletiva como as formas de organização da família, de comunicação, de habitação, de se vestir etc. Esses aspectos da vida social se constituem em formas padronizadas de conduta que se impõem aos indivíduos de forma coercitiva. O autor afirma:

Não podemos escolher as formas de nossas casas, nem a de nossas roupas, pois uma é tão obrigatória quanto a outra. As vias de comunicação determinam de maneira imperiosa o sentido em que se fazem as migrações interiores e as trocas, e até mesmo a intensidade de tais trocas e tais migrações etc. (...) Tais maneiras de ser não passam de maneiras de agir consolidadas. A estrutura política de uma sociedade não é senão o modo pelo qual os diferentes segmentos que a compõem tomaram o hábito de viver uns com os outros. Se suas relações são tradicionalmente estreitas, os segmentos tendem a se confundir; no caso contrário, tendem a se distinguir. O tipo de habitação a nós imposto não é senão a maneira pela qual todo o mundo, em nosso redor – em parte as gerações anteriores – se acostumou a construir as casas (DURKHEIM apud CASTRO, 1987).

Agora que você já conhece o objeto da Sociologia de Durkheim, chegou o momento de apresentarmos os princípios fundamentais de sua proposta metodológica. Na realidade, o autor estabeleceu algumas regras que deveriam seguir o sociólogo na análise dos fatos sociais com o intuito de revelar as leis que os comandavam.

A primeira regra fundamental consiste em tratar os fatos sociais como “coisas”, isto é, realidades exteriores passíveis de observação, descrição e comparação.

A segunda regra estabelece que o cientista deve se afastar de todas as pré-noções ou ideias preconcebidas sobre os fatos observados. Tal atitude refere-se à distância ou neutralidade que o cientista deve ter em relação ao objeto de estudo, princípio básico da análise científica. Caso contrário, o pesquisador olhará a sociedade a partir dos valores que adquiriu na vida, valores que não têm caráter científico para Durkheim.

A terceira regra é o caráter convencional de uma prática ou instituição social. Assim, o objeto de investigação deve ser um grupo de fenômenos que possuem características exteriores comuns e que tenham sido definidos previamente. É esse agrupamento dos fatos sociais que vai permitir ao cientista entrar em contato direto com a realidade a partir da observação.

Quanto à última regra, Durkheim estabelece que o pesquisador deve considerar os fatos sociais naqueles aspectos em que se apresentam em suas manifestações coletivas ou gerais, distinguindo-se dos fenômenos individuais ou isolados. Logo, o cientista nunca pode supor que o fato social é fruto do indivíduo ou de partes do todo.

Desse modo, para o autor, interessava conhecer os fenômenos que ocorriam com regularidade na estrutura da sociedade. Assim, fatos inaceitáveis desde um ponto de vista moral, como o crime, por exemplo, são para ele fatos normais desde um ponto de vista científico, dadas as suas características de objetividade e regularidade. Além disso, atos considerados profundamente individuais, como o suicídio, são passíveis de análise sociológica.

Durkheim demonstra que os fatos sociais têm existência própria e independem daquilo que pensa ou faz cada indivíduo em particular. Ele afirma que, no interior de qualquer grupo ou sociedade, existem formas padronizadas de conduta e de pensamento. Essas formas correspondem ao que o autor denominou *consciência coletiva*, isto é, “o conjunto das crenças e dos sen-

timentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade" que "forma um sistema determinado com vida própria".

Pois bem, considerando que o indivíduo é dominado por essa consciência coletiva e que a mesma não resulta da soma das consciências individuais, mas emerge do existir em sociedade, Durkheim afirma que é nessa consciência coletiva que devem ser buscadas as causas ou a origem dos fatos sociais.



Atividades

Atendem ao Objetivo 1

1. Identifique as características do objeto da Sociologia e os princípios fundamentais do método sociológico proposto por Durkheim.

[illegible]

2. O que é consciência coletiva, para Durkheim?

[illegible]

Respostas Comentadas

1. Os fatos sociais, objeto da Sociologia de Durkheim, são, ao mesmo tempo, coercitivos, dotados de existências exteriores aos indivíduos e gerais, atingindo toda a sociedade ou, pelo menos, a maior parte dela. São, portanto, aquilo que as pessoas fazem, pensam ou sentem, independentemente de suas consciências ou vontades individuais.

Um dos princípios fundamentais do método sociológico proposto por Durkheim é o tratamento dos fatos sociais como “coisas”, isto é, realidades exteriores e objetivas passíveis de observação, mensuração e comparação. O autor também defende a imparcialidade e a objetividade do cientista na análise desses fatos, regras que ele chama de verdadeira ciência. Por fim, de acordo com Durkheim, para realizar tal análise, o cientista precisa identificar, dentre os fenômenos gerais e regulares, aqueles que apresentam características exteriores comuns, o que distingue a sua natureza sociológica.

2. Segundo Durkheim, a consciência coletiva corresponde às formas padronizadas de conduta e de pensamento que se impõem aos indivíduos e que existem no interior de qualquer grupo ou sociedade. Para o autor, a consciência coletiva não se baseia na consciência dos indivíduos ou de grupos, mas em toda a sociedade. Logo, essa consciência não é o produto das consciências individuais, mas algo que surge do viver em sociedade. Portanto, ela aparece como regras socialmente estabelecidas que definem o que é considerado imoral, reprovável ou criminoso em uma sociedade.

A função das instituições sociais

É importante que você saiba que, dentre as preocupações de Durkheim, estava a compreensão dos mecanismos de coesão social, ou seja, de integração geral da sociedade. Para ele, são as instituições sociais os componentes que mantêm a estabilidade da organização da sociedade e satisfazem as necessidades dos indivíduos que nela vivem. Desse modo, para o autor, os principais problemas da Sociologia consistiam em procurar compreender a constituição e o funcionamento das instituições sociais.



As instituições sociais são elementos da estrutura social que constituem um conjunto de regras e normas para satisfazer as necessidades e os interesses coletivos e realizar certas atividades. Todas as atividades humanas, inclusive as econômicas, são institucionalizadas, isto é, orientadas por valores e reguladas por normas. Isso não significa, porém, que as instituições são a causa de todos os fenômenos sociais.

Por exemplo, a família, como instituição social, orienta e regula as relações de parentesco e as formas de organização familiar que refletem as imposições da realidade coletiva para a própria sobrevivência da família como instituição social. Assim, ela promove a socialização primária, processo pelo qual as crianças, nos primeiros anos de vida, aprendem as regras e normas culturais da sociedade em que nascem.

De fato, a família, em princípio, refere-se a um grupo de parentesco. Todavia, ela não se limita a um grupo constituído de mãe, pai e filhos, já que existem vários tipos de estrutura familiar, como a monogâmica, a poligâmica, a patriarcal, a homoparental e a homossexual. Nas sociedades do tipo urbano-industrial, há o predomínio da família nuclear, que é constituída de pai, mãe e filhos, conforme apresentada na **Figura 3.1**, a seguir.



A família é um grupo social primário. Ela é entendida como um agente transmissor de cultura e riqueza e de manutenção do controle social. Apesar de variar em sua estrutura e organização, essa instituição social encontra-se em todo o mundo. De acordo com o antropólogo George Murdock, a família satisfaz quatro funções fundamentais: sexo, procriação, socialização e cooperação econômica.



Figura 3.1: Família nuclear, um tipo de constituição familiar.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/763556>

É nesse sentido que Durkheim destaca o papel da educação no processo de internalização das regras socialmente estabelecidas, condição fundamental para o funcionamento e a manutenção da sociedade.

A sociedade não pode sobreviver, a não ser que exista entre seus membros homogeneidade suficiente: a educação perpetua e reforça essa homogeneidade fixando de antemão, na alma da criança, as similitudes essenciais exigidas pela vida coletiva. Mas, por outro lado, sem uma certa diversidade, toda cooperação seria impossível: a própria educação assegura a persistência dessa diversidade necessária, diversificando-se e especializando-se (...). A educação é, na verdade, um meio pelo qual a sociedade prepara, no íntimo das crianças, as condições essenciais de sua própria existência (DURKHEIM, 1968).

Você pode considerar, portanto, que, para Durkheim, a educação, entendida como socialização, constitui-se em um importante mecanismo de coerção social e de manutenção da estrutura da sociedade.



Para que você entenda com maior clareza a coerção que a educação, como agente socializador, exerce sobre os indivíduos, sugerimos que assista ao videoclipe *The Wall*, da banda de rock progressivo Pink Floyd, no qual você vai poder verificar o papel coercitivo da educação.

Para concluir a primeira parte de nossa aula, é importante que você saiba que os fatos sociais definidos por Durkheim constituem elementos fundamentais para a organização e para o desenvolvimento do turismo responsável. Na realidade, a prática social do turismo está vinculada diretamente a outras práticas e instituições da sociedade, como a educação, as normas e leis, a religião, a família, a moeda, as práticas comerciais etc. São essas instituições que, segundo o autor, mantêm a integração da sociedade, ou melhor, a coesão entre seus membros.

Isso significa que o turismo deve se ater às instituições sociais, políticas, jurídicas e econômicas da sociedade em que se desenvolve. Em outras palavras, a atividade turística tem de se adaptar às estruturas do grupo ou da sociedade na qual se desenvolve. Caso contrário, terá a insustentabilidade como resultado inevitável.



Atividades

Atendem ao Objetivo 2

3. Comente o pressuposto de que a educação é um mecanismo de manutenção da estrutura da sociedade, presente no pensamento de Durkheim.

4. Agora, cite alguns exemplos que evidenciam a importância das instituições sociais para a manutenção e o funcionamento da estrutura da sociedade, relacionando-os com o turismo entendido como uma prática social.

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Respostas Comentadas

3. A educação, entendida como processo de socialização, constitui um mecanismo de transmissão cultural – no sentido amplo do termo (valores, crenças, normas, atitudes, experiências, representações etc.) –, realizado primariamente pela família, que leva os indivíduos a organizarem um modo de vida e uma determinada visão de mundo. Para Durkheim, a educação entendida como atividade social é o principal mecanismo de constituição e de manutenção dos sistemas sociais. Como ele observou, a educação prepara as crianças para a vida na sociedade em geral, transmitindo-lhes ideias e valores sociais comuns. Assim, para o autor, a educação não é um elemento para a transformação social, mas um instrumento fundamental para a manutenção e o funcionamento da estrutura da sociedade.

4. De acordo com Durkheim, as instituições sociais mantêm a estabilidade da sociedade. Logo, todas as práticas humanas são institucionalizadas socialmente, isto é, são orientadas por valores e reguladas por normas. Desse modo, a educação, já citada na questão anterior,

transmite normas, regras, valores e crenças necessários à manutenção da sociedade. No caso do turismo, a educação assume extrema importância, sobretudo no desenvolvimento da prática e do costume de viajar, do conhecer o desconhecido da cultura do outro e o conhecido socialmente, bem como na formação para o turismo responsável, que respeita a cultura e o meio ambiente local. Um outro exemplo são as atividades econômicas, visto que elas também são institucionalizadas, assim como todas as práticas humanas. Dessa forma, elas orientam e regulam a atividade turística por meio das práticas comerciais do país ou da região onde se desenvolve.

A divisão do trabalho e a solidariedade

A partir de agora, você vai conhecer o princípio básico da Sociologia de Durkheim: a solidariedade, que é, para ele, um fundamento da vida social. Segundo o autor, essa solidariedade não é uma coisa estática, mas uma “lei do desenvolvimento”. Ela institui as forças que mantêm a união entre os membros de uma coletividade, ou seja, solidificam a coesão interna e os vínculos existentes entre grupos sociais.

Durkheim indicou a existência de importantes mudanças entre sociedades primitivas e modernas, causadas pelo aumento da *divisão do trabalho social*. Para o autor, essa divisão transcendia o âmbito meramente econômico, daí a necessidade de investigar as classes de coesão social que impõem os diferentes tipos de solidariedade, constituídas de acordo com a evolução da sociedade. Ele considerou, portanto, que a função dessa divisão não consistia unicamente em aumentar o rendimento das tarefas, senão em fazê-las mais solidárias.

Buscamos em nossos amigos as qualidades das quais carecemos, pois, unido-nos a eles, participamos de alguma maneira da sua natureza e nos sentimos então menos incompletos. Formam-se assim pequenas associações de amigos onde cada um tem seu papel conforme o seu caráter, onde há uma verdadeira troca de serviços. Um protege, o outro consola; este aconselha, aquele executa, e é esta partilha de funções, ou, para empregar a expressão consagrada, esta

divisão do trabalho que determina estas relações de amizade. Assim, somos conduzidos a considerar a divisão do trabalho sob um novo aspecto. Neste caso, com efeito, os serviços econômicos que ela pode prestar são pouca coisa ao lado do efeito moral que ela produz, e sua verdadeira função é criar entre duas ou várias pessoas um sentimento de solidariedade (DURKHEIM, 1995).

Em relação aos tipos de solidariedade, conforme o autor, nas sociedades primitivas predominava uma *solidariedade mecânica*, a qual se origina nas semelhanças entre os indivíduos que são unidos pelo compartilhamento de ideias, costumes, crenças e hábitos. Nessas sociedades, o indivíduo existe como membro do grupo, imperando o direito repressivo ou penal. Assim, as vontades individuais se orientam em um mesmo sentido, isto é, a consciência coletiva exerce seu poder de coerção sobre os indivíduos. Desse modo, toda conduta desviada merece punição severa, já que o delito fere os sentimentos grupais, podendo gerar um processo de desintegração.

Por outro lado, nas sociedades modernas, predominava a *solidariedade orgânica* em função do processo de divisão do trabalho social, e as conseqüentes diferenças entre os indivíduos conduziam a uma independência das consciências. Nessas sociedades, o direito imperante é o civil e contratual, que deriva de relações cooperativas entre iguais. Trata-se de uma solidariedade que se fundamenta na diferença e na interdependência entre os indivíduos, fazendo com que os mesmos se comportem como um organismo. Isso significa que a consciência individual acaba sendo mais livre e, assim, preponderando sobre as representações coletivas. A sociedade moderna, portanto, fundamenta-se mais na complementariedade do que na semelhança.

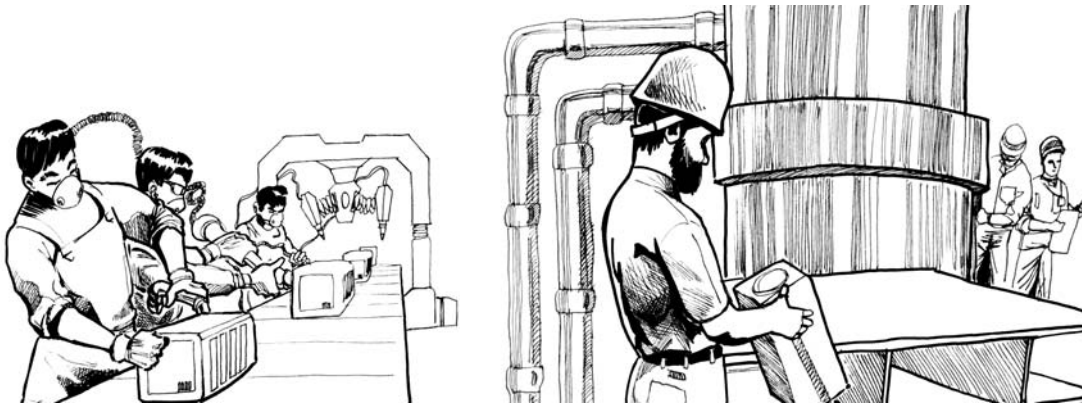


Figura 3.2: A divisão social do trabalho, origem da solidariedade orgânica em Durkheim.

■ A **anomia** faz referência a situações em que se produz uma ausência de normas, porém também de conflito de normas, geradoras de confusão moral e mental. Segundo Durkheim, a anomia aumenta quando diminui a coesão social e diminui com o aumento da integração social.

Não podemos esquecer que Durkheim não estava interessado apenas na coesão social, mas também na desorganização social. Para ele, a divisão do trabalho social e o excessivo especialismo podem enfraquecer a solidariedade orgânica e gerar uma sociedade fragmentada psicológica e moralmente. Com isso, ocorrem estados sociais de **anomia**, cujas consequências podem envolver desde a luta de classes e o conflito laboral até o aumento dos índices de delinquência, de criminalidade ou de suicídio.

Foi exatamente isso o que aconteceu no século XIX. Nesse período, conviveram as duas formas de solidariedade, o que gerou conflitos sociais. Houve, então, a sensação de caos, mas na verdade estava se formando uma nova ordem social, já apontada na primeira aula. Assim, para Durkheim, foi o surgimento da sociedade moderna, na Europa, que assinalou a ruptura entre solidariedade mecânica e solidariedade orgânica, ou seja, foi a mudança da sociedade feudal para a sociedade moderna que representou a passagem de um nível de solidariedade para o outro.

Para Durkheim, à medida que se aprofundava o processo de modernização, o tecido social perdia integração. Podemos perceber que o estudo clássico do autor sobre o suicídio é um exemplo da sua preocupação pelo estado moral das sociedades

modernas, ou melhor, pelas fissuras que apresenta sua coesão. Durkheim tomou o suicídio, um ato individual, e tentou interpretá-lo sociologicamente. Para ele, a explicação do suicídio deveria ser encontrada na sociedade.

Para esclarecer a dúvida se o suicídio resultava de uma combinação de diversos fatores ou se era consequência de um único fator, o autor relacionou as taxas de suicídio com as características dos meios sociais respectivos (crenças e práticas religiosas, estrutura familiar, meio político, grupo ocupacional etc.), estabelecendo três tipos de suicídio:

1. Egoísta: o suicídio egoísta é proporcional ao grau de integração dos grupos dos quais o indivíduo é parte. Durkheim mostra como a intensidade dos vínculos religiosos, familiares e políticos atua como fator contra o suicídio. Ele verificou, por exemplo, que os suicídios eram mais frequentes entre protestantes do que entre católicos, já que a ética individualista e competitiva havia penetrado mais nos primeiros do que nos segundos.

2. Altruísta: o suicídio altruísta também é proporcional ao grau de integração do grupo, porém é um caso oposto ao suicídio egoísta. Ocorre mais entre os povos que mostram baixo grau de suicídio egoísta. É esse o caso do soldado que entrega sua vida em um ato de heroísmo, dos camicases, dos homens-bomba da insurgência palestina; ou seja, são indivíduos que se dão a uma causa de seus povos, a um projeto coletivo.

3. Anômico: o suicídio anômico é consequência do enfraquecimento dos laços sociais em uma situação de anomia social, isto é, quando falta uma definição das normas de conduta a seguir. Tanto as crises como os estados de euforia econômica minam certos modos de coesão social. Quando isso ocorre, os que mais sofrem são os membros menos integrados.

Visto isso, podemos observar que, nos três casos apontados, o suicídio está relacionado, de modo regular, a um elemento em comum: a coesão interna ou a integração afetiva do grupo cujo membro tenha dado fim à sua vida. Desse modo, Durkheim lança a hipótese de que a constituição moral da sociedade, isto

é, o grau de solidariedade interna e de integração de cada coletividade e grupo, é o que determina a taxa de suicídio. É nesse sentido que destacamos a maior contribuição de Durkheim para a análise dos processos ligados ao turismo.

Por ser uma atividade complexa, que envolve vários aspectos e setores da vida social, o turismo pode gerar solidariedade social, quando promove o fortalecimento do convívio comunitário e das capacidades associativas de grupos sociais, aumentando as redes de solidariedade etc.

Por outro lado, o turismo também pode causar a desintegração social, quando desconhece as normas que regulam a vida social local, quando destrói os meios de sobrevivência de comunidades ou grupos locais, quando exclui grupos sociais do processo produtivo e decisório etc. Além disso, o turismo também pode gerar a fragmentação social quando se removem os elementos “indesejados” do espaço para o consumo turístico sem qualquer relação com a história e a cultura locais ou quando se descaracterizam os espaços e as paisagens em nome do dinamismo da cultura e do lazer.



Atividade

Atende ao Objetivo 3

5. Assinale as classes de coesão social que impõem os tipos de solidariedade definidos por Durkheim.

Resposta Comentada

Durkheim distinguiu dois tipos de solidariedade, de acordo com a evolução da sociedade. Segundo o autor, nas sociedades primitivas predomina a solidariedade mecânica, baseada na semelhança entre os indivíduos. Assim, o indivíduo pensa, age e sente conforme os padrões determinados pelo grupo social ao qual pertence. Nesse caso, a diferença é vista como uma ameaça à integração do grupo. Logo, a coesão se mantém, segundo uma cooperação na qual cada indivíduo realiza aproximadamente as mesmas operações e tarefas, com um grau mínimo de diferenciação. A divisão social do trabalho é inerente às sociedades modernas. Essas sociedades mantêm sua coesão mediante outro tipo de cooperação, denominado, por Durkheim, solidariedade orgânica, na qual predominam a especialização de tarefas e sua mútua complementariedade. Em outras palavras, a solidariedade orgânica é fundamentada na diversidade e na cooperação; esta última é necessária em função da divisão social do trabalho. Há, portanto, um reconhecimento da diferença entre os indivíduos, vistos a partir de sua vocação e de seu potencial.

Conclusão

O conceito e as características do fato social delimitam o objeto de estudo da Sociologia de Durkheim. Considerado o primeiro grande teórico da Sociologia, Durkheim não estava apenas interessado no conjunto de normas e crenças partilhadas socialmente, isto é, na consciência coletiva, mas também no que causava a desorganização social, fenômeno denominado, pelo autor, anomia. Preocupado com as leis de evolução social, o autor também se ateu às formas de solidariedade nas sociedades primitivas e modernas, assim como às instituições sociais e seu papel na manutenção da organização social, por exemplo, a educação, a família e a religião.



Atividade Final

Atende ao Objetivo 3

Durkheim afirma que o processo da divisão social do trabalho produz solidariedade social, ou seja, a integração geral da sociedade. De que maneira o turismo, entendido como um fenômeno social complexo, pode produzir solidariedade ou, ao contrário, a fragmentação social?

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Resposta Comentada

O turismo proporciona contato entre as pessoas. Nesse sentido, ele promove o encontro de grupos sociais e culturas distintas, produzindo solidariedade social. Por ser um fenômeno social complexo que envolve aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais, o turismo integra diversos setores da vida social. Assim, sua organização e seu desenvolvimento implicam uma interdependência entre esses setores, tornando-os mais solidários. Por outro lado, o turismo também pode produzir fragmentação social, quando destrói modos de vida e a identidade da localidade onde se desenvolve; quando gera conflitos decorrentes do desconhecimento das normas que regulam a vida social local; quando gera exclusão a partir da destruição de formas de existência dos grupos sociais locais, podendo gerar a diminuição da integração social.

Resumo

O objeto da Sociologia de Durkheim são os fatos sociais, dotados de coerção, exterioridade e generalidade. O autor proporcionou algumas regras que devem seguir o cientista social: inicialmente, deve tratar os fatos sociais como “coisas”; em seguida, deve despir-se de todas as pré-noções; só se deve tomar como objeto de estudo um grupo de fenômenos que possuem características em comum e que sejam definidos previamente; e, por último, os fatos sociais devem ser considerados naqueles aspectos em que se apresentam em suas manifestações coletivas ou gerais. Para Durkheim, a divisão social do trabalho produz solidariedade social. Ele distinguiu formas de solidariedade de acordo com a evolução da sociedade. Nas sociedades primitivas, predomina a solidariedade mecânica ou por semelhança e, nas sociedades modernas, predomina a solidariedade orgânica, fundamentada na cooperação. A divisão social do trabalho também pode produzir uma sociedade fragmentada e estados de anomia, uma ausência de normas ou conflitos de normas sociais, cujas consequências podem gerar um incremento dos índices da criminalidade ou do suicídio. De acordo com Durkheim, a anomia aumenta quando diminui a coesão social e diminui quando aumenta a integração social.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, você irá conhecer Max Weber, outro importante autor da Sociologia, e a sua busca pela compreensão do sentido da ação social.

4

Weber e a compreensão da ação social

Meta da aula

Apresentar a contribuição da teoria de Max Weber para o pensamento sociológico.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 reconhecer o conceito de ação social como sendo a base da reflexão acerca da conduta dos indivíduos em interação social;
- 2 distinguir ação social de relação social;
- 3 identificar a relação entre ação social e o estudo do fenômeno turístico.

Pré-requisitos

Para que você encontre maior facilidade na compreensão desta aula, sugerimos que esteja bem atento aos conceitos discutidos na Aula 3, para que você possa contrapor o pensamento de Durkheim e Weber.

Introdução

Na Aula 3, você estudou o pensamento e a teoria de Émile Durkheim, considerado o primeiro grande teórico da Sociologia, pois suas idéias se distinguiram dos demais positivistas, tendo em vista a organização, a metodologia e os pressupostos teóricos que suas obras imprimiram. Agora apresentaremos Max Weber, importante pensador e grande sistematizador da Sociologia na Alemanha. Weber, assim como Durkheim, estava interessado em entender o funcionamento das sociedades, mas a forma como cada um destes autores conduziu suas reflexões e construíram seus referenciais teóricos resultaram em explicações cujas perspectivas são contrapostas.

O contraste entre as formas de explicação durkheimiana e weberiana está apoiado nas perspectivas filosóficas que cada um desses autores possuía em termos de formação acadêmica. Como você viu na Aula 2, quando estudamos o positivismo e sua herança para a Sociologia Científica, o Positivismo, como corrente filosófica, contrapunha-se ao idealismo. A manifestação que melhor expressa o contraste entre Durkheim e Weber refere-se à maneira como cada uma dessas correntes entende e pensa a História. Para o Positivismo, do qual Durkheim é um dos herdeiros, a História é o processo universal de evolução da humanidade, cujos estágios o cientista poderá perceber e conhecer através do método comparativo, capaz de aproximar sociedades humanas de todos os tempos e lugares. Nessa perspectiva, a História particular de cada sociedade desaparece diluída nessa lei geral que os pensadores positivistas tentaram reconstruir, como vimos na Aula 2, pelo pensamento de Augusto Comte.

A posição positivista era a de valorização apenas da lei da evolução, a generalização e a comparação entre as formações sociais, aspectos que quando enfatizados não permitem a observação da importância dos processos históricos para a explicação dos fenômenos sociais. Weber, devido a sua formação e menos influenciado pelo pensamento positivista, se opõe a este tipo

de explicação para os fenômenos sociais e nasce desta oposição a grande contribuição da sociologia alemã, na figura de Max Weber. Você deve ter observado ao longo das leituras do conteúdo dessa disciplina que, a cada aula, o autor analisado e sua teoria vêm sempre acompanhados do contexto histórico e social que o mesmo vivenciou durante sua produção intelectual. Com Weber não será diferente, pois o contexto histórico e social de sua terra natal – a Alemanha – fornece bastante material para o entendimento do pensamento weberiano, como veremos a seguir.

Um pouco da história alemã



Figura: 4.1: Mapa da Alemanha.

Conforme dissemos na Introdução, o autor que você está estudando nesta aula é natural da Alemanha, que vem a ser um país localizado na parte central da Europa. Geograficamente, a Alemanha é limitada ao norte pelo Mar do Norte, pela Dinamarca e pelo Mar Báltico, a leste pela Polônia e pela República Checa, ao sul pela Áustria e pela Suíça e a oeste pela França, Luxemburgo, Bélgica e Países Baixos. A capital do país é Berlim e a língua nacional oficial é o alemão.

As bases históricas do que é hoje conhecido como Alemanha tem sua origem no século X a.C., período no qual algumas tribos, que posteriormente ficaram conhecidas como **povos bárbaros**, se instalaram neste território e estabeleceram no local uma organização estável. No ano 53 a.C., essa região foi conquistada por Júlio César, imperador romano, que governou até ser assassinado no ano 44 a.C.

■ Povos bárbaros

Em relação a Roma, bárbaro era o povo não-submetido ao Império. Os povos bárbaros eram todos aqueles que não falavam o latim ou o grego, possuíam outras regras jurídicas e um modo de vida diferente do romano.

O Sacro Império Romano Germânico

Durante seu apogeu, o Sacro Império Romano Germânico possuía grande parte dos territórios que são hoje a Alemanha, Áustria, Suíça, Liechtenstein, Bélgica, Países Baixos, Luxemburgo, República Checa, Eslovênia, a região leste da França, o norte da Itália e o oeste da Polônia. A população era composta por diversas etnias, sendo a maioria pertencente à etnia alemã, e na extensão do império falava-se o idioma alemão (e seus diversos dialetos e derivados), línguas eslavas, além dos dialetos franceses e italianos. Embora tivesse conseguido reunir um território, um idioma, uma etnia comum, o Sacro Império nunca chegou a ser um estado nacional, devido à falta de unidade política. Assim, durante a maior parte de sua História, o Sacro Império foi apenas uma confederação, com forte conotação religiosa cristã, daí o prefixo 'sacro' constante na denominação do Império.



Sacro Império Romano

O Sacro Império Romano, que existiu desde o século VIII d.C. até 1806, é considerado o primeiro Reich alemão (Reich = Império, em alemão, termo usado para descrever os sucessivos períodos históricos do povo alemão). No momento de maior extensão territorial, o Império incluía o que são hoje a Alemanha, a Áustria, a Eslovênia, a República Checa, o oeste da Polônia, os Países Baixos, o leste da França, a Suíça e partes da Itália central e setentrional. A partir de meados do século XV, passou a ser conhecido como o “Sacro Império Romano da Nação Germânica”. O Império Alemão de 1871-1918 é chamado o Segundo Reich, de modo a indicar a sua descendência do império medieval. Seguindo o mesmo raciocínio, Adolf Hitler referia-se à Alemanha Nazista (1933-1945) como o Terceiro Reich.

A unificação da Alemanha

Durante toda a primeira metade do século XIX, ainda não existia no mapa da Europa um país chamado Alemanha, unificado politicamente. O que existia era um conjunto de trinta e nove estados independentes, sendo a maioria deles economicamente agrícola e outros que iniciavam seus processos de industrialização. Esses estados eram mantidos sob a liderança da Prússia e da Áustria, formando a Confederação Germânica desde 1815.

Com o passar do tempo, nos diferentes Estados alemães, ganhava força um movimento a favor da unificação da Alemanha. Essas idéias eram difundidas principalmente por dois segmentos da sociedade: os nacionalistas e os empresários. Os primeiros pregavam a união étnica e cultural do povo alemão e os segundos defendiam a unificação política do país como um instrumento capaz de favorecer o desenvolvimento industrial e comercial. Após a unificação, a Alemanha acelerou seu desenvolvimento industrial, tornando-se uma das mais poderosas potências econômicas européias e que desperta em milhões de pessoas um grande interesse turístico, devido a sua história, sua cultura e belezas naturais.



Castelo da Cinderela



Castelo Neuschwanstein, localizado na Baviera. Foi construído no período de 1869 - 1886 pelo Rei Ludwig II da Bavária. Serviu de inspiração para Walt Disney ao projetar o castelo da Cinderela.

Figura 4.2: Castelo Neuschwanstein.

Fonte: www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/alemanha/...

Contexto social do pensamento weberiano

O crescimento industrial e as inovações técnicas ocorridas na Europa durante o século XIX conduziram todo o planeta a uma série de transformações geopolíticas. A produção industrial crescia a cada dia e obrigava os empresários a buscarem novos mercados, pois era necessário expandir o universo econômico. Por esse motivo, as grandes potências partiram para uma nova corrida colonial, lançando-se à conquista de novas terras pelo mundo. Esse momento histórico ficou conhecido como novo colonialismo ou neocolonialismo (também chamado imperialismo) e diferenciava-se essencialmente do anterior porque foi impulsionado no contexto do capitalismo industrial e financeiro, gerando entre as grandes potências europeias um clima de competição e disputas por matérias-primas e mercados consumidores. A corrida neocolonialista foi dirigida especialmente para a África e para a Ásia, sendo que, quando nos referimos ao conti-

nente africano, o fenômeno da dominação imperialista europeia ficou conhecido como Partilha da África, pois mais de 90% deste continente estavam sob o domínio das nações europeias, com destaque para a França e a Inglaterra que possuíam a maior parcela de terras. Já no continente asiático, as principais regiões sob domínio inglês foram a Índia e a China, mas a expansão européia na Ásia enfrentou fortes resistências locais em diversos pontos do continente.

A Alemanha se unificou e se organizou como Estado nacional posteriormente ao conjunto das nações europeias, atrasando seu ingresso na corrida industrial e imperialista do século XIX. O imperialismo a que eram submetidas diversas culturas favoreceu a observação das especificidades das formações sociais e esta noção tornou-se um conceito de maior importância no pensamento alemão. Além desse ponto, o descompasso em relação aos demais países europeus fez o pensamento alemão ver a História como ciência da memória e da integração e capaz de explicar o nacionalismo. Por essas razões, podemos distinguir no pensamento alemão a preocupação com o estudo da diferença, pois era essa a característica de sua formação política e de seu desenvolvimento econômico.

O contexto social alemão ao apresentar uma realidade distinta de países como a França e a Inglaterra favoreceu o surgimento de uma explicação sociológica influenciada por outras correntes filosóficas e apoiada na sistematização de outras ciências humanas como a História e a Antropologia. Já a França, como vimos na Aula 2 quando estudamos o Positivismo, desenvolveu seu pensamento social sob a influência da filosofia positivista, adaptando os princípios e a metodologia das ciências físicas e biológicas à realidade social. Do contraste entre essas duas formas de construção da explicação sociológica, podemos perceber que o pensamento alemão voltou-se para a diversidade, enquanto o francês e o inglês, para a universalidade. Assim, observa-se, em quase todos os cientistas alemães que buscavam entender os fenômenos sociais, a facilidade em discernir

diversidades, a preocupação com a História e o esforço interpretativo (resultante do apego à interpretação das escrituras e livros sagrados).

No que se refere à Sociologia na Alemanha, o grande sistematizador foi Max Weber, cujo pensamento dominou e referenciou a análise das sociedades. Para Weber, a pesquisa histórica é essencial para a compreensão dos diversos grupos sociais, pois, ao serem baseadas na coleta de documentos e no esforço de interpretação das fontes, permitiria o entendimento das diferenças sociais, que na visão weberiana é fundamental, tendo em vista que, para ele, o que deve ser explicado e entendido é a gênese e a formação das sociedades e não os estágios de evolução, como pregava o positivismo.

Weber entende que na explicação dos grupos sociais deve ser respeitado o caráter específico de cada formação histórica e social. Mas, ao combinar ambas perspectivas: a histórica (que observa as particularidades de cada sociedade) e a sociológica (que ressalta os elementos mais gerais de cada fase do processo histórico), o autor esclarece que não deve haver uma ênfase na primeira, pois, para ele, uma sucessão de fatos históricos não faz sentido por si mesma. Assim, ele propôs uma análise sociológica guiada pelo método compreensivo, isto é, um esforço interpretativo do passado e de sua repercussão nas características particulares das sociedades contemporâneas.

Biografia de Max Weber

Max Weber nasceu em 21 de abril de 1864 na cidade de Erfurt, Turíngia (região da Alemanha). Filho de uma família da alta classe média, seu pai era jurista e também exercia a função de conselheiro municipal. Sua mãe descendia de uma família de professores, sendo uma mulher culta e de crença protestante.

Em 1882, Weber começou os estudos superiores como aluno do curso de Direito na Universidade de Heidelberg. Casou-se em 1893 e no ano seguinte aceitou lecionar a disciplina de Economia



Figura 4.3: Max Weber.

na Universidade de Freiburg. Paralelamente às aulas, Weber ministrava palestras. Lecionou também na Universidade de Heidelberg, onde conviveu com os grandes nomes da vida intelectual e social da cidade que dava o nome à Universidade.

Após retornar de uma viagem à Espanha no verão de 1898, Weber foi acometido de uma enfermidade psíquica que envolvia crises de tensão, esgotamento e ansiedade. Este quadro o acompanhou pelo resto de sua vida, sendo que, em determinados momentos, sua situação se agravava com fases de depressões severas e numa dessas foi internado em uma casa de saúde para doentes mentais. Sua enfermidade afetou seu trabalho e sua produção intelectual.

Em 1903, assumiu a posição de co-editor do Arquivo de Ciências Sociais, publicação extremamente importante no desenvolvimento dos estudos sociológicos na Alemanha. Ao morrer de pneumonia aguda em julho de 1920, Weber deixou uma grande quantidade de estudos incompletos, sendo os mesmos posteriormente organizados e publicados.

A obra mais conhecida de Weber é *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, na qual o autor relaciona o papel da religião protestante na formação do comportamento típico do capitalismo ocidental moderno. A partir de dados estatísticos que revelam a proeminência dos adeptos da Reforma Protestante entre os grandes homens de negócios, empresários bem-sucedidos e mão-de-obra qualificada, o autor procurou estabelecer conexões entre a doutrina e a pregação protestante, seus efeitos no comportamento do indivíduo e sobre o desenvolvimento capitalista. Ele descobre que os valores do capitalismo (poupança, austeridade, disciplina, vocação, dever e a propensão ao trabalho) atuavam de maneira decisiva sobre os indivíduos, pois, nas famílias protestantes, os filhos eram criados para o ensino especializado e para o trabalho fabril, optavam sempre por atividades mais propensas à obtenção de lucro e preferiam os estudos técnicos ou que envolvessem cálculos aos estudos humanísticos.

Max Weber deixou para a Sociologia uma contribuição importantíssima, pois em meio a uma tradição filosófica peculiar (alemã) que era bem diversa da França e da Inglaterra, vivenciando problemas particulares e também os de seu país, ele trouxe uma visão distinta do racionalismo positivista. Atualmente sua obra é referência obrigatória, tendo em vista que seu pensamento revelou o papel da subjetividade na ação e na pesquisa social, além de ter chamado a atenção para as particularidades históricas das sociedades.

A contribuição de Max Weber

Devido à enfermidade que o acometeu, Weber foi obrigado a afastar-se de seu trabalho como professor universitário e, de uma certa forma, teve sua produção intelectual fragmentada. Isso explica o fato de boa parte das reflexões weberianas terem sido expostas para o público no formato de ensaios e não em livros como aconteceu com Durkheim. Assim sendo, para analisarmos o pensamento weberiano devemos recorrer a estas obras fragmentadas e reuni-las através de um fio condutor que imprime uma linha de raciocínio e entendimento dos seus conceitos.

Objeto da Sociologia

De acordo com Weber, devemos entender a Sociologia como a ciência que pretende entender e interpretar a ação social para, a partir daí, explicar a causa e os efeitos da interação humana. Embora no pensamento weberiano cada formação social tenha adquirido especificidade e importância própria, pois são consideradas as particularidades históricas das mesmas, Weber esclarece que a análise sociológica não deve estar centrada nas entidades coletivas, nos grupos ou nas instituições e sim na ação social que vem a ser a conduta humana dotada de sentido, isto é, uma justificativa subjetivamente elaborada. Nessa perspectiva, é o Homem que dá sentido a sua ação social, tendo em vista que é ele quem estabelece a conexão entre o motivo, a ação propriamente dita e seus efeitos.

A sociologia weberiana está centrada na análise do indivíduo, mas deve ficar claro que é a ação social desempenhada por este indivíduo o objeto de estudos e investigação da Sociologia, não confundindo desta forma com a análise psicológica, tendo em vista que o que está em jogo para a Sociologia é o sentido da ação que leva o *indivíduo a agir considerando o outro*, pois é a partir daí que o sociólogo apreende e desvenda as distintas formações sociais.



Figura 4.4: Reunião de negócios.

Ação social: a base da teoria weberiana

Como foi conceituada anteriormente, *ação social* é a conduta humana dotada de sentido. O *sentido* é a expressão da motivação individual, formulado expressamente pelo agente ou implícito em sua conduta. O caráter social da ação resulta da interdependência dos indivíduos, pois cada um age sempre em função de sua motivação e da consciência de agir em relação a outros indivíduos. A ação social é orientada pelas ações dos outros, as quais podem ser: passadas, presentes ou esperadas como futuras. Mas nem toda classe de contato entre os homens tem, necessariamente, caráter social e, para demonstrar, Weber cita na obra *Economia e sociedade*, um exemplo que se tornou clássico: um choque de dois ciclistas é um simples acontecimento

de caráter equivalente ao de um fenômeno natural. Em compensação, pareceria uma ação social se houvesse a intenção de evitar o choque, ou então uma briga ou considerações amistosas subsequentes ao choque.

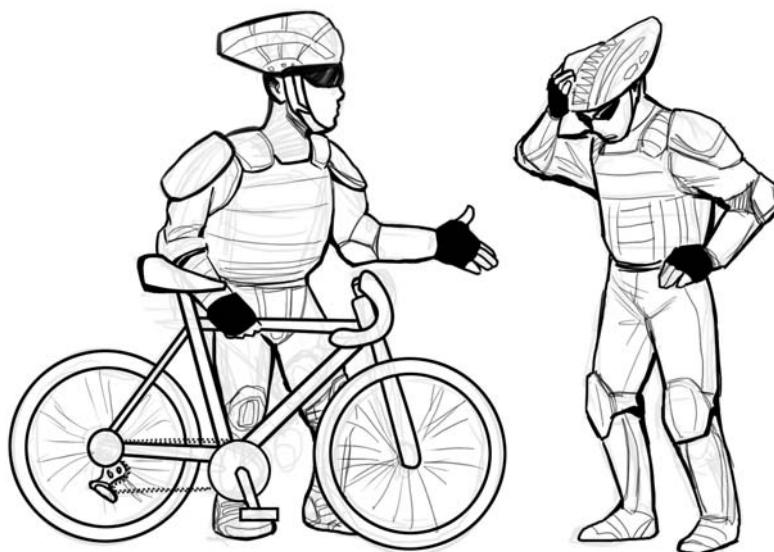


Figura 4.5: Choque entre ciclistas: ação social.

Weber esclarece que a ação social não é idêntica, pois não é uma ação homogênea de muitos e nem a ação de alguém influenciado pela conduta de outros. Para entendermos este ponto, recorreremos ao exemplo do próprio autor: quando, na

rua, começa a chover e uma quantidade de indivíduos abre, ao mesmo tempo, seus guarda-chuvas, a ação de cada um não está orientada pelos demais, a ação de todos é homogeneamente impelida pela necessidade de proteger-se da chuva.



Figura 4.6: Dia chuvoso: necessidade de proteção impelindo a ação.



Atividade

Atende ao Objetivo 1

1. Para entendermos se uma ação é social devemos prestar atenção ao contexto em que ela ocorre, pois a mesma ação pode ora ser classificada como social, ora não. Com base nesta afirmação, explique quando uma ação é social.

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Resposta Comentada

A ação social é orientada pelas ações dos outros, mas nem toda classe de contato entre os homens tem, necessariamente, caráter social. A colisão entre dois ciclistas é apenas um evento isolado comparável a uma catástrofe natural. Por outro lado, qualquer tentativa de um deles de evitar bater no outro, com insultos subsequentes, uma briga, ou mesmo uma discussão pacífica, constituiria uma forma de ação social. Qualquer ação, por mais individual que pareça, pelo simples fato de considerar o outro, fornece o sentido social à mesma.

Formas de ação social

Com base nas particularidades colocadas, acerca da ação social, chegamos ao que Weber classificou como formas ou categorias de ação social. Assim, temos:

1. Ação social em relação aos fins. Neste tipo, as ações são determinadas pela expectativa no comportamento, tanto de objetos do mundo exterior como de outros homens, sendo que

o sujeito da ação utiliza essas experiências como condições ou meios para alcançar seu objetivo, que foi racionalmente avaliado e perseguido. Por exemplo: trabalho em equipe.

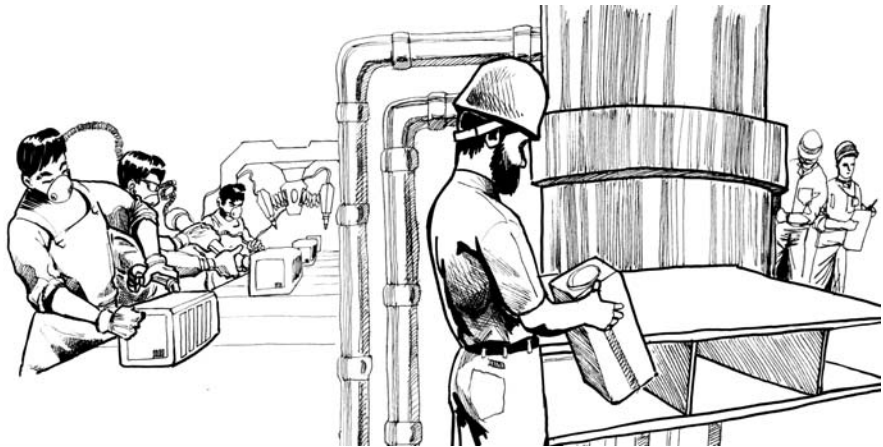


Figura 4.7: Operários trabalhando: ação social em relação aos fins.

No caso do turismo podemos mencionar como exemplo de ação social referente aos fins, um turista que escolhe seu destino de viagem levando em consideração o preço do pacote turístico, as acomodações do hotel, as facilidades de transporte, entre outras possibilidades.

2. Ação social em relação aos valores. São as ações determinadas pela crença consciente em valores que podem ser éticos, religiosos, estéticos ou de qualquer outra natureza, interpretados como absolutos em determinada conduta. Por exemplo: fiéis rezando.



Figura 4.8: Fiéis em momento de prece e louvor: ação social em relação aos valores.

Um turista certamente levará em consideração, ao escolher um destino turístico, os valores do grupo social ao qual pertence. As viagens realizadas por motivos religiosos são um exemplo deste tipo de ação social, pois uma viagem a Meca, por exemplo, é obrigatória para o muçulmano que tenha condição de realizá-la. Mas não somente as viagens religiosas entram nesta categoria, pois pode ser fundamental para determinada pessoa ou grupo de pessoas viajar para Nova Iorque porque todos os seus amigos já o fizeram.

3. Ação social afetiva. Determinadas pelas emoções ou por afetos e estados sentimentais presentes no momento da ação. Por exemplo: pai e filho se abraçando.

A escolha de determinado destino turístico pode ser determinada pela emoção ou sentimentos. Um casal, por exemplo, pode escolher em uma viagem de férias, voltar ao local onde se conheceram ou onde passaram a lua-de-mel.

4. Ação social tradicional. São as determinadas por costumes ou hábitos arraigados.



Figura 4.9: Pai e filho se abraçando: ação social afetiva.



Figura 4.10: Família assistindo à televisão: ação social tradicional.

Uma ação social tradicional pode motivar a escolha de uma destinação turística, pois os turistas podem escolher viajar em todos os finais de semana ou mesmo em feriados prolongados para o mesmo local.

As ações sociais não são orientadas exclusivamente por uma ou outra forma somente. É frequente, talvez mais comum, observarmos uma mesma ação orientada simultaneamente por mais de uma forma que se misturam e interpõem no momento de sua execução. Da mesma forma, as diversas ações sociais que ocorrem no turismo podem ser determinadas por vários tipos de ações. Assim, um destino turístico pode ser escolhido por determinado turista porque reúne em torno dele o fato de ser mais econômico (em relação aos fins), por lembrar uma experiência feliz (ação social afetiva), por ser o lugar que o turista visitava com seus pais quando criança (ação tradicional) etc.

Uma ação, por mais individual que pareça, pelo simples fato de considerar o outro, fornece sentido social à mesma. Por outro lado, para que se estabeleça uma relação social é preciso que o sentido seja compartilhado. Assim, podemos definir relação social como a conduta plural, isto é, de várias pessoas, que pelo sentido que encerra, se apresente reciprocamente referida e se oriente por essa reciprocidade. Para facilitar a compreensão,

vejamos os seguintes exemplos:

Exemplo 1) Um indivíduo pede uma informação – Temos aqui uma ação social, pois ele tem um motivo e age em relação a outro indivíduo, mas tal motivo não é compartilhado;

Exemplo 2) Alunos em uma sala de aula – Temos aqui uma relação social, pois o objetivo da ação dos vários sujeitos é compartilhado.



Figura 4.11: Pedido de informação.



Figura 4.12: Alunos em aula.



Atividade

Atende ao Objetivo 2

2. No Centro de Artesanato do Ceará, localizado em Fortaleza (...) os artesãos são selecionados, recebem informações para aprimorar o trabalho, participam de cursos de requalificação e são orientados por *designers*, que contribuem para fazer o produto ser bem mais aceito pelos turistas... (Fonte: *Folha de S. Paulo*, SP, 25 de agosto de 2005. Caderno de Turismo, p. F-6).

Conforme vimos, os artesãos cearenses estão preparados para atender os turistas. Assim sendo, de acordo com os exemplos que você acabou de ler, qual classe de contato eles estão estabelecendo ao se prepararem para receber e atender os turistas?

Resposta Comentada

Na Atividade 1, ficou claro que nem toda classe de contato entre os homens tem, necessariamente, caráter social. Assim sendo, os indivíduos estabelecem ações sociais e relações sociais. Quando um indivíduo está somente considerando o outro, temos uma ação social e quando há a reciprocidade, isto é, o compartilhamento do sentido da ação, temos uma relação social. No caso em questão, como o enfoque está na preparação dos artesãos para receber os turistas, temos uma ação social, pois o artesão tem um motivo e age em relação a outro indivíduo, mas tal motivo não é compartilhado, tendo em vista que o turista não compartilhou esse momento de preparação.

Conclusão

A ação social para Weber é um componente universal e específico na vida social e fundamental para a organização da sociedade humana. O turismo, seja qual for o tipo de ação social envolvido, é um fenômeno social que pode ser analisado com base no modelo proposto por Weber. E, como tal, constitui-se de um conjunto de ações sociais que formam um todo complexo em torno da ação social fundamental que é a relação entre turistas e residentes.

Enquanto Durkheim priorizava a sociedade na análise dos fenômenos sociais, considerando-a externa aos indivíduos e determinadora de suas ações, Max Weber prioriza o papel dos atores sociais (indivíduos) e suas ações individuais reciprocamente referidas e, desta forma, no caso do turismo, sua teoria da ação social ajuda o profissional do turismo a entender que a motivação individual do turista, ou seja, sua opção em viajar para este ou aquele lugar, tem causas sociais.



Atividade Final

Atende ao Objetivo 3

A visita a amigos e parentes é a principal motivação das viagens domésticas, chegando a representar mais da metade – 53% – do total da demanda interna. Em segundo lugar, estão as viagens motivadas pelo sol e praia, que representam 41% e mantêm relação direta com a época de realização dessas viagens: 24% efetuadas em dezembro, mês com a maior incidência da movimentação turística, influenciada também pelo Natal, e janeiro, com 23% do total das viagens realizadas, em razão das férias de verão, como também o mês de fevereiro, posicionado como terceiro mês demandado, com 11%. (Fonte: www.bj.inf.br/conteudo. Acesso em 05/08/2006).

De acordo com a pesquisa, identifique o tipo de ação social presente na motivação das viagens que ocupam o primeiro e o segundo lugares respectivamente. Justifique sua resposta estabelecendo a relação entre a ação social e o estudo do fenômeno turístico.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Resposta Comentada

Através do conceito de ação social podemos observar que a motivação em viajar para determinado destino turístico envolve também causas que estão relacionadas aos valores do grupo social no qual o indivíduo está inserido. Assim sendo, Weber identificou quatro tipos de ações sociais (relação a fins, relação a valores, afetivas e tradicionais) e esclareceu que uma mesma ação pode ser orientada por mais de uma delas. No exemplo da pesquisa relatada, observa-se que em ambos os motivos, podemos encontrar e justificar os quatro tipos de ações sociais, fator que revela e comprova a relação entre a ação social e o fenômeno turístico.

Resumo

Max Weber, cientista social alemão, muito contribuiu para a teoria sociológica ao argumentar que a Sociologia é o estudo das interações significativas de indivíduos que formam uma teia de relações sociais, sendo o objetivo dessa ciência a compreensão da conduta social. Esta ênfase dada à compreensão subjetiva levou Weber a definir ação social como a conduta humana, pública ou não, a que o agente atribui significado subjetivo.

A ação social exprime o significado de uma ação que, quanto ao sentido visado pelo indivíduo, tem como referência o comportamento de outros, orientando-se por estes em seu curso. Desse modo, a ação social orienta-se pelo comportamento de outros, seja este passado, presente ou esperado como futuro. Os “outros” podem ser indivíduos e conhecidos ou uma multiplicidade de pessoas completamente desconhecidas. Por outro lado, “nem todo tipo de contato entre pessoas tem caráter social, senão apenas um comportamento que, quanto ao sentido, se orienta pelo comportamento de outra pessoa” (WEBER, 1991:14). Como foi mencionado durante esta aula, através do exemplo do choque entre ciclistas, este pode ser considerado um fenômeno natural quando ocorre, mas torna-se um fenômeno social, constituindo-se de ações sociais, quando ocorrem, por exemplo, tentativas de desvios de ambos, brigas ou discussões, ou ainda um posicionamento pacífico após o choque. Fica estabelecida a partir daí uma relação social entre ambos.

Nessa perspectiva, a interação turista-residente constitui-se num fenômeno social, pois seus agentes têm um ao outro como referência para seus atos. Da mesma forma, podem ser tratadas todas as interações existentes, no âmbito do turismo, que de modo geral tomam o comportamento do turista como referência, orientando seus atos a partir desse parâmetro. Outro aspecto relevante da teoria weberiana é a possibilidade de, ao observarmos a ação social dos diversos turistas, conseguirmos captar os motivos sociais que os fazem viajar ou escolher determinados destinos turísticos.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, iremos abordar a teoria de Karl Marx, outro importante pensador, cuja preocupação em entender e explicar o capitalismo resultou em uma abordagem altamente significativa para o pensamento sociológico.

5

Marx e a análise da sociedade capitalista

Meta da aula

Apresentar a contribuição de Karl Marx para o desenvolvimento da Sociologia em sua vertente crítica.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 identificar a relação entre o homem e a história proposta por Marx;
- 2 reconhecer o conceito de classe social, a base da reflexão de Marx acerca da estratificação social;
- 3 reconhecer a relação entre as contradições da sociedade capitalista e os processos sociais ligados ao fenômeno turístico.

Pré-requisito

Para que você encontre mais facilidade na compreensão desta aula, sugerimos que esteja bem atento aos conceitos discutidos na Aula 3. Assim, você poderá contrapor o pensamento de Marx e Durkheim sobre o processo de mudança social.



Karl Marx (1818-1883)

Karl Marx nasceu em Trêves, região da Prússia, no seio de uma família judaica. Em 1835, iniciou seus estudos em Direito na Universidade de Bonn. Em 1836, matriculou-se na Universidade de Berlim, onde se interessou pela história e pela filosofia. Em 1841, apresentou sua tese de doutorado em Filosofia intitulada *As diferenças da filosofia da natureza em Demócrito e Epicuro* pela Universidade de Iena. Mudou-se em 1843 para Paris, onde lançou os *Anais Franco-Alemães* e conheceu Friedrich Engels, seu companheiro de ideias e publicações. Em 1845, foi para Bruxelas participar da recém-fundada Liga dos Comunistas. Colaborou na fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores (Primeira Internacional). Suas principais obras foram: *A questão judaica* (1843), *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel* (1843), *A sagrada família* (1844), *Teses sobre Feuerbach-A ideologia alemã* (1845), *Miséria da filosofia* (1847), *Manifesto do Partido Comunista* (1848), *A luta de classes em França* (1850), *18 Brumário de Luis Bonaparte* (1852), *Contribuição à crítica da economia política* (1859), *O Capital* (1867).

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/>
Imagem: Karl_Marx.jpg

Introdução

Você já conhece dois autores considerados “clássicos” da Sociologia, Émile Durkheim e Max Weber, assim como suas perspectivas teóricas e metodológicas. Durkheim destacou que a sociedade é mais do que o conjunto dos indivíduos e que existem instituições, normas e valores que organizam o social. Assim, para ele, o ponto de partida na análise sociológica são os “fatos sociais”, os quais determinam as consciências e as ações individuais. Já Weber, em sua busca pela compreensão do sentido da “ação social”, destacou a importância da história e da subjetividade do indivíduo, agente da ação social. Portanto, apesar de considerar as especificidades históricas de cada formação social, a análise sociológica de Weber está centrada na conduta do indivíduo.

Nesta aula, iremos abordar alguns referenciais da obra de **Karl Marx (1818-1883)**, um autor que contribuiu para o desenvolvimento da Sociologia em sua vertente crítica. Como você já sabe, as consequências sociais das transformações produzidas pela moderna sociedade industrial foram decisivas para o surgimento da Sociologia. Marx assistiu ao aumento do número de fábricas e da produção industrial, bem como às desigualdades sociais daí resultantes. Assim, ele buscou entender a organização e o funcionamento da sociedade capitalista, visando às possibilidades da construção de uma nova ordem social que fosse pautada na justiça, na igualdade e na liberdade. Dessa forma, Marx não propôs apenas um método para análise dos processos sociais, mas um projeto para a ação política. Trata-se, portanto, de um aspecto singular da obra desse autor, cujo objetivo principal era desvendar os mecanismos de desigualdade e de exploração da sociedade capitalista moderna e construir estratégias políticas para a transformação social.

Materialismo histórico e método dialético

O materialismo histórico contestou a explicação de base divina ou transcendente dos processos sociais, creditando ao conhecimento científico a busca da compreensão e da explicação da realidade social. Marx acreditava numa ciência que deveria ser revelada e descoberta. Nesse sentido, propôs a busca da verdade partindo de seres reais e não abstratos, porque para ele a cultura da sociedade é um produto concreto da consciência humana em dadas condições materiais de existência. Trata-se de uma concepção materialista da realidade, com base científica, que preconiza que todo conhecimento é construído a partir de seu contexto histórico.

Os pressupostos de que partimos não são arbitrários, nem dogmas. São pressupostos reais de que não se pode fazer abstração a não ser na imaginação. São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas, como as produzidas por sua própria ação. Estes pressupostos são, pois, verificáveis por via puramente empírica (MARX; ENGELS, 1986).

Marx parte do pressuposto de que o homem é um animal que trabalha, cria o seu sustento e satisfaz suas necessidades. Para ele, é através da produção de seus meios de subsistência que o homem produz a sua vida material. Ademais, a maneira pela qual os homens produzem esses meios depende daqueles já encontrados e a serem produzidos. Dessa forma, a História e, portanto, os fatos sociais são consequências das condições materiais de produção humana, ou seja, das relações concretas do homem com a Natureza, as quais condicionam as relações dos homens entre si.

Nesse sentido, os conteúdos da consciência do homem são produtos da sua existência social. Na realidade, Marx refuta a ideia de uma consciência autônoma, já que, para ele, a origem da consciência está no processo de produção e de reprodução dos meios de vida humana, o qual supõe uma relação objetiva com a Natureza e com outros homens.

O conjunto das relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. A atividade própria da consciência é a produção de representações. Porém, o ponto de partida destas representações não advém da atividade pura da consciência, mas da produção concreta da vida.

A estrutura social e o Estado nascem continuamente do processo de vida de indivíduos determinados, mas destes indivíduos não como podem aparecer na imaginação própria ou alheia, mas tal e como *realmente* são, isto é, tal como atuam e produzem materialmente e, portanto, tal como desenvolvem suas atividades sob determinados limites, pressupostos e condições materiais, independentes de suas vontades. A produção das ideias, representações e da consciência está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias etc., mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde até chegar às suas formações mais amplas. A consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real (MARX; ENGELS, 1986).

Portanto, o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social e política em geral. Para citar um exemplo, conforme ilustrado na figura a seguir, a organização da luta dos trabalhadores rurais resultaria da tomada de consciência das suas condições materiais de vida e de trabalho. Em outras palavras, esses trabalhadores, ao partilharem da mesma situação de vida e de trabalho rurais, tomariam consciência de seus interesses em comum. Assim, eles organizariam a sua luta por melhores salários e condições de trabalho, constituindo uma arma contra os interesses dos seus empregadores.



Figura 5. 1: Manifesto de trabalhadores rurais.

Agora que você já conhece o pressuposto básico da análise de Marx, o materialismo histórico, chegou o momento de apresentarmos um dos princípios fundamentais de sua proposta metodológica, isto é, a dialética. Na realidade, a dialética nasce com a arte de dialogar, um conceito que passou por diversas fases do pensamento ocidental, variando de significado. Trata-se de um método que consiste em analisar a realidade pondo em evidência suas contradições e buscando superá-las.

O método dialético marxista é herdeiro da filosofia de Hegel (1770-1831), para o qual a dialética corresponde ao processo de construção do conhecimento, de modo que uma ideia suscita outra contrária e, quando antepostas, produzem uma terceira e, assim, sucessivamente. Em outras palavras, a dialética hegeliana parte do princípio da contradição, como a substância da realidade, a qual se supera num processo incessante conhecido como *tese*, *antítese* e *síntese*.

Apesar de ter sido influenciado pela filosofia hegeliana, para Marx o movimento do pensamento é o reflexo do movimento da realidade, isto é, das coisas existentes. Desse modo, enquanto para a dialética hegeliana as contradições se resolvem na filosofia, isto é, no âmbito das ideias e do pensamento, para a dialética marxista as contradições se resolvem na atividade histórica e social. Ademais, esse movimento da realidade não diz respeito apenas à simples observação dos fatos, mas implica a constituição conceitual do fenômeno observado pelo sujeito do conhecimento. Logo, a captação do fenômeno social estará submetida à crítica do observador, estando passível de transformação em uma forma mais evoluída.

Segue um trecho da interpretação dialética de Marx, destacando algumas das contradições que se manifestam na sociedade capitalista:

Hoje em dia, tudo parece levar em seu seio sua própria contradição. Vemos que as máquinas, dotadas da propriedade maravilhosa de encurtar e fazer mais frutífero o trabalho humano, provocam a fome e o esgotamento do trabalhador. As fontes de riqueza recém-descobertas se convertem, por artes de um estranho malefício, em fontes de privações. Os triunfos da arte parecem adquiridos ao preço de qualidades morais. O domínio do homem sobre a natureza é cada vez maior; mas, ao mesmo tempo, o homem se transforma em escravo de outros homens ou da sua própria infâmia. Até a pura luz da ciência parece só poder brilhar sobre o fundo tenebroso da ignorância. Todos os nossos inventos e progressos parecem dotar de vida intelectual as forças materiais, enquanto reduzem a vida humana ao nível de uma força material bruta. Este antagonismo entre a indústria moderna e a ciência, de um lado, e a miséria e a decadência, de outro; este antagonismo entre as forças produtivas e as relações sociais de nossa época é um fato palpável, esmagador e incontrovertível (MARX, 1856).

Você deve estar se perguntando: qual a importância do materialismo histórico e do método dialético marxista para a análise dos processos ligados ao turismo. A concepção materialista

da história é de importância fundamental para a compreensão do fenômeno turístico. O desenvolvimento do turismo ocorreu em um determinado momento da história, em diferentes lugares e de diferentes maneiras. Dessa forma, podemos concluir que as práticas sociais do turismo ocorrem no tempo e no espaço, sob determinadas condições econômicas, políticas, sociais e culturais. Logo, essas práticas resultam da dinâmica e das particularidades históricas da sociedade na qual se desenvolve.

Quanto ao método dialético, ele pode nos ajudar a compreender as contradições dos processos ligados ao turismo. Você já deve saber que o turismo é um fenômeno complexo, que integra diversos aspectos e setores da vida social, e que pode ter consequências positivas e negativas. Como vimos na Aula 3, o turismo pode produzir solidariedade e inserção social, assim como contribuir para o desenvolvimento sustentável de uma localidade. Por outro lado, também pode produzir a destruição de formas de existência dos grupos sociais locais, podendo gerar a diminuição da integração social e impactos ambientais com a construção de espaços turísticos, assim como aumentar as desigualdades e os conflitos sociais. Trata-se, portanto, de processos contraditórios, os quais somente a interpretação dialética consegue apreender.

O modo de produção

Conceito fundamental para a concepção materialista da história, o modo de produção é para Marx o processo de produção material, e a sua evolução determina o movimento real da história. Nesse sentido, para o autor, a estrutura de uma sociedade depende da forma como os homens organizam a produção social de bens, ou seja, a explicação dos fatos sociais depende do estudo do modo de produção.

De acordo com Marx, o modo de produção é composto por dois elementos básicos: os meios de produção, também chamados forças produtivas, e as relações de produção. Os meios de produção constituem as condições materiais da produção

(máquinas, ferramentas, tecnologias, matéria-prima, força de trabalho) e variam conforme a sociedade e o momento histórico. Já as relações de produção são as formas pelas quais os homens se organizam na atividade produtiva. Essas relações de produção podem ser escravistas, servis e capitalistas e constituem, na análise de Marx, a esfera mais importante de uma sociedade, uma vez que determina a sua organização.

Marx analisou a forma como as sociedades se desenvolveram ao longo da história, identificando alguns modos de produção (comunal primitivo, antigo, feudal, asiático, germânico e capitalista) cada qual representando fases do desenvolvimento da propriedade privada e da exploração do homem. No entanto, concentrou-se nas mudanças provocadas pelos tempos modernos, ligadas ao desenvolvimento do capitalismo, que é um sistema de produção que contrasta profundamente com os sistemas econômicos anteriores.

Para Marx, o modo de produção capitalista é o intercâmbio entre relações de produção e forças produtivas que se transformam em *capital*. Contudo, é somente por meio do *trabalho* que tal intercâmbio se concretiza. Igualmente, o modo de produção baseia-se nas relações sociais de produção de oposição entre duas classes: a capitalista e a trabalhadora, os proprietários e os não-proprietários dos meios de produção. Assim, para o autor, as relações entre os homens resultam das relações de oposição entre essas duas classes:

(...) a forma capitalista de produção é uma forma “antagônica” que produz e reproduz esta contradição entre estas duas classes, forma antagônica que, desenvolvendo-se, não pode deixar de desenvolver as contradições sociais que ela implica. (MARX; ENGELS, 1986).

De acordo com a perspectiva de Marx, a desigualdade de propriedade como fundamento das relações de produção cria as contradições com o desenvolvimento dos meios de produção.

O acirramento dessas contradições provoca um processo de derrocada do modo de produção vigente e ascensão de outro. Desse modo, para Marx, assim como os sistemas econômicos anteriores, o sistema capitalista também seria suplantado, a partir de uma revolução da classe trabalhadora, sendo instalada uma nova ordem social.



Atividades

Atendem ao Objetivo 1

1. “O primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, é que os homens devem estar em condições de viver para poder ‘fazer história’” (MARX, ENGELS, 1986, p. 39).

A partir da leitura do trecho anterior, identifique a ideia de Marx sobre o homem e a história.

2. Qual a importância do conceito de modo de produção para a análise de Marx?

■ Classe social

Classe social é um agregado de indivíduos com poder, renda, propriedade e ocupação, semelhantes ou em algum modo equivalentes, dentro do sistema de desigualdade geral de uma sociedade. Na sociedade moderna, a classe social das pessoas vem determinada, sobretudo, por sua posição dentro da divisão do trabalho, assim como pelos seus recursos e poder no seio da sociedade. A estratificação das sociedades modernas acabou com o sistema anterior de desigualdade, que dividia a sociedade em estratos feudais ou estamentos. Enquanto em uma sociedade estamental as desigualdades sociais são colocadas pelo pertencimento, na sociedade de classes o acesso aos meios de produção é dado pelo mercado. Assim, a sociedade estamental organiza as diferenças e distribui seus privilégios numa ordem socioinstitucional. Já a sociedade de classes organiza as diferenças e distribui seus privilégios a partir do mercado.

Respostas Comentadas

1. Marx analisa a história como um movimento consequente das ações humanas. Por isso, propõe o método do materialismo histórico, segundo o qual as relações materiais de existência do homem formam a base de todas as suas relações e, portanto, do seu desenvolvimento histórico. Assim, a história é considerada produto da ação dos indivíduos e de suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas como as produzidas por sua própria ação.
2. O conceito de modo de produção é de fundamental importância para a análise marxista sobre a organização e o funcionamento da sociedade, uma vez que, para a concepção materialista da história, a estrutura de uma sociedade depende da forma como os homens organizam a produção material. Do mesmo modo, o desenvolvimento das forças produtivas e dos meios de produção, elementos básicos do modo de produção, determina o movimento real da história.

As classes sociais

Dentre as principais contribuições da proposta marxista, destaca-se o conceito de **classes sociais**. Mas, afinal, o que são as classes sociais? Para Marx, foi de importância básica, como critério de estratificação social, a posição dos indivíduos ou dos grupos sociais no processo produtivo. Em sua análise, os homens aparecem divididos em classes sociais, definidas a partir da situação em relação aos meios de produção, os meios pelos quais tiram o seu sustento.

Para Marx, a história de todas as sociedades é a história das lutas de classes, isto é, todas as sociedades basearam-se no antagonismo entre opressores e oprimidos. Embora tenha constatado a existência de uma pluralidade de classes sociais (camponeses e os habitantes da cidade, os burgueses e os operários, a burguesia financeira, a burguesia comerciante, etc.), Marx simplificou a oposição de classes entre dois grandes grupos:

Nas épocas históricas mais remotas encontramos, quase por toda parte, uma divisão completa da sociedade em classes distintas, uma escala graduada de posições sociais. (...) A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classe.

Não fez mais do que estabelecer novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das velhas. No entanto, a nossa época, a da burguesia, possui uma característica: simplificou os antagonismos de classes. A sociedade divide-se cada vez mais em dois campos opostos, em duas classes diametralmente opostas: a burguesia e o proletariado (MARX; ENGELS, 1988).

Analisando o processo capitalista de produção, Marx verificou como o operário se convertia em uma mercadoria, cujo preço era o salário. O autor destacou a situação de alienação do trabalhador na indústria capitalista, onde não era nem dono de seu trabalho, nem dono do que produzia. Argumentou, ademais, que os trabalhadores produziam mais do que o necessário para que os capitalistas pagassem os custos dos meios de produção. Esta fonte de lucro adicional dos capitalistas o autor denominou de mais-valia.

Com o desenvolvimento da burguesia, isto é, do capital, desenvolve-se também o proletariado, a classe dos operários modernos, que só podem viver se encontrarem trabalho, e que só encontram trabalho na medida em que este aumenta o capital. Esses operários, obrigados a vender-se diariamente, são mercadoria, artigo de comércio, como qualquer outro; em consequência, estão sujeitos a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as flutuações do mercado (MARX; ENGELS, 1988).

Assim sendo, Marx buscou estudar os meios para promover a *consciência de classe* entre as camadas sociais mais deprimidas. Concluiu que para isso era necessária a formação de *interesses de classe*, como base primordial para estabelecer um conflito e a luta contra a classe dominante. Ele acreditava que as condições comuns de existência criavam a base necessária para o desenvolvimento de atitudes comuns entre os trabalhadores, constituindo uma arma contra os interesses dos seus empregadores.

Você pode considerar, portanto, que o conflito entre capitalistas e trabalhadores, entendido por Marx como um fenômeno de fundamental importância para a dinâmica social capitalista, resultaria da expressão dos interesses entre as duas classes.

Em nossas sociedades modernas e industriais, por exemplo, os conflitos de classes podem variar desde conflitos sobre salários e condições de trabalho a conflitos sobre o próprio sistema social. Os movimentos de greves dos trabalhadores, como a passeata ilustrada na figura a seguir, são um sintoma tanto das relações entre trabalhadores e capitalistas quanto do descontentamento com o modelo socioeconômico de um país.



Figura 5.2: Passeata dos trabalhadores, um dos atos da greve.



Atividades

Atendem ao Objetivo 2

3. Como Marx define as classes sociais?

4. Identifique o conflito de classes na sociedade capitalista descrito por Marx.

Respostas Comentadas

3. Na análise de Marx, os homens aparecem divididos em dois estratos ou classes sociais, segundo sua localização em relação aos meios de produção. Essas duas classes são a dos proprietários dos meios de produção e a dos trabalhadores que os proprietários empregam. Sendo assim, para Marx, a classe social se define a partir da posição dos indivíduos em relação com o processo de produção. Portanto, é a situação em relação ao processo de produção que estabelece a situação de classe.

4. Para Marx, o capitalismo é inerente a um sistema de classes, sendo as relações entre as classes caracterizadas pela desigualdade, pela exploração e pelo conflito. Embora os proprietários do capital e os trabalhadores dependam uns dos outros (os capitalistas necessitam da mão-de-obra e os trabalhadores do salário), essa complementaridade é extremamente desequilibrada, pois o relacionamento entre essas duas classes se assenta na exploração. Isso fica evidente na medida em que os trabalhadores têm pouco ou nenhum controle sobre o seu trabalho, e os empregadores têm a possibilidade de gerar lucro, apropriando-se do produto do esforço dos trabalhadores.

Diferenças entre Durkheim e Marx acerca da divisão social do trabalho

Você já sabe que esses importantes autores, fundadores do pensamento sociológico, abordaram níveis diferentes de uma realidade social concreta: a sociedade moderna e industrial. Assim como Durkheim, Marx estava interessado em entender os mecanismos de funcionamento dessa sociedade, bem como os processos de mudanças sociais. No entanto, as suas explicações acerca da divisão social do trabalho assumem perspectivas que se contrapõem.

É importante destacar que Durkheim estava preocupado com os mecanismos de coesão social, buscando compreender o funcionamento das instituições para a manutenção da sociedade. Marx, ao contrário, tinha como intenção a destruição da ordem social vigente. Assim, ele buscou compreender o processo pelo qual a sociedade se transforma, ou seja, o processo de mudança social.

Dessa forma, para Durkheim a divisão social do trabalho promove a coesão social por meio da cooperação entre os indivíduos, chamada pelo autor de solidariedade orgânica, na qual predomina a especialização de tarefas e sua mútua complementariedade. Por outro lado, para Marx a divisão social do trabalho na sociedade capitalista moderna expressa a segmentação da sociedade em duas classes sociais antagônicas, a dos proprietários e a dos não-proprietários dos meios de produção. Assim, a divisão social do trabalho é para Marx consequência do sistema de desigualdade social.

A partir dessa perspectiva marxista, você pode pensar o desenvolvimento do turismo na sociedade de classes, marcada pelas contradições e pelas desigualdades sociais. Se por um lado, o turismo pode apresentar consequências positivas sobre a geração de renda e emprego, inclusão social e preservação do patrimônio material e imaterial, por outro, pode apresentar consequências negativas sobre a distribuição de renda, exclusão social e degradação ambiental. O turista ocupa uma posição privilegiada nessa sociedade de classes, uma vez que a prática turística não é comum a todos os seus membros. Da mesma forma, a riqueza produzida pelo turismo acumula-se nas mãos dos agentes envolvidos diretamente com a atividade turística.

Na realidade, essas questões tornam-se um grande desafio para o planejamento turístico sustentável, baseado na igualdade social, prudência ecológica e dinamização da economia local. Tal desafio implica estender a prática do turismo a todas as camadas sociais, assim como os benefícios e a riqueza gerados no desenvolvimento da atividade. Caso contrário, o turismo será mais um instrumento do sistema de distribuição desigual de recursos e bens, assim como um elemento de distinção social, voltado para as camadas privilegiadas. Dessa maneira, será uma atividade que contribuirá para o aprofundamento das desigualdades e dos conflitos de classes inerentes à sociedade capitalista.



Atividade

Atende aos Objetivos 1 e 2

5. Coloque (V) para verdadeiro ou (F) para falso:

- a. () Para Marx há uma correspondência entre as relações de produção e as forças produtivas.
- b. () Para Marx todas as dimensões da vida social são determinadas pelas relações produtivas.
- c. () Para Marx, a divisão social do trabalho é o processo de diferenciação de funções que caracteriza as sociedades complexas, promovendo a coesão social por meio da interdependência ou cooperação entre os indivíduos.

- d. () De acordo com Marx, as relações sociais de produção não existiriam sem o modo de produção ou vice-versa.
- e. () Marx buscou compreender a manutenção da sociedade enquanto tal.
- f. () A classe operária é aquela que sobrevive dos meios de produção.
- g. () De acordo com a teoria de Marx, a desigualdade social se explica pela divisão da sociedade em classes sociais, decorrente da separação entre proprietários e não-proprietários dos meios de produção.

Respostas Comentadas

- a. (V)
- b. (V)
- c. (F) *Para Marx, a divisão social do trabalho promove a segmentação da sociedade em classes, dando início à contradição na vida social ao separar os homens entre proprietários e não-proprietários.*
- d. (V)
- e. (F) *Marx buscou compreender o processo pelo qual a sociedade se transforma, ou seja, o processo de mudança social.*
- f. (F) *O operário é o trabalhador assalariado, aquele que sobrevive da venda de sua força de trabalho.*
- g. (V)

Conclusão

Analisando o modo de produção capitalista, Marx identificou duas classes antagônicas, capitalistas e operários, vistos como encarnações do capital e do trabalho assalariado. Como o capital se reproduz através da exploração da força de trabalho, as relações entre os capitalistas e os operários são caracterizadas pelo conflito. Trata-se de uma das contradições da sociedade capitalista, fruto da separação do trabalhador dos meios de produção e do produto de seu trabalho, que o obrigou a vender a sua força de trabalho ao empregador, e assim garantir a sua sobrevivência. Portanto, podemos entender a dinâmica da sociedade capitalista, marcada pela desigualdade e pela luta de classes.



Atividade Final

Atende ao Objetivo 3

A atividade turística na sociedade capitalista, entendida como sociedade de classes, pode assumir um sentido de exclusivismo, isto é, uma prática destinada aos grupos sociais privilegiados. Neste contexto, como pensar o turismo como uma prática válida para todos, e não apenas para certo grupo ou classe social?

Resposta Comentada

O turismo como atividade meramente lucrativa aprofunda as desigualdades e os conflitos de classes, características da sociedade capitalista. No entanto, a atividade turística pode comprometer essa dinâmica ao assumir um caráter redistributivo, isto é, estendendo os benefícios gerados pelo turismo a toda a sociedade, tornando-se, assim, uma prática comum entre os membros das diferentes camadas sociais, e não apenas dos turistas potenciais ou grupos privilegiados.

Resumo

A dinâmica da sociedade capitalista delimita o objeto de estudo da obra de Karl Marx. Considerado um autor que contribuiu para o desenvolvimento da Sociologia em sua vertente crítica, Marx não estava apenas interessado em propor um método para análise dos processos sociais, mas também um projeto para a transformação social. Preocupado com a situação da classe operária, o autor buscou estudar os meios para a emergência da consciência de classe, resultado da formação de interesse de classe, base para o conflito contra a classe burguesa. Para tanto, desenvolveu conceitos importantes como o de modo de produção, capital, trabalho, classe social e mais-valia.

Informações sobre a próxima aula

Na próxima aula, iremos introduzir a segunda unidade do curso. Buscaremos refletir sobre processos fundamentais da vida social como a socialização e a individualização, regras e controle social e estratificação social.

6

Socialização

Meta da aula

Demonstrar como o processo de socialização integra os indivíduos nos diferentes grupos sociais.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 reconhecer que a sociabilidade é uma característica da humanidade;
- 2 reconhecer a necessidade de socialização para participação nos grupos sociais;
- 3 identificar o conceito de processo social;
- 4 identificar o dinamismo social através do desenvolvimento das distintas formas de processos sociais.

Introdução

Nesta aula, iniciamos o Módulo 2 que abordará os Processos Sociais. No Módulo 1 estudamos “A Perspectiva Sociológica”, quando analisamos o surgimento da Sociologia e seus teóricos fundadores: Durkheim, Weber e Marx. Ficou claro que o funcionamento da sociedade obedece a características próprias e que o objeto de estudo da Sociologia não é a sociedade como um todo, e sim alguns aspectos da sociedade, pois a sociedade é um objeto sem limites precisos, sendo muito ampla para que o cientista social possa dar conta. Durkheim, Weber e Marx apontaram para o fato de que um fenômeno é sociológico quando diz respeito às relações entre os homens e às influências sociais de seu comportamento. A percepção mais clara que o cientista social tem da realidade social é apreendida quando ele se debruça sobre a análise dos processos sociais, isto é, as formas pelas quais os indivíduos se relacionam uns com os outros.

O conhecimento do funcionamento dos processos sociais alcançou uma importância singular na atualidade, pois o entendimento do comportamento social é de grande utilidade para a vida prática dos membros da sociedade. Tomemos como exemplo os profissionais de Turismo, responsáveis por diversos aspectos da atividade turística, tais como elaboração de roteiros, venda de produtos turísticos, planejamento e organização de destinos turísticos. Ele deve considerar o que fará o consumidor optar por este ou aquele produto que muitas vezes possui características bem semelhantes; necessita saber quem é o seu consumidor, isto é, os hábitos, valores, ideias, condições financeiras, tudo aquilo que será levado em conta por parte do consumidor, no momento em que realizar sua opção. Assim sendo, desvendar os processos sociais é altamente significativo, tendo em vista que é a partir de como os indivíduos se relacionam uns com os outros que, como afirmou Weber, apreendemos as motivações sociais das ações individuais.

Sociabilidade e socialização

A vida em grupo é uma exigência da natureza humana, pois o homem precisa de seus semelhantes para sobreviver, para manter a espécie e para se realizar como pessoa. Para atingir esses fins, o homem nasce com uma capacidade que é a de viver em grupo, isto é, a sociabilidade, que é desenvolvida pelo processo de socialização. É pela socialização que o indivíduo se integra à sociedade, assimilando o conjunto de hábitos e costumes comuns àquele grupo.

Socialização significa ato de inculcar a estrutura de ação de uma sociedade no indivíduo (ou grupo). A socialização, neste sentido, envolve gradações, pois um indivíduo pode ser mais ou menos socializado. Uma pessoa encontra-se adequadamente socializada se lhe foram inculcados elementos das estruturas de ação da sociedade, de modo a lhe possibilitar o desempenho eficaz dos seus papéis. Há socialização adequada numa sociedade quando ela reúne um número suficiente de indivíduos satisfatoriamente socializados, de modo a permitir a operação dos requisitos estruturais de uma sociedade.

O processo de socialização é composto por variadas formas de relacionamento entre pessoas. Destas, a forma mais elementar é o contato social, pois é a base da vida social, sendo o primeiro passo para que ocorra qualquer associação humana. O convívio social é uma outra forma de relacionamento entre pessoas em sociedade. Pelo convívio social, os homens transmitem suas descobertas uns aos outros, compartilham conhecimentos, trocam experiências, valores, crenças, enfim promovem a vida em sociedade. Podemos dizer que os frequentes e repetidos contatos sociais produzem a convivência social. Mas há ainda uma terceira forma de socialização cuja complexidade será desenvolvida ao longo da aula. Trata-se dos processos sociais.



Sociabilidade : capacidade inata ao indivíduo de se tornar sociável, isto é, viver em sociedade.

Socialização: processo de adaptação do ser humano à vida em sociedade.



Atividades

Atendem aos Objetivos 1 e 2

1. Aristóteles, filósofo grego que viveu no século IV a. C., afirmava que o homem é, por natureza, um animal social. Tendo por base o conceito de sociabilidade, explique a afirmativa do referido filósofo.

2. O homem nasce com a condição natural para viver em sociedade – a sociabilidade, mas esta só se desenvolve por meio do processo de socialização. Explique esse processo.

Respostas Comentadas

1. *Viver em sociedade é uma necessidade e exigência da vida humana, pois o homem precisa de seus semelhantes para sobreviver e reproduzir-se perpetuando a espécie, além de se realizar como pessoa. Por este motivo, o homem nasce com uma condição natural para viver em sociedade: a sociabilidade. Essa condição natural torna o homem um ser único na Natureza, tendo em vista que os demais animais não possuem essa possibilidade.*

2. *Pela socialização, o indivíduo se integra ao grupo em que nasceu, assimilando o conjunto de hábitos e costumes característicos do grupo a que pertence. Participando da vida em sociedade, aprendendo suas normas, seus valores e costumes, o indivíduo está se socializando.*

Vivendo em completo ou permanente isolamento social, dificilmente o ser humano adota hábitos humanos. Desta forma, há absoluta necessidade do grupo para que o comportamento humano se desenvolva. Assim, quanto mais adequada a socialização do indivíduo, mais integrado ele estará à sociedade a que pertence.

Conceito de processo social

Processo é o nome que se dá à contínua mudança de alguma coisa numa direção definida. Processo social indica interação social, movimento, mudança. Os processos sociais são as diversas maneiras pelas quais os indivíduos e os grupos atuam uns com os outros, a forma como os indivíduos se relacionam e estabelecem relações sociais. Qualquer mudança proveniente dos contatos e da **interação social** entre os membros de uma sociedade constitui, portanto, um processo social.

A vida social é constituída por uma sucessão interminável de eventos encadeados, nos quais os homens estreitam ou dissolvem suas relações. Os atos de associação e dissociação, a aproximação e o afastamento, são os processos dentro dos quais transcorre a inter-relação humana. O estreitamento e a dissolução das relações entre os homens são denominados processos de interação social e o somatório desses processos configura um processo social.

Interação social

Classe de contato social que produz modificação no comportamento do indivíduo, devido à influência recíproca entre os envolvidos na situação.

A história do conceito de processo social está intimamente ligada à história do aparecimento da Sociologia como uma ciência autônoma. No centro da teoria do processo social está a noção de movimento, mudança, fluxo e a noção de sociedade como um contínuo “vir-a-ser”.

O conceito de processos sociais parte da constatação de que os membros e os grupos de uma sociedade são unidos por um sistema de relações de obrigação, isto é, por uma série de deveres e direitos (privilégios) recíprocos, aceitos e praticados entre si. Os processos sociais estão presentes em toda a sociedade, por exemplo: quando um grupo de pessoas se organiza para limpar uma casa; quando uma pessoa assimila, mesmo que inconscientemente, a forma de falar de outra; quando um país entra em guerra com outro etc.

Se partirmos do pressuposto de que cada indivíduo é singular, ou seja, cada um possui suas próprias crenças, valores e ideologias em relação a tudo ao seu redor, concluímos que os tipos de processos sociais estabelecidos entre as pessoas irão depender de cada um. A tendência natural dos seres vivos é de se associarem e desassociarem conforme seus interesses.

Quando estamos pensando em processos sociais e utilizamos o exemplo do turismo fica mais fácil observarmos o fenômeno em estudo, pois, via de regra, alguma sociedade está sendo atingida por uma força externa (a sociedade que ocupa o espaço geográfico receptor de turistas) e uma sociedade geradora e/ou emissora (sociedade de onde saem os turistas) que também sofre mudanças provocadas por esse fenômeno social. Os processos sociais apresentam-se especialmente em decorrência do estabelecimento do contato e provocam mudanças sociais e culturais tanto nas sociedades visitadas por turistas, quanto nas sociedades emissoras de turistas.

As interações entre a comunidade receptora e os turistas provocam modificações em todos os atores que participam desse processo. No relacionamento, os residentes têm a perspectiva de obter um ganho econômico no contato com os visitantes.

No entanto, muitas vezes, ocorrem outras experiências de fundo social e cultural que não eram esperadas, e talvez indesejadas, como é o caso, por exemplo, do aumento da violência, prostituição, poluição, entre outras. Por outro lado, temos de considerar que o visitante é um estranho e, em algumas ocasiões, pode ficar bastante vulnerável em relação à população local, como por exemplo, pelo fato de desconhecer o local visitado, os hábitos dos residentes, o funcionamento dos serviços que a localidade possui e, por esses motivos, necessitar da ajuda e da boa vontade dos residentes.

O relacionamento entre turistas e residentes possui características próprias e, entre elas, podemos destacar: a desigualdade da experiência, a transitoriedade, a falta de espontaneidade e limitações temporais e espaciais para o contato. A desigualdade da experiência pode ser percebida através do sentimento de inferioridade por parte dos anfitriões, diante, por exemplo, do nível de gastos dos turistas. O elemento transitoriedade se dá devido ao fato de a estada do turista ser normalmente curta e resultar em percepções distintas por parte dos dois atores: para o turista é única e os anfitriões vêem os turistas indo e vindo. Já a falta de espontaneidade ocorre porque a base da relação está construída em base econômica. As limitações temporais e espaciais para o contato ocorrem porque os turistas muitas vezes estão separados fisicamente das populações locais, o que reduz as possibilidades de contato.



Atividade

Atende ao Objetivo 3

3. A 76 km ao norte de Salvador, Bahia, foi implantado o megacomplexo turístico Costa do Sauípe, constituído de 5 resorts, construídos por 3 das maiores empresas de hotelaria do mundo; 6 pousadas, campo de golfe, 15 quadras de tênis, área de lazer com piscinas, lojas, bares, restaurantes etc. Tem capacidade para 1.596 apartamentos, 2,5 mil empregos diretos e outros 8 mil indiretos. Os cinco hotéis de padrão internacional

de qualidade são operados pelas redes Marriot, Accor e Super-clubs Breezes (DIAS, 2003).

A partir do exposto, discorra sobre os processos sociais que poderão decorrer do estabelecimento do contato entre turistas e residentes e enumere possíveis mudanças sociais e culturais na sociedade visitada.

Resposta Comentada

Poderá ocorrer tanto a associação quanto a dissociação, a aproximação e o afastamento. Para que se dê esse ou aquele processo, temos de considerar o tipo de planejamento que foi elaborado para a região que receberá os turistas. Se o planejamento não previu ou não desejou a possibilidade de contato entre residentes e turistas, como acontece em viagens nas quais o turista se hospeda em resorts e não sai de lá para nenhuma atividade, podemos pensar em um processo de afastamento entre ambos os grupos (turistas e residentes). Se, ao contrário, o turista for estimulado a conhecer a cultura local, podemos ter processos de associação e aproximação.

No primeiro caso, não há possibilidade de mudanças sociais e culturais, pois não há o encontro de turistas e residentes; já no segundo caso, podem ocorrer diversas mudanças. Citaremos duas possibilidades: 1) transformações na estrutura de trabalho (como o turismo oferece muitas oportunidades de trabalho, ele pode retirar trabalhadores de outros setores da economia, fator que promove mudanças sociais); 2) transformações dos valores e condutas morais (em muitas localidades receptoras de turistas, a prostituição acaba se tornando um problema, tendo em vista que muitos jovens e crianças são atraídos para a comercialização de seus corpos em troca de algo que os turistas podem oferecer).

Processos sociais associativos e dissociativos

Os processos sociais se distinguem em associativos, quando os indivíduos estabelecem relações positivas, de cooperação e de consenso; e dissociativos, quando as relações estabelecidas são negativas, de oposição, de divergência etc.

Os processos associativos são: cooperação, acomodação e assimilação. Na cooperação, diferentes indivíduos cooperam entre si para alcançar um objetivo em comum. Acomodação é o processo em que um indivíduo se contenta, sem satisfação, com a situação que é imposta por um outro indivíduo ou pela sociedade. Assimilação é o processo que ocorre quando indivíduos de grupos antagônicos se tornam semelhantes.

Entre os processos dissociativos estão: a competição e o conflito. Competição é a disputa de interesses entre indivíduos ou grupos sociais, regulada por “normas”, não havendo formas de violência ou força bruta. Diferentemente da competição, que não usa de meios violentos para a conquista do objetivo, o conflito é o processo que ocorre quando a competição ganha um grau de alta tensão social, podendo haver, inclusive, violência ou ameaça de violência.

Processos sociais associativos

Cooperação

A cooperação é a forma de interação social na qual diferentes pessoas, grupos ou comunidades trabalham juntos para um mesmo fim. A cooperação pode ser direta ou indireta. No primeiro caso, compreende as atividades que as pessoas realizam juntas, como é o caso dos mutirões para a construção de casas populares. A cooperação indireta é aquela em que as pessoas, mesmo realizando trabalhos diferentes, necessitam indiretamente umas das outras, por não serem autossuficientes.

Um exemplo de cooperação é a Festa do Divino Espírito Santo que ocorre no Vale do Paraíba, interior paulista. Nessa festa,

promovida há 150 anos e que mistura o caráter religioso com os folguedos e as manifestações folclóricas das ruas, o fato marcante é a intensa participação da população, tanto integrando diversas manifestações, como esclarecendo aos turistas o significado de cada evento realizado. Há uma forte valorização das tradições na cidade, tornando-se forte atrativo para os visitantes.



Figura 6.1: Festa do Divino, exemplo de cooperação.

Este é um exemplo de cooperação direta, pois a festa, que é realizada pelos próprios moradores, demonstra que os componentes deste grupo social trabalham juntos antes e durante as comemorações da festa. Os resultados dessa cooperação é o estreitamento dos laços de amizade que são reafirmados a partir do interesse em comum de demonstrarem sua devoção ao Divino Espírito Santo.



Festa do Divino Espírito Santo no Brasil

A Festa do Divino Espírito Santo é uma das principais festas religiosas do Brasil. Geralmente é realizada no sétimo domingo após a Páscoa (Pentecoste). A festa consiste na visita dos componentes do Divino Espírito Santo às casas escolhidas para receberem a bandeira, símbolo da festa. A “visita” de uma bandeira à determinada casa é considerada uma bênção. Espera-se que as pessoas que nela residem ou ali estejam, na ocasião, aproximem-se do estandarte, beijem-no e discretamente dêem aos membros do grupo acompanhante uma contribuição para as despesas. É considerado um privilégio especial receber a bandeira do Divino Espírito Santo e espera-se que o dono da casa visitada ofereça uma festa aos que acompanham a bandeira.

Acomodação

É o processo social em que o indivíduo ou grupo de indivíduos se ajustam a uma situação de conflito, sem que ocorram transformações internas. A acomodação, em muitos casos, é uma solução superficial de um conflito, pois este continua latente. Situações de acomodação acontecem porque não há uma transformação de pensamentos, sentimentos, ou atitudes; as mudanças são apenas exteriores, manifestam-se apenas como comportamento social.

Podemos dizer que a acomodação é o ajustamento de indivíduos ou grupos apenas nos aspectos externos de seu comportamento. Ela diminui o conflito, mas este só desaparece com a assimilação.

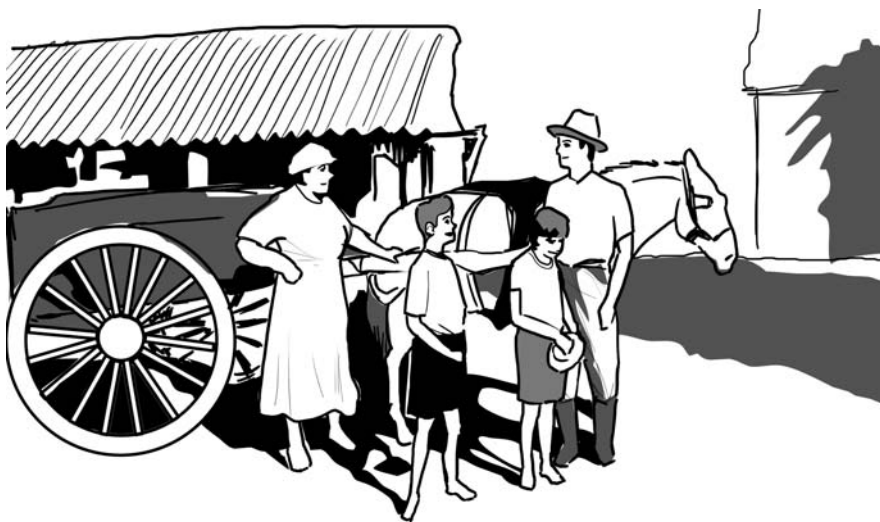


Figura 6.2: Família de imigrantes alemães no Núcleo Colonial Nova Europa, em Ibatinga, SP, 1941, Acervo Museu da Imigração - SP.



Imigração alemã

Os primeiros imigrantes alemães chegaram ao Brasil logo após a Independência, dentro de um programa de colonização idealizado pelo governo brasileiro, que visava ao desenvolvimento da agricultura e à ocupação do território no Sul do país. A primeira colônia alemã foi fundada em 1824, com o nome de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, numa área de terras públicas do Vale do Rio dos Sinos.

Entre as colônias mais conhecidas estão aquelas que passaram por um processo de desenvolvimento econômico com a industrialização – caso de Blumenau, Joinville e Brusque, em Santa Catarina, e São Leopoldo, Novo Hamburgo e Ijuí, no Rio Grande do Sul – para citar alguns exemplos. A concentração em algumas regiões do Sul, além da manutenção da língua e de outras características da cultura original e da presença marcante de uma imprensa, escola e associações germanizadas, criou condições para o surgimento de uma etnicidade teuto-brasileira, cuja marca é o pertencimento primordial a um grupo étnico demarcado pela origem alemã.

A acomodação pode assumir as formas de:

Coerção: Realiza-se através da ameaça ou do uso da força quando as partes envolvidas têm poderes desiguais.



Figura 6.3: Escravidão negra no Brasil Colônia.

Compromisso: As partes em luta possuem igual poder e chegam à acomodação por meio de concessões mútuas.



Figura 6.4: Disputas parlamentares.

Arbitragem: Aqui, a acomodação é obtida por meio da atuação de um terceiro, que funciona como árbitro ou mediador. Exemplo: questões trabalhistas.



Figura 6.5: Questões trabalhistas.

Tolerância: É o grau mínimo de acomodação, pois não significa necessariamente a solução das divergências, mas uma maneira de impedir o conflito manifesto.



Figura 6.6: Tentativa de convivência entre grupos religiosos opostos dentro de um mesmo país.

Conciliação: É a forma consciente de acomodação. Envolve mudança de sentimento com a diminuição da hostilidade. Há harmonização entre os antagonistas.



Figura 6.7: Líderes de três potências põem fim à Guerra Fria.

Assimilação: É a solução definitiva e tranquila de um conflito social, pois trata-se de um processo de ajustamento, pelo qual os indivíduos ou grupos diferentes tornam-se mais semelhantes. É diferente da acomodação porque implica a transformação interna dos indivíduos ou grupos, sendo na maior parte das vezes involuntárias e inconscientes. A assimilação se dá por mecanismos de imitação, exigindo um certo tempo para se concretizar, tendo em vista que é um processo longo e complexo.



Turismo étnico

Um bom exemplo de um processo de assimilação relacionado ao turismo é o denominado turismo étnico, isto é, o tipo de turismo no qual a atração é a cultura resultante de uma etnia distinta das demais. Desta forma, muitas etnias indígenas estão sendo estimuladas a se abrir aos novos tempos, pois as necessidades de renda, aliadas à difícil vida no campo ou nas florestas já degradadas, de onde já não se consegue obter o sustento como na época dos antepassados, contribui para levá-los a buscar novas fontes de renda.



Figura 6.8: Aldeias do Monte Pascoal, no sul da Bahia, abrem-se ao turismo para resgatar as tradições e preservar o que restou de Mata Atlântica na região.

Os índios pataxós na Bahia são um dos casos que se enquadram no turismo étnico. Esse grupo ocupa a principal vila da Terra Indígena Barra Velha, localizada a 20 minutos do povoado de Caraívas, balneário que se tornou famoso nos anos 1990 como alternativa ao turismo de massa de Porto Seguro. Eles habitam uma região localizada dentro da Terra Indígena, margeada pelos manguezais do rio Caraívas, próximo ao encontro com o mar e construíram uma vila turística que cresceu e tem hoje várias pousadas e restaurantes charmosos, destinados a um público de alto poder aquisitivo. Ao contrário do que se pode imaginar, o que primeiro despertou o interesse dos pataxós pelo projeto turístico não foram os dólares ou os reais dos turistas e, sim, a possibilidade de resgate de sua cultura tradicional.

A ideia desse grupo indígena é mostrar seus costumes para os turistas, sendo isso motivo de orgulho para toda a tribo. Assim, o ritual da pajelança, as comidas típicas, os conhecimentos sobre a Natureza, a dança do *awê*, entre outras manifestações sociais e culturais do grupo, favorecem o resgate cultural e a manutenção da própria cultura pataxó.

Processos sociais dissociativos

Competição

É o processo social que leva os indivíduos a agirem uns contra os outros quando em busca de uma melhor situação, posição ou outro valor social. A competição nasce dos mais variados desejos socialmente construídos e valorizados, mas como os bens (o que é valorizado) são escassos e nem todos podem obtê-los, surge a competição pelos mesmos.

O turismo envolve movimentos de pessoas de diferentes e muitas vezes distantes localidades, provocando o estabelecimento de relações sociais entre pessoas que, de outro modo, não se encontrariam, e que representam culturas diferentes. Podem ocorrer choques motivados por vários tipos de diferenças culturais: valores e estilos de vida, etnias, grupos religiosos, línguas, níveis de prosperidade etc.

Há diferentes atitudes assumidas pelos residentes em relação aos turistas, que variam em relação ao estágio em que se encontra o desenvolvimento turístico do destino (local visitado

pelos turistas), podendo variar de estados de euforia, quando os visitantes são bem-vindos, até a antagonismo potencial, quando atitudes antituristas começam a crescer entre a população local.

Conflito

Falamos em conflito social quando a competição assume características de elevada tensão social. Por meio dos conflitos sociais, o homem provoca mudanças sociais, daí o fato de incluí-lo no rol dos processos sociais.

O conflito pode ser conceituado como a contenda entre indivíduos ou grupos, em que cada qual dos contendores almeja uma solução que exclui a desejada pelo adversário. Assim sendo, percebemos diversas maneiras de apresentação desse processo social. São eles:

Rivalidade: Compreende ciúme e antagonismo.



Figura 6.9: Rivalidade.

Debate ou discussão: Controvérsia a respeito de pontos de vista, ideias ou crenças diferentes, entre indivíduos ou grupos.



Figura 6.10: Debate político no Senado Nacional.

Litígio: Demanda judicial entre partes contrárias.



Figura 6.11: Litígio.

Contenda: Briga entre indivíduos ou grupos.



Figura 6.12: Gangues racistas e neonazistas saem do porão e usam a violência para divulgar suas ideias (Fonte: Revista Isto é, 7/10/1992).

Guerras: Lutas com armas entre nações ou partidos.



Figura 6.13: As guerras do Iraque e Afeganistão já custaram um bilhão de euros.

Ao compararmos competição e conflito, podemos perceber que a competição pode assumir a forma de luta pela existência, mesmo que o que esteja sendo objeto de competição não venha efetivamente contribuir pela manutenção da existência física do indivíduo. Já o conflito pode tomar a forma de rivalidade, discussão, disputa, litígio e guerra. De uma competição, podemos ter, como resultado, um conflito.

O conflito pode implicar violência ou sua ameaça, pois as pessoas em conflito umas com as outras estão conscientes de suas divergências, havendo entre elas sentimentos adversos. Enquanto a competição é contínua, o conflito pode não ter uma duração permanente com um mesmo nível de tensão. Indivíduos ou grupos em conflito tanto podem canalizar sua tensão para a criminalidade ou para a guerra, como podem reduzi-la a um processo de acomodação, conforme estudamos anteriormente.



O papel da população local (residentes) no processo de escolha do tipo de turismo a ser implantado na Prainha do Canto Verde – CE

Ecoturismo pela Prainha do Canto Verde, litoral do Ceará.

Chegar até a Prainha do Canto Verde, reduto de pescadores em Beberibe, litoral leste do Ceará, a cento e vinte quilômetros de Fortaleza, pode ser uma aventura. Se o vento sopra forte na areia, o único acesso fica bloqueado. Aí os tratores abrem o caminho de novo. As casas simples, de taipa, traduzem um pouco do jeito de ser dos cerca de mil e duzentos moradores.

Na Prainha do Canto Verde, o turismo é bem diferente do convencional. Nada de invadir um novo paraíso, esgotar os recursos naturais, enriquecer gente que traz dinheiro de fora para montar hotéis e descaracterizar de vez o lugar, que acaba abandonado pelos turistas depois. O coordenador do projeto de turismo local explica por que eles apostam no modelo comunitário desde 1998.

Entrevista com Antônio Aires/coordenador do projeto de turismo local e representante da Cooperativa de Turismo e Artesanato – Copecantur.

A partir daí começou o planejamento e a comunidade começou a discutir o rumo de qual o turismo a gente faria para a comunidade porque a gente já tinha visto o impacto de outras comunidades onde existia turismo de massa e a gente tava preocupado com essa questão da degradação ambiental.

Atrativos não faltam. Um passeio pelas dunas da Prainha até o Lago do Córrego do Sal. Nas dunas também há espécies, como cajueiros e coqueiros. Nas áreas que costumam alagar, gramíneas tomam conta. É um inusitado tapete verde.

Vegetação de mangue na beira da lagoa de água limpa. É nela que os turistas se refrescam no fim do passeio. Na Prainha do Canto Verde, os visitantes também fazem turismo social. Conhecem o telecentro, que oferece acesso gratuito à internet e observam as aulas de artesanato onde meninas fazem bonecas de pano e meninos confeccionam brinquedos de madeira.

Fonte: PICCIN (2007).

As situações de conflito são comuns no caso do turismo, quando temos por referência a relação turistas/residentes, pois a população residente joga um importante papel nos processos de gestão dos destinos turísticos, além de participar ativamente nas decisões que a afetam. A população local deve decidir que tipo de turismo deseja que seja desenvolvido em seu espaço e terá de assumir compromissos e ações decorrentes dessa escolha.

A causa dos conflitos reside muitas vezes no fato de que a presença de turistas provoca mudanças nos valores sociais assumidos pelas comunidades receptoras, alterando de modo geral comportamentos normalmente aceitos, e ocorrendo choques com os códigos morais locais. É muito comum atribuir-se ao turismo o desenvolvimento de comportamentos morais considerados negativos nas destinações. Entre esses, os mais comuns são a prostituição, o jogo e o crime em larga escala. É difícil determinar qual o papel exato do turismo no desenvolvimento desses comportamentos, pois todos estão presentes em quase todas as sociedades, com ou sem turismo. Entretanto, o turismo quando bem planejado, organizado e apoiado pela comunidade local pode

criar as condições necessárias de beneficiar essa comunidade, sem que os valores culturais sejam alterados ou trocados pelos valores dos turistas.



Atividade

Atende ao Objetivo 4

4. Recorte de jornais e revistas exemplos de diferentes tipos de processos sociais.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The paper has a slight shadow on its right side, suggesting it's resting on a surface.

Resposta Comentada

Como processos associativos, cabem exemplos sobre festas populares, mutirões de construção, pactos selados entre autoridades mundiais, guerras, exemplos de escravidão (como acontece no sul do Pará, que é denominada escravidão por dívida), disputas entre partidos políticos e tantas outras possibilidades. Lembre-se de informar se os processos exemplificados referem-se a associativos ou dissociativos.

Conclusão

Nesta aula, você pôde observar que o ser humano se distingue das demais espécies animais porque possui uma característica peculiar que é a condição de sociabilidade. Esta só se realiza por meio da interação entre os indivíduos em um processo denominado socialização. Para que a socialização se dê, o indivíduo passa por vários processos sociais, sendo estes necessários para a maior ou menor integração daquela ao meio em que vive.

Assim, podemos concluir que para que o ser humano possa viver em sociedade, o homem depende desses processos, pois é a partir deles que os homens conseguem se relacionar com seus semelhantes, perpetuam a espécie e principalmente se realizam como pessoas, fazendo valer sua condição de seres únicos na Natureza.



Atividade Final

Atende aos Objetivos 1, 2, 3, e 4

A história da humanidade é marcada por mudanças que demonstram o dinamismo social resultante dos vários processos sociais. Assim sendo, faça uma pesquisa no seu bairro, na sua rua ou em jornais, revistas, internet e relate um processo social no qual a atividade turística tenha sido o fator de mudanças no interior de uma comunidade.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The paper has a slight shadow on its right side, suggesting it's resting on a surface.

Resposta Comentada

Como você pôde observar no box de curiosidade sobre a Prainha do Canto Verde no Ceará, houve mudanças na comunidade local resultantes da chegada de turistas, pois eles se prepararam para recebê-los, estipularam como a atividade turística seria desenvolvida, fabricaram artesanato para venda como souvenirs, entre outras providências adotadas para a implantação da atividade. Esse conjunto de mudanças na rotina de um grupo social faz parte de processos sociais que têm como elemento propulsor a atividade turística.

Geralmente, após qualquer classe de contato, os grupos sociais não permanecem mais os mesmos, tendo em vista que o choque cultural se dá pela percepção das diferenças dos hábitos, das roupas, do modo de falar, das possibilidades de gastos, entre outros aspectos resultantes do contato entre pessoas. Dessa forma, não há como não ser impactado e muitas vezes adotar formas de procedimento das demais pessoas.

Resumo

O conceito de sociabilidade se refere a uma condição inata do ser humano e é desenvolvido pelo processo de socialização.

A socialização assume as formas de processos sociais associativos e dissociativos. Os associativos são a cooperação, a acomodação e a assimilação; os dissociativos são a competição e o conflito.

Como um exemplo de assimilação, temos o turismo étnico, cuja atração é a cultura resultante de uma etnia distinta das demais.

Os homens se relacionam com seus semelhantes a partir desses processos sociais.

Informações sobre a próxima aula

Na próxima aula, iremos abordar o processo de individualização pelo qual passam os membros dos distintos grupos sociais, ao receberem da sociedade à qual pertencem o conjunto de atribuições (deveres e direitos), que os colocam em posições que os obrigam a desempenhar os papéis a elas referentes.

7

Individualização

Meta da aula

Apresentar o sistema de posições (*status*) que formam a hierarquia social dentro dos grupos ou sociedades, assim como a distribuição dos seus membros por estas posições.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 reconhecer que os indivíduos recebem uma posição ou *status* dentro do grupo social a que pertencem;
- 2 reconhecer a diferença entre a posição ocupada, ou seja, o *status* e o papel desempenhado, isto é, direitos e deveres;
- 3 identificar que o desempenho de um papel social resulta da expectativa dos componentes do grupo social.

Introdução

Na aula passada, você conheceu os processos sociais que conduzem as formas de socialização dos indivíduos. Na aula de hoje, trataremos do indivíduo no que se refere aos lugares que ele, enquanto ser pertencente a determinado grupo social, ocupa na sociedade em que vive. Todo indivíduo está inserido em posições sociais que lhe fornecem maior ou menor ganho, poder e prestígio social.

Muitos sociólogos e antropólogos, ao estudarem as distintas sociedades, se perguntaram se algum dia houve alguma sociedade na qual os homens ocupassem posições iguais, desfrutando de maneira semelhante os bens e as oportunidades existentes na sociedade em que estavam inseridos. A resposta a este questionamento aponta para o fato de que isso jamais ocorreu, tendo em vista que as culturas humanas sempre estiveram intimamente ligadas à ideia da distinção entre grupos sociais e, dentro destes, à distinção entre seus membros.

O processo histórico tem revelado uma busca incessante da diferenciação, na qual os membros de uma sociedade procuram monopolizar seus privilégios e as possibilidades de acesso à produção de bens (materiais e imateriais) e aos mecanismos de distribuição desses bens na sociedade. O estudo dessa particularidade humana está situado no âmbito daquilo que os sociólogos e antropólogos denominaram *status* e papel social.

A posição ocupada pelo indivíduo no grupo social denomina-se *status* social. Assim sendo, no decorrer desta aula veremos os processos pelos quais os variados *status* sociais existentes nos grupos e nas sociedades são distribuídos entre seus membros e como essas posições conferem atribuições ou papéis que deverão ser desempenhados por esses membros.

Status social

Estudos produzidos por antropólogos em sociedades menos complexas que a nossa permitem a esses estudiosos fazerem generalizações, isto é, colocarem características comuns a todo

grupamento humano. Entre as generalizações, foi percebida como principal a existência de uma diferenciação de posições dentro de cada grupo, não sendo todas essas posições valorizadas igualmente pelos pertencentes ao grupo. Há posições mais apreciadas que outras, e as pessoas que as ocupam gozam de maior prestígio do que aquelas que ocupam posições menos valorizadas.

O conjunto de hierarquia de posições existentes em um grupo social é denominado sistema de *status* e, conforme explicaram Lakatos e Marconi (1999),

status é o lugar ou a posição que a pessoa ocupa na estrutura social, de acordo com o julgamento coletivo ou o consenso de opinião do grupo. Portanto, o *status* é a posição em função dos valores sociais correntes na sociedade.

O *status* social implica direitos, deveres, prestígios e até privilégios, conforme o valor social conferido a cada posição.

Ao definirmos *status* como a posição em função dos valores sociais correntes nas sociedades, demonstramos que o *status* é algo definido socialmente, por meio de fatores exteriores às pessoas. Os critérios para essa formulação de valores encontram-se nas diferentes sociedades, que os adotam para hierarquizar e posicionar seus membros. Assim sendo, podemos identificar alguns critérios de determinação de *status* sociais, que devem sempre ser observados em conjunto e não isoladamente. Temos então:

Parentesco

Sistemas de parentesco existem em todas as sociedades humanas, pois em todas é encontrada uma forma qualquer de família. Podemos entender que, em sua origem, a família foi somente um fenômeno biológico de conservação e reprodução, tendo posteriormente transformado-se em um fenômeno social.

Os diversos grupos sociais que formam as distintas sociedades humanas têm regras que abrangem as relações sexuais e a procriação dos filhos. Essas regras acabam por situar as crianças em determinado grupo de descendência. Embora haja regras em todas as sociedades, vale lembrar que estas não são as mesmas em toda parte.



Tipos de família

Família nuclear ou elementar: é a unidade formada por um casal e seus filhos, que vivem uma união reconhecida pelos outros membros de sua sociedade.

Família extensa: é a unidade formada por duas ou mais famílias nucleares, ligadas por laços consanguíneos. A família extensa é basicamente uma estrutura consanguínea ligada entre si por deveres e direitos reconhecidos pelos demais membros da sociedade.

Família composta: é a unidade formada por três ou mais cônjuges e seus filhos. Esse tipo de família refere-se a um núcleo de famílias separadas, mas ligadas pela sua relação com um pai em comum. Podem ser encontradas em sociedades poligâmicas e monogâmicas.

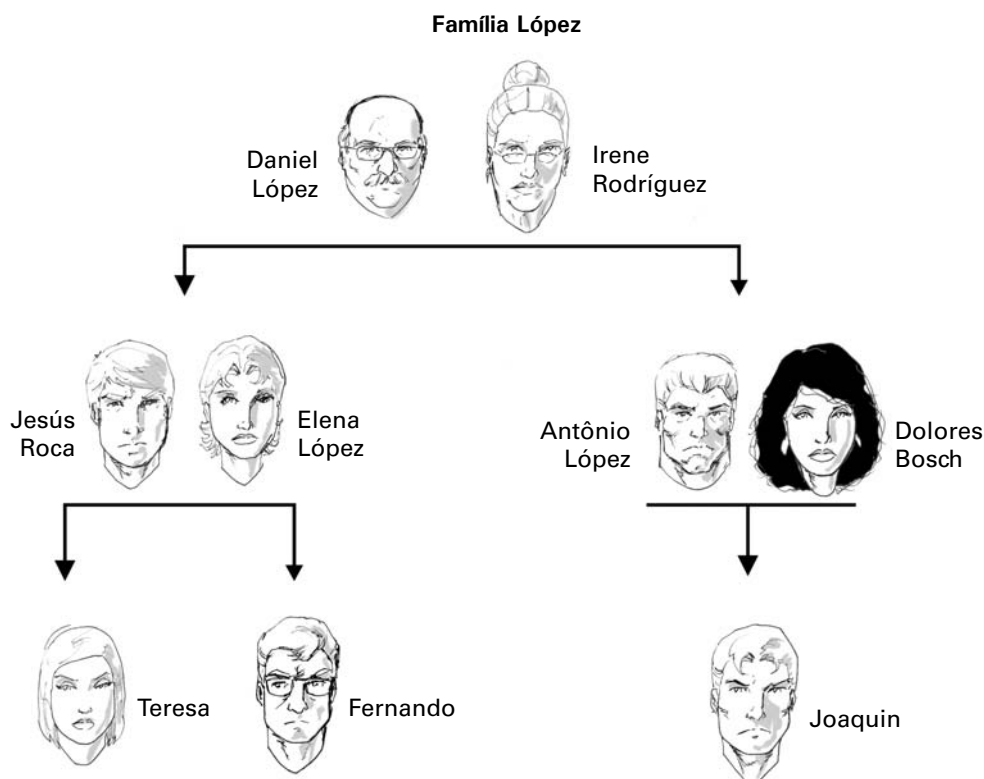


Figura 7.1: Família extensa.

O sistema de parentesco é algo universal, estando presente em todas as culturas. Hoebel e Frost (1981) definem o parentesco como “relações constituídas de funções interagentes, atribuídas, segundo o costume, por um povo, aos diferentes *status* de relacionamento”. A família é o ponto inicial para entendermos um sistema de parentesco, pois nela conseguimos observar dois tipos elementares de relações que compõem esse sistema. São eles: afinidade e consanguinidade.

A afinidade decorre do laço criado pelo casamento, por meio do qual os cônjuges contraem laços maritais ou legais entre si com os respectivos parentes de seu consorte. Já a consanguinidade são os elementos biológicos transmitidos pela hereditariedade. Muitos grupos sociais aceitam uma terceira forma de parentesco que é denominada pseudoparentes. Nesta classe entrariam os parentes adotivos, tais como filhos, compadres, afilhados, entre outras formas.

A origem do sistema de parentesco encontra-se no fato de o indivíduo pertencer ao mesmo tempo a duas famílias: aquela na qual ele nasceu e a que ele constituiu. Ao pertencer às duas, ele estabelece um vínculo entre ambas. Nesse processo, vão se formando vários elos que irão unindo um grupo de indivíduos a outros, por meio dos laços de parentesco. Assim, cada família será constituída por seus próprios parentes.



Tipos de parentes

Primário: são aqueles que pertencem à família composta por pai, mãe, irmãos (filhos do mesmo pai e mãe). Os parentes primários são ligados por laços de sangue ou parentesco biológico (consanguinidade), com exceção de marido e mulher (afinidade).

Secundário: refere-se aos parentes denominados como avós (maternos e paternos) e tios (maternos e paternos).

Terciário: seriam os bisavôs, esposas dos tios, maridos das tias e outros parentes mais remotos.

Riqueza

A distribuição, isto é, a repartição de bens ou produtos para consumo e redistribuição, obedece a mecanismos sociais. O mais comum em todas as sociedades é que todos os membros daquela recebam o suficiente para sua sobrevivência, mas alguns recebem mais. Assim, existe uma graduação que varia entre os que recebem mais e os que recebem menos, sendo que esta distribuição da riqueza se dá a partir de diferentes possibilidades que são sempre construídas socialmente. Desta forma, vemos a riqueza ser destinada a um indivíduo devido a sua relação de parentesco (nascimento ou casamento) ou habilidades pessoais (liderança, prestígio, poder etc.).



Figura 7.2: A riqueza.



Símbolos sociais de riqueza monetária

Os portões de ferro da entrada ostentam um monograma dourado com as iniciais XM. Não há como errar: trata-se da Casa Rosa, uma mansão cercada por 70 mil metros quadrados de área verde em Vargem Grande, bairro afastado do Rio, onde a apresentadora Xuxa Meneghel mora há 13 anos.

Em seu mundo particular não falta conforto. A começar pelos dois carrinhos elétricos, usados para andar de um lado a outro do terreno. Na parte mais alta, foi construído um heliponto e, numa construção anexa à casa principal, há um espaço no qual ela guarda um acervo com as roupas que usou ao longo da carreira na TV. A Casa Rosa tem ainda um estúdio de fotografia, uma sala de ginástica e a piscina, na qual Xuxa adora relaxar enquanto pega sol. E esse não é o único imóvel em que a apresentadora mora. Ela mantém um apartamento em São Conrado, comprado para que pudesse ficar mais próxima à escola de Sasha, e outro em Nova York, nos Estados Unidos, para onde vai quando tira férias.

Fonte: Revista *Contigo!*, edição 1.630

Ocupação

A divisão do trabalho é universal e pode ser encontrada em todas as sociedades. A lista de possibilidades de ocupações varia de sociedade para sociedade, mas o trabalho e as tarefas comuns à manutenção do grupo são sempre distribuídos entre os pertencentes ao grupo, que vão aprendendo e sendo treinados em habilidades necessárias a essa ou àquela produção.

As sociedades ocupam seus membros com trabalhos e tarefas que obedecem principalmente quatro critérios: sexo, idade, classe social e aptidão ou especialidade. A divisão do trabalho por sexo decorre de dois fatores: biológico e cultural. Algumas tarefas são, de acordo com as sociedades, consideradas apropriadas aos homens e outras às mulheres. Temos como exemplos o cuidar dos filhos, o preparo da alimentação, a responsabilidade do cuidado com a casa que, em muitas sociedades, é uma tarefa

feminina, enquanto o sustento e o trabalho fora de casa é tarefa masculina. As tarefas e sua execução são sempre determinadas socialmente e culturalmente e por este motivo variam de sociedade para sociedade.

A idade é outro fator que implica a distribuição de tarefas e ocupações, pois as diferenças fisiológicas favorecem à demarcação de fases sociais: infância, juventude, maturidade e velhice. Desta forma, no que se refere à idade, temos como exemplos:

- 1) as crianças têm ocupações relacionadas ao preparo para a vida adulta, como o estudo e atividades lúdicas;
- 2) os jovens, além dos estudos, começam a praticar atividades que visam ao treinamento para o mercado de trabalho;
- 3) os adultos desempenham tarefas em um mercado de trabalho que prevê o bem-estar e a manutenção da sociedade;
- 4) para a velhice está prevista a “recompensa” pelos serviços prestados à sociedade ao longo da vida, pois nesta fase há o término da exigência do trabalho e a possibilidade de fruição do descanso e amparo previsto pelas regras sociais legais do grupo a que esses membros pertençam.

O pertencimento a uma classe social produz diferenças que interferem na distribuição das tarefas e ocupações, sendo também este um elemento comum em todas as sociedades. A classe social é determinada, em primeiro lugar, pelo parentesco biológico, depois, por uma série de valores considerados positivos pela sociedade à qual o indivíduo pertence e que atuam posicionando esse indivíduo. Desta forma, a classe social acaba por contribuir para definir a ocupação e as tarefas que este indivíduo poderá desempenhar na sociedade em que está inserido.

A especialização, assim como a aptidão desenvolvida por um indivíduo, o leva a uma ocupação, tendo em vista que ambas favorecem o desempenho da tarefa.



Figura 7.3: Operários desempenhando uma tarefa. Sexo, idade, classe social e especialização em consonância com o que a sociedade espera.
Fonte: www.amparo.sp.gov.br/noticias/agencia/2006/01



As profissões que garantem maior empregabilidade do momento

De acordo com especialistas em mercados de trabalho, há algumas profissões que ganham destaque pelo fato de absorverem rapidamente mão-de-obra qualificada para seus postos de trabalho. Assim sendo, uma recente pesquisa relacionou as seguintes carreiras como mais favoráveis à entrada no mercado de trabalho.

São elas:

Administração financeira

Ciências biológicas

Direito

Carreiras em energia

Engenharia ambiental

Engenharia civil

Carreiras em entretenimento (turismo, lazer e diversão)

Tecnologia da informação

Carreiras em terceira idade

Engenharia de transportes

Fonte: www.rogerlima.wordpress.com

<http://rogerlima.wordpress.com/2007/12/04/as-melhores-profissoes-do-momento/>
Acesso: 20/4/2008

Educação

A educação é o processo de integração do indivíduo na sociedade em que vive, através do recebimento do patrimônio cultural inerente a essa sociedade. A educação tem por objetivo transmitir a cultura do grupo, adaptar os indivíduos à sociedade, desenvolver potencialidades dos membros do grupo e a promoção do desenvolvimento da própria sociedade.

A educação pode ser informal, isto é, acontece na vida cotidiana e se dá através do aprendizado de tarefas normais de cada grupo social, sendo o resultado de observação do comportamento dos mais velhos e pela convivência com os demais membros; e formal, isto é, aquela que está estruturada nos currículos escolares e formalizada no ensino fundamental, médio e superior.

Como estamos tratando de hierarquização e classificação dos indivíduos a partir do sistema de *status*, fica claro que a educação, que é comum a todos (a informal), por ser realizada sem qualquer planejamento, sem local ou hora determinados e, principalmente, por ser um saber comum a todos, é socialmente menos valorizada que a educação formal. Esta é uma maneira seletiva de educação, tendo em vista que nem todos os membros de determinados grupos têm acesso a ela e pelo fato de aqueles que a transmitem serem pessoas que gozam de *status* superior

aos outros membros do grupo, já que o seu saber é especializado.



Figura 7.4: Sala de aula.



Escolaridade x emprego

De acordo com José Álvaro de Lima Cardoso, economista e supervisor técnico do DIEESE em Santa Catarina.

Parece evidente que trabalhadores mais escolarizados têm mais chance de obter um emprego em relação às pessoas com menos escolaridade, além de se reempregarem mais rapidamente, quando ficam desempregados, por qualquer que seja a razão.

Do ponto de vista da renda as vantagens da escolaridade no Brasil também são óbvias. Os dados do emprego formal em Santa Catarina, por exemplo, mostram claramente que, quanto maior o grau de escolaridade, maior também a remuneração média. A diferença do salário médio entre os trabalhadores analfabetos e os de superior completo, é de 3 vezes entre os admitidos. Entre os desligados essa diferença é ainda maior (3,2), fato que também indica que as empresas estão substituindo, no processo de rotatividade, mão-de-obra mais cara por mais barata. As exigências de maior escolaridade crescem ano a ano, o que dificulta a inserção no mercado de trabalho, para quem tem pouca ou nenhuma escolaridade.

Fonte: http://www.sinpronorte.org.br/detalhes_artigos.asp?id=21Acesso: 20/04/2008

Religião

A religião é um aspecto comum a todas as sociedades, pois todas demonstram a posse de um conjunto de crenças em poderes sobrenaturais de alguma espécie. Por meio de cultos e rituais, públicos ou privados, os homens tentam antever, se precaver, conquistar e dominar situações inesperadas, desconhecidas e imprevistas.

Na busca pelo entendimento e por explicações sobre as relações com o mundo que o cerca, os homens desenvolvem normas de comportamento cuja finalidade está no estabelecimento de relações com aquilo que não é passível de compreensão. A este conjunto de normas denominamos religião, e esta se baseia nas incertezas da vida e varia de uma sociedade para outra.

As religiões são constituídas de dois elementos: a crença e o ritual. A crença, também compreendida como fé, consiste em um sentimento de respeito, confiança, submissão e reverência em relação a algo reconhecido como superior e sobrenatural. A fé não requer compreensão, somente o desejo de aceitar algo sem a necessidade de comprovação ou demonstração.

O ritual se manifesta na prática dos sentimentos por um ou vários indivíduos através da ação. Consiste em um tipo de atividade padronizada, em que todos agem do mesmo modo, direcionados para o contato com o sobrenatural e o divino, com uma finalidade qualquer. Para compor uma religião, somente a crença ou fé não basta, ela tem de estar associada à prática, que vem a ser o ritual em si.

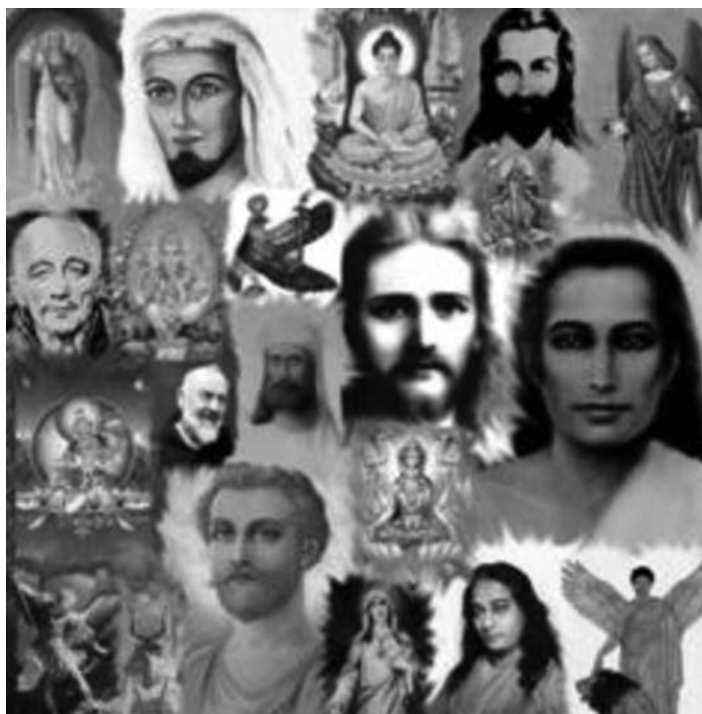


Figura 7.5: Os diversos seres cujas crenças em seus poderes movimentam pessoas em cultos rituais.

Fonte: www.caminhosdeluz.org/A-264_arquivos/image002.jpg



As 10 maiores religiões do mundo em número de adeptos:

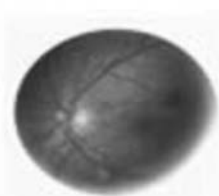
- 1º. Cristianismo - 2.106.962.000
- 2º. Islamismo - 1.283.424.000
- 3º. Hinduísmo - 851.291.000
- 4º. Religiões chinesas - 402.065.000
- 5º. Budismo - 375.440.000
- 6º. Sikhismo - 24.989.000
- 7º. Judaísmo - 14.990.000
- 8º. Espiritismo - 12.882.000
- 9º. Fé Bahá'í - 7.496.000
- 10º. Confucionismo - 6.447.000

Características biológicas

Determinados fatores da constituição física exercem influência na distribuição do *status* social, pois o significado social de uma característica física é determinado culturalmente. Diferentes grupos sociais atribuem diferentes significados aos atributos físicos. Algumas valorizam, outras depreciam a estatura baixa ou alta; a cor da pele, mais clara ou mais escura; o peso, maior ou menor volume corporal; deformações físicas e mesmo doenças.



Voz



Retina



Íris



Mão



Rosto



Impressão

Figura 7.6: Características biológicas transmitidas pela hereditariedade.
Fonte: www.brasilecola.com/upload/e/biometria.jpg

**Diferenças culturais baseadas nas características físicas**

Entre os índios cambeba do Brasil, as crianças recém-nascidas eram submetidas à deformação craniana: o crânio era prensado entre duas tábuas, que provocavam o seu alongamento.

A esteatopigia (nádegas volumosas) é esteticamente aceita pelos bosquímanos e hotentotes, do sul da África.

Existem algumas comunidades africanas onde o volume corporal (gordura) é um sinal de riqueza e saúde e pode aumentar as chances de fazer um bom casamento. No Níger, país da África ocidental, mulheres da comunidade Djerma se preparam para o casamento fazendo regime para engordar. Nesse país, as mulheres consideradas mais bonitas não têm manequim menor do que 48.

Dos elementos relacionados anteriormente, temos a atribuição do *status* social entre os membros de um grupo. De cada um dos elementos temos a reunião de vários itens que acabam por produzir um subsistema. Por exemplo: no elemento características físicas, temos a cor dos olhos, a textura do cabelo, o volume corporal etc. Todos esses itens compõem o subsistema características físicas e assim acontece com os demais elementos. Vale lembrar que os itens que compõem os subsistemas são hierarquizados e, conforme a totalidade social valorize este ou aquele item, os indivíduos que os detêm são posicionados socialmente, isto é, assumem determinado *status* social.

**Atividade****Atende ao Objetivo 2**

1. Responda à seguinte questão: Quais os critérios que levam os indivíduos a receber uma posição ou *status* dentro do grupo social a que pertencem?

Resposta Comentada

A sociedade estipula o que é bom e o que é ruim, o que é bonito e o que é feio, o que é certo e o que é errado. Assim, dentro de um contexto social é atribuído a tudo e a todos um significado, um valor e uma qualidade. Resultam daí as classificações sociais que acabam por hierarquizar coisas, pessoas, idéias, sentimentos, fatos, situações e demais componentes da vida social. Quando temos por referência os indivíduos, a aplicação desse conjunto de classificações produz o que foi denominado status social, ou seja, a posição ocupada pelo indivíduo dentro de determinado grupo social, resultante da classificação social deste grupo.

Status atribuído e status adquirido

Em uma sociedade, o indivíduo ocupa vários *status*, pois vários são os grupos sociais a que pertence. Dependendo da maneira pela qual o indivíduo obtém seu *status*, este pode ser classificado em: atribuído ou adquirido. O *status* atribuído é aquele que não é escolhido voluntariamente pelo indivíduo e não depende de suas ações ou qualidades, como por exemplo, nascimento, raça, sexo, compleição física e idade. Já o *status* adquirido é o obtido em função de qualidades pessoais do indivíduo, através de sua capacidade e habilidade, como por exemplo, ocupação, educação e religião. O *status* que uma pessoa obtém ao longo da vida como resultado de competição e luta representam o *status* adquirido, pois depende das suas habilidades pessoais e supõe a vitória sobre os rivais e o reconhecimento de tal êxito pelo grupo social. O *status* social abrange características da posição que não são determinadas por meios legais. É o comportamento socialmente esperado e aprovado como ocupante do *status*, assim como o comportamento adequado dos outros em relação a ele.

Os sociólogos e antropólogos estão preocupados em entender o sistema de *status* social que compõe as diversas sociedades pelo fato de ser o *status* dos indivíduos um dos mais importantes determinantes do comportamento individual. O *status* só tem significado quando é considerado em relação a duas ou mais pessoas, pois sua essência está na comparação entre indivíduos para distingui-los dentro de um mesmo grupo social. Desta forma, o *status* exerce profunda influência na formação da personalidade dos indivíduos.

A grande vantagem do estudo e do conhecimento acerca dos sistemas de *status* e do *status* individual propriamente dito reside no fato de conseguirmos afirmar que a conduta humana obedece a padrões de relações governados pela interação entre os membros de um grupo, sendo que essas condutas individuais são o resultado do que é esperado pelos demais membros do grupo.

Na atividade turística, temos como figura principal o turista. Ser turista significa ocupar determinado *status* social, pois é uma posição adquirida por aquele ao comprar um pacote de viagem. Como este pacote muitas vezes não é comum a todos os membros do grupo, essa ação coloca o futuro turista em uma posição diferenciada em seu grupo social, pois ele estará reunindo nessa ação, pelo menos um elemento de distinção, como por exemplo o dinheiro.

O papel social

A figura do turista continua a ser um bom exemplo para o entendimento dos desdobramentos do sistema de *status*. Como vimos no final do item anterior, o turista ocupa uma posição social, sendo que esta se distingue da posição social dos residentes do local em que o primeiro está conhecendo através da viagem que comprou. Na posição de turista, é esperado dele um determinado comportamento social que guarde correspondência com seu *status*. Desta forma, ao comprar um pacote de viagens, ele marcou sua diferença dentro do grupo no qual está inserido pelo

fato de ter condições financeiras para fazê-lo. É então esperado que ele mantenha e demonstre essa condição através, por exemplo, da distribuição de gorjetas, roupas e equipamentos típicos de quem está em posição de apreciador das belezas naturais e da cultura de determinada região.



Figura 7.7: Turista.

Através desse exemplo, vimos que o turista está cumprindo os deveres (o que é esperado dele) e usufruindo os direitos ligados a seu *status* social (aproveitando o que está incluso no pacote de viagens), ou seja, está cumprindo seu papel social. Assim, por papel social podemos entender o comportamento que o grupo social espera de qualquer pessoa que ocupe determinado *status* social. Corresponde, desta forma, mais precisamente às tarefas, às obrigações inerentes ao *status*.

Status e papel são coisas inseparáveis, pois não há *status* que não corresponda a um papel social e vice-versa. Por meio do papel social, todos os membros de determinado grupo social sabem o que esperar ou exigir do indivíduo, de acordo com

o *status* que ele ocupa no grupo ou na sociedade. Os indivíduos que não cumprem o seu papel social são sempre punidos, tendo em vista que a sociedade sempre encontra um meio para fazê-lo.

Quando tomamos como referência um indivíduo do sexo masculino, por exemplo, podemos perceber que este indivíduo pode desempenhar na sociedade brasileira vários papéis sociais tais como o de filho, irmão, pai, avô, chefe de família, profissional da saúde (médico, por exemplo), frequentador da igreja de seu bairro, sócio de um clube de lazer, entre outros. No papel de filho, ele deve obediência a seus pais; no papel de pai, ele deve educar seu filho; no de irmão, solidariedade; no de chefe de família, o sustento e manutenção do lar; como profissional de saúde, ele deve cuidar de seus pacientes; no de frequentador de Igreja, seguir os preceitos estabelecidos por aquela e, no de sócio de um clube de lazer, seguir as regras estipuladas para os sócios do mesmo. Assim, podemos concluir que um indivíduo ocupa tantos *status* quantos forem os grupos sociais a que pertença.



Atividade

Atende ao Objetivo 2

2. Para o antropólogo Ralph Linton, a relação indivíduo/*status*/papel é semelhante à que existe entre o motorista, a direção e o assento do carro que dirige. Com base no que foi estudado sobre a diferença entre *status* social e o papel desempenhado pelo indivíduo, identifique no exemplo dado pelo referido antropólogo, o indivíduo, o *status* e o papel.

Resposta Comentada

A direção e o assento são constantes, com perpétua potencialidade de ação e controle, e representam o status. O motorista pode ora ser um, ora ser outro: é o indivíduo. O modo como dirige é a maneira como realiza seu papel, podendo ser boa, regular ou má.

A analogia trazida por Linton esclarece que o status é algo dado, são constantes com potencialidade de ação e controle (social, pois é a sociedade que informa o que é valorizado e como são distribuídos esses valores sociais). O indivíduo ocupará a posição que lhe foi destinada e o papel que ele terá que desempenhar irá depender de si próprio e da expectativa que depositem nele, tendo em vista que a sociedade sempre encontra meios para punir os indivíduos que não cumprem seus papéis.

Estrutura social

Como afirmamos anteriormente, cada indivíduo ocupa uma posição social, um *status* no grupo, sendo que cada posição está relacionada com as demais e todas elas, em conjunto, formam a estrutura social, que podemos definir como sendo o conjunto ordenado de partes encadeadas que formam um todo. A estrutura social, nessa perspectiva, é a totalidade dos *status* existentes em um determinado grupo social ou em uma sociedade.

Os participantes de uma estrutura, ao desempenharem o papel correspondente à posição social que ocupam, produzem um conjunto de ações, e essas ações compõem a organização social. Assim, a estrutura social se refere a um grupo de partes (reunião de indivíduos, por exemplo), enquanto a organização social se refere às relações que se estabelecem entre essas partes.

Estrutura e organização social não permanecem iguais para sempre, ambas passam por processos de mudanças sociais. Pela mudança social alteram-se as relações sociais, cujo ritmo varia de sociedade devido ao maior ou menor número de contatos sociais com outros povos, pelos meios de comunicação e certas atitudes individuais e sociais, que aceleram ou dificultam essa mudança.

As sociedades estão sempre em mudança e as causas desse fenômeno se devem primordialmente às forças internas e às forças externas. As forças internas são também chamadas

endógenas e referem-se a mudanças cuja origem reside dentro da própria sociedade. Já as forças externas, ou exógenas, são as que provêm de outras sociedades.

Quando as mudanças partem de dentro da sociedade, temos as invenções. Embora não seja a sociedade em seu conjunto que faça a invenção e sim os indivíduos, a sociedade fornece as bases, pois o inventor utiliza o conhecimento acumulado de sua cultura. Quando as mudanças são resultado de forças externas ou exógenas, dizemos que houve uma difusão cultural.

O turismo apresenta importantes implicações socioculturais, relacionadas tanto com os turistas, como com os residentes e com a relação turistas-residentes, sendo atualmente esta movimentação uma das maiores produtoras de mudanças culturais. As interações entre a comunidade receptora e os turistas provocam modificações em todos os indivíduos envolvidos nesse processo. A presença dos turistas provoca mudanças nos valores sociais assumidos e valorizados pelas comunidades receptoras, alterando de modo geral comportamentos normalmente aceitos. Ocorrem, então, os processos de difusão cultural.

Assim, vemos pelo exemplo do fenômeno turístico como o sistema de *status* social (*status* e papel social) pode ser revalorizado, atualizado ou alterado contribuindo, desta forma, para que o *status* e o papel social sejam reafirmados ou atualizados dentro de um determinado grupo social. Por este motivo, o turismo pode ser entendido como uma força externa e poderosa de modificações sociais e devido a esta importância, torna-se relevante o estudo do sistema de *status* para análise e compreensão da atividade e do fenômeno turístico.



Atividade

Atende ao Objetivo 3

3. Responda à seguinte questão: O que torna inseparável o *status* que um indivíduo ocupa na sociedade a que pertence e os papéis sociais que desempenha?

Resposta Comentada

Todo indivíduo ocupa em seu grupo social posições ou status, que lhe fornecem o reconhecimento inerente a essa posição. O papel social é o comportamento condizente ao status adquirido ou atribuído que o grupo espera que qualquer de seus membros desempenhe. Assim, toda sociedade sabe o que esperar e exigir do indivíduo de acordo com o status por ele ocupado.

Para exemplificarmos, pensemos em uma sala de aula. Neste ambiente, o indivíduo que está na posição de professor e os demais que estão na posição de alunos possuem direitos e deveres diferenciados. No caso do professor, ao dar sua aula, ele está cumprindo ou desempenhando seu papel social, que é o de ensinar. Ao mesmo tempo, quando este mesmo professor exige silêncio por parte da turma de alunos, ele está usufruindo os direitos ligados ao seu status social. Desta forma, status e papel são indissociáveis, pois um implica o outro e se realiza a partir de sua complementaridade.

Conclusão

As sociedades são formadas de seres humanos que adotam uma forma de viver normativa. As atitudes, condutas e comportamentos individuais são ditados pelas normas e padrões adotados pelo grupo, como saudáveis ao desenvolvimento sociocultural.

O conjunto das atitudes, condutas e comportamentos é resultado direto da posição social, isto é, do *status* social ocupado por um indivíduo dentro da sociedade em que está inserido. Ao *status* social atribuído ou adquirido corresponde um papel social que o grupo social espera que o indivíduo cumpra.

Assim, podemos entender que o sistema de *status* é necessário à sobrevivência de determinado grupo social, pois ali estão inseridos os valores deste grupo. Os papéis sociais como manifestação individual favorecem a individualização dos membros, permitindo que cada um se perceba e seja percebido dentro da coletividade. O *status* social localiza o indivíduo, e o papel social permite que ele seja reconhecido como tal.



Atividade Final

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

Escreva sobre alguns dos *status* sociais que você ocupa, se são atribuídos ou adquiridos e quais os papéis que você representa em cada um. Qual deles é o mais importante para você?

This image shows a full page of handwriting practice paper. It features ten identical rows of horizontal guidelines. Each row is composed of three lines: a solid black line at the top, a dashed black line in the middle, and another solid black line at the bottom. These lines are evenly spaced across the entire page to help students practice letter height and placement. The background is white, and there are no other markings or text present.

Resposta Comentada

Caso você seja pertencente ao sexo masculino, discorra sobre sua vida em família, ou seja, se é filho, pai, avô; se for do sexo feminino, se é mãe, tia, avó. Fale de sua ocupação profissional, sua religião e demais aspectos abordados durante a aula de hoje. Assim, você estará descrevendo o seu status social. Depois verifique se os mesmos foram atribuídos ou escolhidos por você. Não se esqueça de informar qual o papel que mais gosta de desempenhar, por ser o mais importante para você.

Resumo

O sistema de *status* define o padrão de relações que governa a interação entre os membros de um grupo. Certas condutas específicas são designadas como sendo aquelas mais apropriadas para expressar a relação entre pessoas que ocupam posições diferentes na hierarquia dos *status*. Na mesma medida em que a conduta está associada ao *status* do indivíduo, o *status* se apresenta como um aspecto de seu papel social. Para alguns papéis ele poderá mesmo constituir a base em torno da qual se organizará toda a conduta manifesta.

Informações sobre a próxima aula

Na próxima aula, você irá estudar as regras, as normas e o controle social como mecanismos de sustentação dos grupos sociais, tendo em vista que todas as sociedades possuem e necessitam de uma série de forças que as mantenham coesas e promovam a sua manutenção e reprodução.

8

Valores, normas e controle social

Meta da aula

Apresentar os valores e as normas sociais como mecanismos de regulação do comportamento para a manutenção da cultura e da vida em sociedade.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 identificar a relação entre valores e normas sociais;
- 2 reconhecer o papel dos valores e das normas sociais para a manutenção da cultura e da sociedade enquanto tal;
- 3 reconhecer os valores e as normas sociais como instrumentos de controle social.

Pré-requisitos

Para que você encontre mais facilidade na compreensão desta aula, sugerimos que esteja atento aos conceitos discutidos nas Aulas 6 e 7, sobre os processos de socialização e individualização.

Introdução

Nas últimas duas aulas, você conheceu alguns processos sociais que conduzem a formas de socialização dos indivíduos, as quais consistem em uma aprendizagem de conduta, assim como de ideias e de crenças. O indivíduo aprende a adaptar-se a seus grupos e a fazer suas as normas, os valores e os costumes, um processo mediante o qual ele é absorvido pela cultura e incorporado como membro da sociedade em que vive. Na aula de hoje, abordaremos os valores e as normas sociais, entendidos como elementos fundamentais para a manutenção da cultura e da vida em sociedade.

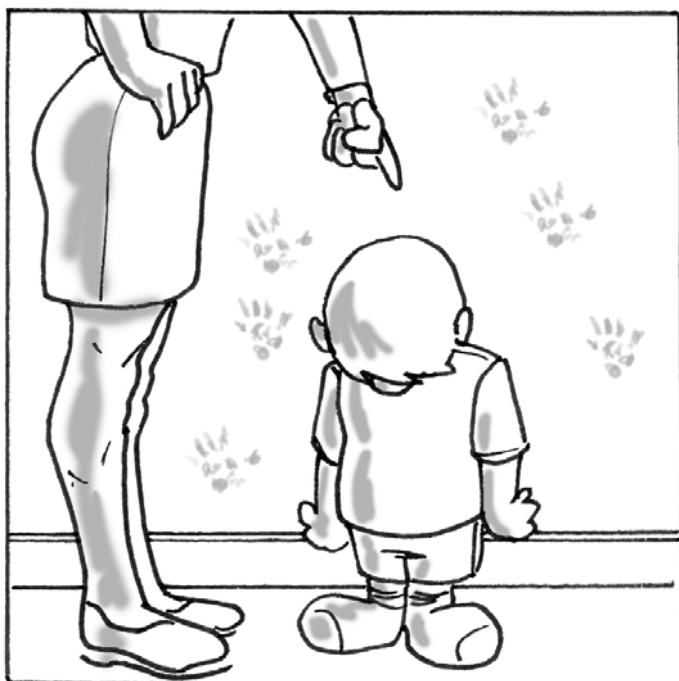
Você já deve saber que a socialização dos indivíduos é o meio básico de controle social, uma vez que principalmente por meio da assimilação de valores, crenças e normas o indivíduo aprende a comportar-se de modo socialmente aceitável. O controle social orienta o comportamento do indivíduo, levando-o a proceder de acordo com os valores e normas imperantes na sociedade da qual ele faz parte. Dessa maneira, o controle social é eficiente na medida em que os indivíduos não apenas baseiam as suas ações nas recompensas e punições socialmente previstas para o cumprimento e a infração das normas sociais, mas também acreditam na validade das regras socialmente impostas.

Toda sociedade possui valores que são compartilhados pelos seus membros. Pois bem, o processo de interiorização desses valores constitui a base sobre a qual se constrói o conjunto de normas sociais. Assim, normas, valores e costumes modelam o comportamento dos membros de um grupo, constituindo-se em instrumentos de regulação do comportamento social, visto que levam os indivíduos a viver e participar das atitudes coletivas, a desempenhar os papéis sociais e a respeitar os costumes, mantendo os grupos sociais mais solidários, portanto, mais coesos.

Os valores e as normas sociais

Quando falamos de valores, não estamos nos referindo às qualidades objetivas das coisas como a forma ou a cor, por exemplo. Os valores são relacionais, isto é, são valores para alguém. Em uma compreensão mais ampla, um valor é tudo o que interessa a um sujeito humano. Assim, podemos considerar os valores como concepções do desejável que influem em um comportamento seletivo. Isso implica o estabelecimento de uma distinção entre o desejado e o desejável, este último identificado com o que se deve desejar.

Na realidade, os seres humanos não são indiferentes ao mundo em que vivem. Implícita ou explicitamente, eles estão sempre avaliando as coisas, as ações e as pessoas como boas e más, como verdadeiras ou falsas, como virtudes ou vícios. Quando se diz a uma criança que se comportou mal “Você não tem vergonha do que fez!”, busca-se inculcar nela valores e normas sociais, procurando habituá-la a respeitá-los, sem poder dar-lhe outra justificativa a não ser a evidência e a reprovação à desobediência aos mesmos, como ilustrado na figura que segue.



É importante que você saiba que os valores não são normas de conduta, ainda que estejam relacionados a esta última. As normas sociais são regras para comportar-se de um modo socialmente determinado. Indicam o que devem ou não devem fazer os agentes sociais em circunstâncias concretas. Os valores, por sua vez, são padrões desejáveis que têm uma maior independência das situações específicas. São critérios do que deve ser considerado como desejável, portanto, que assentam as bases para a aceitação ou a rejeição de normas particulares.

Tal explicação não é tão simples quanto parece. Um mesmo valor pode servir de referência a um grande número de normas específicas, ou uma determinada norma pode representar a aplicação simultânea de distintos valores. O respeito pela vida humana é considerado um valor fundamental na maioria das sociedades, servindo de referência a várias normas e regras de conduta, como as leis para os casos de violência, de aborto e, atualmente, para uso de células-tronco embrionárias em pesquisas.

Outro exemplo que põe em evidência a relação entre os valores e as normas sociais é a ação contra a prática do nepotismo na administração pública brasileira. A regra vale para os três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) e para as três esferas de governo (federal, estadual e municipal). Assim, uma autoridade não pode contratar um cônjuge, companheiro ou parente de até terceiro grau para cargo em comissão, de confiança ou função gratificada. Trata-se de uma decisão polêmica, já que o nepotismo é uma prática presente na sociedade brasileira, apesar de ser legalmente proibida. Nesse caso, busca-se através da norma social consolidar valores modernos na sociabilidade brasileira, que produz e impõe um comportamento impessoalizado nas relações sociais, especialmente na esfera da vida pública.



Caso você tenha interesse por esse tema, sugerimos a leitura de importantes autores do pensamento social brasileiro como Oliveira Vianna (1987) e Sérgio Buarque de Holanda (1999), que tratam da sociabilidade brasileira, explicitando a problemática combinação entre as esferas pública e privada. Da mesma forma, em seu estudo sobre a sociabilidade brasileira, Roberto daMatta (1985) evidencia a existência de valores “arcaicos”, com destaque para as camadas populares, as quais, segundo o autor, tendem a usar em suas práticas sociais cotidianas a linguagem da “casa”, aquela fundada em laços de simpatia e preferências pessoais.

Para concluir a primeira parte da aula, é importante destacar que, quando falamos de valores, referimo-nos essencialmente àqueles que estão institucionalizados e são compartilhados mais ou menos por todos os membros de uma sociedade, por um grupo ou categoria particular de pessoas. Logo, esses valores sociais não se referem unicamente aos valores acerca da sociedade, ou, dito com maior precisão, de como devem ser as instituições e as relações sociais, mas também aos valores estéticos e morais que caracterizam um sistema sociocultural. Esse sistema constitui-se de princípios, crenças e concepções gerais que mantêm a coesão social na medida em que são compartilhados. Assim, os valores criam sentimentos de solidariedade entre as pessoas, sendo a sua adesão uma condição para a participação nos grupos e na sociedade.



Atividades

Atendem ao Objetivo 1

1. Quais as principais funções dos valores em uma sociedade?

2. Identifique a relação entre valores e normas sociais.

Respostas Comentadas

1. Os valores determinam preferências e atitudes, constituindo um quadro de referência para o comportamento. Os valores também permitem o equilíbrio e a coerência de um grupo social, na medida em que são compartilhados por todos os membros de um grupo ou de uma sociedade. Assim, os valores criam sentimentos de solidariedade entre as pessoas, sendo a sua adesão uma condição para a participação nos grupos e na sociedade.

2. Toda sociedade possui valores que são compartilhados pelos seus membros. Pois bem, o processo de interiorização desses valores constitui a base sobre a qual se constrói o conjunto de normas sociais. Assim, normas e valores afetam amplamente o comportamento e as atividades humanas, visto que servem de critérios de seleção da ação. O que distingue os valores e as normas são as punições e recompensas socialmente previstas para o descumprimento e o cumprimento das normas.

O papel dos valores e das normas na manutenção da cultura e da sociedade

Os valores que sustentam os membros de um grupo social tendem a formar um sistema sociocultural coerente. Evidentemente, os valores variam com as sociedades, no interior de uma mesma sociedade e com os grupos e categorias sociais. Por exemplo, um empresário não tem os mesmos costumes nem o mesmo gosto que um trabalhador comum. Tal afirmação pode ser constatada por meio dos produtos e marcas consumidos pelos distintos grupos ou classes sociais, os quais podem assumir um significado de requinte e sofisticação, assim como de distinção social.

Verificar as horas em um Rolex é apenas um detalhe, já que podemos fazê-lo em qualquer outro relógio. No entanto, trata-se de um dos relógios mais cobiçados do mundo, sendo um produto cuja marca está fortemente relacionada com o extremo prestígio social. Desse modo, ter um relógio dessa marca pode ser objeto de consumo altamente desejado, sobretudo pelas camadas média e alta de nossa sociedade.



Figura 8.2: Relógio Rolex (modelo luxo).

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/352889>

Pois bem, o desejo de possuir um relógio da marca Rolex estaria em conformidade com os padrões de consumo que regulam os modos de vestir, a prática de viagens, de determinados esportes, entre outras, importantes para a distinção de determinados grupos sociais. Logo, essas práticas de consumo correspondem a padrões de comportamento que servem para a distinção social, sendo, portanto, altamente valorizadas por determinados estratos sociais. Isso porque pertencer a uma determinada classe social não significa apenas possuir certo nível de renda, de instrução e ocupação, mas também ser aceito pelos demais membros da classe social. Nessa perspectiva, o sistema de estratificação social pressupõe a existência de valores e normas que explicam a distribuição desigual de recursos materiais e simbólicos socialmente valorizados.

Embora haja em muitas sociedades concepções alternativas e ainda conflitivas do que é desejável e aceito, geralmente é possível demonstrar que existe uma hierarquia entre os valores encontrados, assim como conexões entre esses valores. Os conceitos gerais que ajudam a integrar um sistema de valores costumam receber o nome de padrões ou orientações. O termo **ethos** se refere aos padrões gerais ou orientações que o antropólogo formula para descrever a integração de um sistema de valores. Trata-se de uma tentativa de reduzir as complexidades de um sistema de valores a padrões básicos que influem sobre todas as partes do sistema para explicar a coerência entre os diferentes valores presentes em uma sociedade determinada.

Assim, por exemplo, a competência e o progresso material são valores importantes nas culturas ocidentais, valores que possivelmente sejam considerados irrelevantes ou sem importância entre os pigmeus africanos, conforme ilustrado na **Figura 8.3**. Daí que, nas primeiras, o êxito profissional e a acumulação de riqueza, mediante o trabalho e o esforço pessoal, sejam qualidades altamente apreciadas pelos seus membros. Portanto, os valores sociais variam de uma cultura para outra. O que é muito valorizado em uma sociedade pode ser considerado sem grande importância em outra.

Ethos

Termo genérico que designa o caráter cultural e social de um grupo ou sociedade. Para os gregos antigos, o termo *ethos* significa a morada do homem, isto é, a natureza processada sob a forma de cultura. A cultura promove a sua própria ordenação ao estabelecer normas e regras de conduta que devem ser observadas por cada um de seus membros. Como propõe Clifford Geertz (1973), “a cultura deve ser vista como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instituições – para governar o comportamento”. Sendo assim, os gregos compreendiam que o homem habita o *ethos* enquanto expressão normativa da sua própria natureza.



Figura 8.3: Pigmeus africanos.

Max Weber estudou a correspondência entre a ética protestante e o espírito do empresário capitalista, destacando os valores que organizavam a racionalidade capitalista moderna, bem como a disciplina ascética, a poupança, a austeridade, o dever e a propensão ao trabalho, os quais atuavam de maneira decisiva sobre a ação dos indivíduos. Mendras (1969) destaca um trecho da obra de Weber, *A ética protestante e o espírito capitalista*, que ilustra o comportamento típico do capitalista moderno e a relação entre sistema de valores e forma de organização social:

Até aproximadamente o fim do século passado – pelo menos em vários ramos da indústria têxtil do nosso continente – a vida do industrial que empregava trabalhadores para tarefas domiciliares era, segundo nossos conceitos atuais, bastante agradável. [...] De repente, num dado momento, essa vida agradável e tranquila terminava. Frequentemente, alguma transformação na forma da organização, tal como a passagem para a empresa fechada (*geschlossener Betrieb*), ou a utilização do tear mecânico etc., não ocorria. Produzia-se simplesmente isto: um rapaz pertencente a uma família de empresários vai para o campo; seleciona cuidadosamente os tecelões que quer empregar; aumenta a dependência deles e o rigor do controle da produção deles, transformando-os assim de camponeses em operários. Por outra parte, ele muda também os métodos de venda entrando o mais

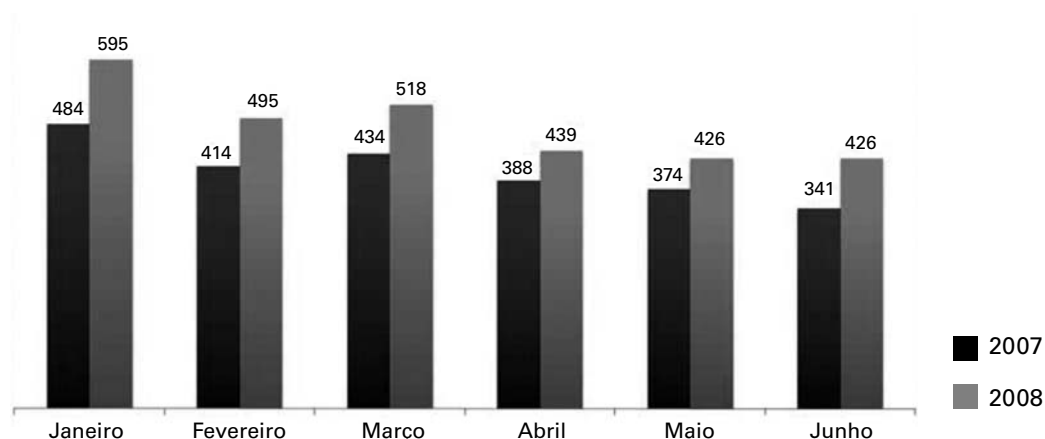
possível em contato direto com os consumidores. Domina inteiramente o comércio de varejo e ele próprio faz os fregueses. Visita-os regularmente todo ano, adapta a qualidade dos produtos aos gostos e às necessidades da freguesia. Ao mesmo tempo, age segundo o princípio: reduzir os preços, aumentar o volume dos negócios. A consequência habitual desse processo de racionalização não tarda a se manifestar: os que não se enquadram ao sistema são eliminados. O idílio desmorona sob os primeiros golpes de concorrência; erguem-se fortunas consideráveis que não são colocadas a juro, mas reinvestidas na empresa. O antigo modo de vida, confortável e sem formalidades, desaparecia ante a dura sobriedade de alguns. Eles ascenderam aos primeiros lugares por não quererem consumir, mas ganhar, enquanto os outros, que desejavam perpetuar os antigos costumes, foram obrigados a reduzir seus gastos (MENDRAS, 1969, p. 109).

A partir da leitura do trecho anterior, você pode concluir que os valores e os costumes não são imutáveis, o que explicita a sua natureza social. O trabalho no contexto da sociedade industrial moderna era uma atividade que ocupava todo o dia de um trabalhador. De acordo com Weber, a ética protestante ajudou a firmar o trabalho como um valor, construindo um sentido positivo para o mesmo, como dizia o ditado: “O trabalho dignifica o homem, aproximando-o de Deus”. Nessa perspectiva, aquele que não trabalha não é digno do merecimento de Deus. A propósito da relação entre valores e normas, o local de trabalho é um lugar repleto de ações orientadas por normas que regulam os esforços dos trabalhadores.

A elevação do nível de vida, no entanto, foi acompanhada pela elevação do número das horas livres ou do tempo liberado do trabalhador. O conjunto de atividades de entretenimento e lazer surgiu justamente em função do tempo disponível do trabalhador. Essas atividades firmaram-se como um valor no século XX, no qual foram incorporadas como necessidade básica do homem, tornando-se fundamentais para o descanso mental, o crescimento pessoal e a fuga das obrigações rotineiras.

O lazer e as viagens penetraram na vida do homem moderno e se fortaleceram como uma conquista, tornando-se um dos grandes consumos nas sociedades contemporâneas. De fato, em termos econômicos, o turismo tem apresentado um desenvolvimento surpreendente. De acordo com dados recentes do Banco Central, o gasto de turistas estrangeiros no Brasil, em junho de 2008, foi de US\$ 426 milhões. Este valor é superior aos US\$ 341 milhões registrados em junho de 2007. Os dados apresentados na **Tabela 8.1** mostram que o gasto de turistas estrangeiros no país, no primeiro semestre do ano de 2008, aproximou-se dos três bilhões de dólares.

Tabela 8.1: Receita cambial turística (Em US\$ milhões)



Ano Mês	2007	2008
	Receita	Receita
Janeiro	484	595
Fevereiro	414	495
Março	434	518
Abril	388	439
Maio	374	426
Junho	341	426
Total	2.436	2.899

Fonte: Informativo Dados & Fatos – Ministério do Turismo – Agosto de 2008
- Ano 1 n.º 0 - <http://www.turismo.gov.br/>

Você já sabe, no entanto, que a atividade turística não se encerra no aspecto financeiro. A experiência permitida às pessoas que viajam, pelo contato com a Natureza e com a cultura do lugar visitado, constitui-se em um objeto de valorização, especialmente na nossa disciplina. Isso porque o fenômeno turístico apresenta importantes implicações socioculturais. Podemos recorrer ao exemplo da interação social entre os turistas e os residentes da comunidade receptora. A presença dos turistas pode provocar mudanças nos valores e normas sociais assumidos pelas comunidades receptoras e, assim, alterar o sistema de relações e de *status* social.



Figura 8.4: Turistas em ação.

Nesse aspecto, o fenômeno turístico pode gerar uma situação de desconforto ou de receio entre o turista e o residente, visto que ambos possuem formações culturais distintas. Assim, podem ocorrer conflitos, ou seja, aquilo que Lewis Coser (1977) define como a “luta pelos valores e pelo *status*, o poder e os recursos escassos, em que o objetivo dos oponentes consiste em neutralizar ou eliminar a ação dos demais”.

A diversidade sociocultural é ao mesmo tempo causa e efeito do caráter essencialmente conflitivo da sociedade humana.

No caso da interação turista-residente, os conflitos e antagonismos podem ocorrer como uma necessidade para a manutenção da identidade e das fronteiras de cada grupo social. Desse modo, o planejamento do turismo sem a integração dos valores sociais locais pode trazer danos ao próprio desenvolvimento da atividade, visto que as atitudes dos residentes criam ambientes hospitaleiros para os turistas. O contrário pode gerar sentimentos e atitudes hostis, que são predisposições ao conflito.



Atividade

Atende ao Objetivo 2

3. Como você vê o papel dos valores e das normas sociais para a manutenção da cultura e da sociedade enquanto tal?

Resposta Comentada

Os valores e as normas sociais mantêm a coesão social, na medida em que são compartilhados por todos os membros de um grupo ou de uma sociedade. Os valores dão origem a sentimentos de pertencimento e de solidariedade entre as pessoas, diminuindo as possibilidades de conflitos entre as mesmas. Ademais, são os valores que fundamentam o conjunto de normas sociais que condicionam o comportamento dos indivíduos, levando-os a desempenhar papéis e a respeitar os valores e as regras socialmente aceitos. Ambos servem para manter a conformidade e a coesão social, promovendo, portanto, a reprodução da cultura e o funcionamento “normal” da vida social.

A regulamentação social do comportamento

Você já sabe que a vida em qualquer sociedade está permeada por normas sociais, isto é, que existem atitudes, condutas e comportamentos individuais padronizados socialmente. Na realidade, a conduta humana é basicamente normativa. Por isso, até mesmo os delinquentes, aqueles considerados desviantes das normas prevaletentes em uma dada sociedade, possuem suas regras de conduta.

Dessa forma, os grupos constantemente estabelecem as regras de interação ou o jogo da vida social, e as institucionalizam. Na Aula 3, vimos que as instituições sociais são um conjunto de normas e sistemas de relações como o casamento, as religiões, os mercados, as festas populares, os cargos públicos etc. Esses fenômenos podem ser concebidos como redes normativas ou veículos de controle social. Mas também são normas os canais de conduta isolados que não se cristalizam em instituições sociais do tipo já mencionado. É o caso das formas de cumprimentos e de convivência. Porém, todas elas servem precisamente ao funcionamento “normal” da vida social.

Mendras (1969) distingue duas categorias de normas sociais: aquelas que estão codificadas nas leis, sancionadas pelo poder público, e aquelas que estão ritualizadas nos costumes. Um sistema de normas bastante conhecido é o das normas de cortesia. Assim, o modo de se dirigir a alguém e a determinação de quem deve cumprimentar primeiro são partes de um sistema de regras que obedece a sanções e é aprendido e interiorizado no decorrer do processo de socialização. Dessa forma, a sociedade se sustenta, na aceitação majoritária de um conjunto de normas de comportamento sem as quais a vida em sociedade seria impossível. Logo, o controle social, um dos fenômenos capitais da vida social, resulta disso.

Afinal, em que consiste o controle social? Para Bottomore (1975), o controle social pode ser definido como um conjunto de “formas de regulamentação social do comportamento”. Trata-

se de uma expressão que se refere a um “conjunto de valores e normas por meio do qual as tensões e conflitos entre indivíduos e grupos são resolvidos ou minorados, a fim de manter-se a solidariedade de um grupo mais amplo; refere-se também às disposições pelas quais esses valores e normas são comunicados e *instilados*”.

O controle social costuma ser eficaz graças ao alto grau de conformidade que existe na aceitação da norma prevalecente. As fontes de tal conformidade, no entanto, renovam-se constantemente, pois a dinâmica da vida social produz situações imprevisíveis. Ademais, a conformidade por si só não mantém em funcionamento as instituições sociais: sua permanência é reforçada e assegurada por uma série de agências adicionais de dominação e controle de uns sobre os outros, como são as instituições políticas, jurídicas, religiosas e econômicas. Portanto, as instituições ou a constelação de normas e padrões se mantêm em grande medida graças ao consenso social ou à conformidade social. Veja no box a seguir.

Instilar

Penetrar progressivamente uma idéia;



As pessoas obedecem às normas para evitar a desaprovação ou a rejeição dos membros do grupo social ao qual pertence, assim como para evitar as sanções legalmente prescritas, ou seja, o comportamento guiado por normas é garantido pela ameaça de sanções sociais. Vale destacar, no entanto, que as normas socialmente prescritas não exigem sanções externas para serem eficazes. A sanção interna é suficiente para a obediência das mesmas. A melhor prova disso é que, diante da possibilidade de infringi-las, tem-se o sentimento de culpa, de vergonha ou de constrangimento.

Além de referir-se à regulação do comportamento individual por meio de valores e normas socialmente aceitos, o controle social também pode ser empreendido pelo uso da força ou da violência.

Aliás, não podemos subestimar o papel da força e da coação física nas sociedades, onde a violência e a opressão são evidentes e empregadas pelos mais diversos grupos e instituições, tais como: família, educação, Estado, religião, sistema jurídico etc.

Assim sendo, a regulação do comportamento por valores e normas sociais não é harmoniosa e estável. De fato, a interiorização de valores e normas não é sempre capaz de garantir o controle social. Por essa razão, todas as sociedades produziram uma série de mecanismos externos de controle que vão desde os gestos de reprovação até as formas de repressão institucionais, como a polícia, por exemplo. Prescindir das normas de etiqueta em um jantar provocará gestos de reprovação, enquanto que o castigo de um crime é a cadeia.

Certamente, em sociedades complexas podem ocorrer conflitos entre diferentes grupos sociais. Assim, é natural que, eventualmente, problemas surjam nesses contextos, nos quais coexistem distintas formações socioculturais. Podemos citar como exemplos as situações de conflitos entre grupos religiosos e étnicos, justamente porque partilham de valores, normas e identidades culturais distintas. Daí a afirmativa de que as sociedades necessitam de uma série de forças que as mantenham coesas e promovam a estabilidade de sua cultura e o consenso sobre os mesmos valores.



Atividade

Atende ao Objetivo 3

4. Considerando a afirmativa de que todas as sociedades necessitam de uma série de forças que as mantenham coesas e promovam a sua manutenção e reprodução, sugerimos uma reflexão sobre os condomínios fechados, um fenômeno urbano que ganhou relevância nas últimas décadas e que estabeleceu uma nova maneira de habitar e de conviver nas cidades.

O ideal do condomínio fechado é a criação de uma ordem privada, na qual os moradores possam evitar os problemas da cidade e desfrutar de um estilo de vida harmonioso com pessoas do mesmo

grupo social. Ele representa, para a maioria de seus moradores, um refúgio das dificuldades que o crescimento dos centros urbanos trouxe. Dessa forma, há nos condomínios uma “noção de igualdade” em oposição à diversidade das cidades. Caldeira (1997) utiliza a denominação “enclaves fortificados” para caracterizar esses empreendimentos imobiliários que têm como objetivo apartar determinados grupos sociais, especialmente as classes médias e altas, do convívio com as diferenças sociais. Ao mesmo tempo, o padrão de moradia é apresentado como um sinal de pertencimento, conferindo *status* ao morador, já que supostamente ocupa posição superior na estrutura socioespacial.

Gostaria que você realizasse um pequeno levantamento no seu bairro sobre a convivência entre moradores de um condomínio fechado, destacando alguns mecanismos de controle para a manutenção do convívio social.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The paper appears to be a standard notebook page or a sheet of stationery.

Resposta Comentada

Os condomínios fechados são vigiados e controlados por meio de dispositivos de segurança como guaritas, cercas elétricas e câmeras, e delimitam um espaço próprio de lazer para seus moradores. Esses mecanismos de controle constituem uma maneira de manutenção da distância entre os moradores do condomínio e os moradores do entorno, além de implicar uma forma de interação no espaço da cidade.

Um condomínio legalmente constituído possui uma convenção, um contrato que apresenta regras para garantir uma boa convivência entre os seus moradores, com destaque para as obrigações de proprietários, síndico e inquilinos. Dentre as regras mais frequentes, estão a proibição de qualquer tipo de barulho ou ruído depois das 22:00h e antes das 8:00h, multas para os inadimplentes, regras para a permanência de animais nas residências, o uso das dependências como piscina, churrasqueira, elevador, salão de festas, parque etc. Às vezes, o síndico é acionado para impor a ordem, ou realizam-se registros no livro de reclamações para a possível aplicação de sanções previstas na convenção do condomínio.

Conclusão

Os valores e as normas sociais organizam-se em um ideal que a sociedade propõe para os seus membros, orientando o pensamento e as ações. Dessa forma, o sistema de valores e as normas sociais são congruentes com o funcionamento da vida social e permitem o equilíbrio e a coerência dos grupos e da sociedade. Os homens atuam dentro de um contexto de regras aceitas socialmente, interiorizadas a partir dos valores. Logo, a ordem social ocorre, pois as normas comuns mantêm as formas estáveis de interação social. Assim, no plano social, o comportamento normal define-se como aquele que é praticado pela maior parte dos membros de um grupo e de uma sociedade.



Atividade Final

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

Todo o grupo humano se desenvolve no marco de uma cultura e interage no meio ambiente. Considerando tal afirmativa, redija um pequeno texto relatando algumas situações de conflito ou de descontentamento que pode produzir a instalação de um complexo turístico-hoteleiro em uma comunidade rural.

This image shows a full page of handwriting practice paper. It features ten sets of horizontal guidelines. Each set includes three lines: a solid top line, a dashed middle line, and a solid bottom line, providing a structured space for practicing letter formation and alignment. The lines are evenly spaced across the entire page.

Comentário

A instalação de um complexo turístico-hoteleiro pode produzir mudanças no espaço natural e nos grupos humanos da região alvo do empreendimento. Essas mudanças podem afetar os moradores da localidade na medida em que ocorra, por exemplo, uma mudança nas funções ou tarefas do lugar. De fato, o agricultor da zona afetada passará a valorizar outras funções distintas da agricultura, aquela que o define como agricultor. Isso acarretará uma mudança de papéis e, portanto, no sistema de valores. O contato dos moradores locais com outros grupos, os turistas, poderá ter como resultado uma relação pacífica ou conflitiva. Nos dois casos, induzem-se mudanças nos grupos humanos como fruto da interação entre os mesmos.

A consciência de que só se protege o que se ama e só se ama o que se conhece mostra a importância de se trabalhar junto aos habitantes dessas regiões de forma positiva em relação a esses núcleos históricos. A sociedade deve ser convocada, em seus diversos estratos – administradores, comerciantes, professores, estudantes etc. –, para que todos se vejam envolvidos num esforço preservacionista, garantindo ao espaço um cuidado vigilante e duradouro.

Resumo

Em todas as culturas e sociedades, existem dois elementos que condicionam o comportamento humano: as metas culturais e os meios institucionalizados. As normas sociais são regras para comportar-se de um modo aceitável socialmente. Os valores, por sua vez, são padrões desejáveis, isto é, critérios do que deve ser considerado como desejável, portanto, que assentam as bases para a aceitação ou o rechaço de normas particulares. Os valores que sustentam os membros de um grupo ou de uma sociedade formam um sistema sociocultural coerente. Evidentemente, os valores variam com as sociedades e no interior de uma mesma sociedade. No entanto, é possível demonstrar que existem conexões entre a diversidade de valores em uma dada sociedade, que correspondem aos seus padrões culturais. A vida em qualquer sociedade está permeada por normas sociais, ritualizadas nos costumes e institucionalizadas no sistema social em vigor. A sociedade se sustenta, portanto, na aceitação majoritária de um conjunto de normas de comportamento sem as quais a vida em sociedade seria impossível. O controle social, um dos fenômenos capitais da vida social, é eficaz graças ao consenso ou à conformidade com as normas impostas socialmente. No entanto, essa regulação do comportamento por valores e normas sociais não é harmoniosa e estável, visto que o controle também pode ser empreendido pelo uso da força e da coação física que reprime a manifestação dos comportamentos desviados.

Informações sobre a próxima aula

Na próxima aula, iremos abordar a anomia, um processo social marcado pela ausência ou conflito de normas sociais. Destacaremos algumas situações que caracterizam os comportamentos desviados em sociedades complexas como a nossa e que afetam amplamente a vida em sociedade.

9

Anomia e mudança social

Meta da aula

Apresentar o conceito de anomia e os fatores de mudanças sociais, favorecendo a compreensão das implicações sociais do fenômeno turístico.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 distinguir as principais noções de anomia social;
- 2 reconhecer fatores determinantes do processo de mudança social.

Pré-requisito

Para que você encontre mais facilidade na compreensão desta aula, sugerimos que esteja atento ao tema da regulação do comportamento social discutido na Aula 8.



■ **Robert King Merton (1910-2003)**

Nascido em Filadélfia, descendia de uma família judia emigrada da Europa Oriental. Pai de Robert C. Merton, reconhecido economista. Em 1935, concluiu o doutorado na Universidade de Harvard. Em 1941, tornou-se professor na Universidade de Columbia de Nova Iorque, onde desenvolveu bases da teoria sociológica estrutural-funcionalista, que privilegia uma análise microscópica da sociedade, examinando as partes que a integram e a relação entre elas. Permaneceu ensinando nessa universidade até 1979. Entre as suas principais obras estão: *Social Structure and Anomie* (1936), *Social Theory and Social Structure* (1949), *On the Shoulder of Giants* (1965). Faleceu em Nova Iorque, em 2003. Fonte: <http://www.columbia.edu/cu/news/03/02/robertK-Merton.html>

Introdução

Na aula passada, você viu que toda sociedade se sustenta pela aceitação de um conjunto de normas de comportamento sem as quais a vida em sociedade seria impossível. Você viu, ainda, que o comportamento que não viola nenhuma das normas socialmente compartilhadas, as quais o indivíduo está orientado, pode ser considerado conformista. Para **Robert King Merton** (1965), a conformidade supõe a aceitação, por parte do indivíduo, tanto das metas culturais como dos meios institucionalizados para alcançá-las. Nessa perspectiva, podemos assumir que, em uma sociedade estável e bem integrada, a conformidade é amplamente difundida.

De fato, nenhuma sociedade pode manter-se sem a existência de certo grau de conformidade social. Os valores e as normas que sustentam a vida social não podem ser radicalmente contestados, entre outras razões, porque deixariam de ser considerados normas e valores. Por outro lado, o consenso completo é impossível, visto que a vida em sociedade apresenta tensões que resultam de seus processos internos de diferenciação e de sua deficiente adaptação ao meio ambiente.

Assim sendo, toda visão do social excessivamente centrada sobre seu aspecto consensual pecará de conservadora, estática e a-histórica. Da mesma forma, os enfoques que entendem os fenômenos sociais em termos exclusivos de opressão, exploração e coerção ignoram o alto grau de inércia, aceitação do mundo e conformidade existente em toda a coletividade social. Podemos reconhecer, portanto, a idéia de que existem situações em que a ordem social é mantida coercitivamente e que, em outras, é mantida consensualmente e, ainda, em última instância, que ambos os fenômenos estão presentes em cada situação concreta.

Pois bem, na aula de hoje abordaremos os conceitos de *anomia* e de mudança social, processos que caracterizam situações em que a sustentação da ordem social se encontra ameaçada.

As noções de anomia social

Você já sabe que a conformidade significa a adequação da ação à norma socialmente imposta ou aceita. Essa adequação não se produz de forma automática, tampouco se associa a fatores genéticos, já que ela depende do processo de socialização. No entanto, podemos concordar com a idéia de que todos os membros de uma sociedade transgridem, em alguma circunstância, normas e padrões de comportamento.

Na realidade, existe certo grau de tolerância na adesão e na aplicação das normas sociais, o que permite ao comportamento normal desrespeitar, às vezes, as regras socialmente impostas. Como diz Mendras (1969), “numa igreja, não se pede a todos os crentes que sejam santos”. Isso porque, para o autor, poucas sociedades continuariam a existir se toda divergência ou inconformismo fossem denunciados e punidos.

Todavia, em todas as sociedades, algumas pessoas deixam de comportar-se como se espera delas, isto é, se distanciam do que é tolerado pelo grupo ou pela sociedade em que estão inseridas. É nesse aspecto que destacamos a noção de desvio, a qual não se refere apenas ao comportamento individual, mas também aos grupos que a sociedade pode considerar pertencentes a uma determinada “subcultura desviada”, aquela que transgride e se coloca à parte das regras e das normas em vigor, em um dado sistema social.

Por alguma razão, o indivíduo pode situar-se à margem de seu grupo e por isso não interioriza as suas normas de conduta, já que para ele as mesmas são inúteis. Vejamos um exemplo: em uma escola, um mau aluno pode ser aquele que não se importa com as sanções previstas para o descumprimento das normas que regulam a vida escolar, visto que para ele não tem

Anomia

O sentido literal da palavra grega é o de “ausência de lei” ou norma. Em Sociologia, anomia significa, em primeiro lugar, uma situação na qual existe um conflito de normas, de maneira que os indivíduos não podem orientar com precisão sua conduta. Isto é, que se encontra em uma situação na qual hipoteticamente não há normas porque não são precisas. Conflito de normas significa, pois, vazio normativo para quem nele se encontra, isto é, significa estado de desorganização social ou pessoal, ocasionado pela aparente ausência de normas.

importância ser um bom aluno. Em contrapartida, o indivíduo pode sofrer um conflito de normas e ser obrigado a infringir uma norma para respeitar outra. Neste caso, o desvio resulta de um conflito entre os valores da sociedade à qual pertence e os meios de que dispõe para aplicar tais valores em sua vida cotidiana.

O termo desvio é bastante amplo, podendo ser compreendido dentro do marco da anomia, conceito introduzido na Sociologia por Émile Durkheim e reexaminado por Robert Merton, autores que mostraram o desvio ou o comportamento anômico como um fenômeno social.

Émile Durkheim destacou a importância das normas sociais para estabelecer limites de conduta. Dessa forma, para o autor, a anomia refere-se a um estado em que as normas sociais não mais regulam o comportamento humano, sendo, portanto, o resultado do enfraquecimento das mesmas em certas sociedades.

Em tal situação, o indivíduo experimenta a anomia como uma confusão moral e mental. Um estudante, por exemplo, deve realizar uma prova de acordo com as normas de sua escola e não se comunicar com seus companheiros. As normas de seu grupo de amigos, entretanto, lhe exigem que os ajude, ou seja, que passe informação a quem não sabe responder às questões da prova. Nesse caso, o estudante se encontra em uma situação anômica, de dúvida e conflito, e tem de violar um ou outro código de conduta, o de sua escola ou o do companheirismo.

Em um subúrbio desorganizado, ocupado por imigrantes, os recém-chegados vêm com esquemas mentais de sua sociedade de origem, ou de outro país sem imigrantes estrangeiros, e se encontram com um mundo diferente, cujas normas não são evidentes de imediato, porém exigem seu cumprimento. Podemos considerar que a situação desses imigrantes também é anômica, visto que não possuem vinculação às normas da sociedade de destino, o que acarreta dificuldades para a conformação às exigências e à natureza das mesmas.



Figura 9.1: Protesto de imigrantes nos EUA.

Fonte: www.sxc.hu ID 520992

É importante que você saiba que a situação de anomia não se encerra no conflito de normas. Tanto Durkheim como mais tarde Merton destacaram o fato de que a anomia surge da discrepância que existe entre as necessidades e as aspirações do homem e os meios que uma sociedade concreta lhe oferece para satisfazê-las.

De acordo com Merton, a crise anômica surge no conflito entre “fins culturais e normas institucionais.” O autor utilizou o exemplo da sociedade norte-americana para demonstrar esse conflito. Segundo os valores do sistema cultural norte-americano, os indivíduos são socializados em sua juventude para que se esforcem em alcançar êxito ou ascensão social e, normalmente, ganhar muito dinheiro.

No entanto, a estrutura institucional não permite que a maioria o consiga. É impossível que cada filho inteligente e ambicioso de um operário chegue a ser diretor ou presidente de uma grande empresa. A maioria dos indivíduos que se situam abaixo na escala social vive esse conflito entre os valores dominantes na sociedade americana e sua situação social. Ademais,

parcialmente em função da ideologia individualista, o inconformismo com a própria situação social não se traduz em ação coletiva de classe, senão em uma luta individualista pelo êxito.

As consequências de tudo isso podem ficar reduzidas a neuroses ou psicoses individuais, tão comuns no mundo moderno. Pode também chegar a ocorrer, em alguns casos, o que Durkeim chamou suicídio anômico, aquele associado ao desregramento, crises e mudanças, cujas origens estão no enfraquecimento do tecido social. Assim sendo, para esse autor, durante períodos de rápidas mudanças econômicas esse tipo de suicídio cresce, visto que tanto as crises como os estados de euforia econômica minam certos modos de coesão social. Quando isso ocorre, os que mais sofrem são os membros menos integrados.

Vale destacar que a discrepância entre fins culturais e meios normais ou socialmente aceitáveis de ascender não é, por si só, a causa da anomia. O importante, diz Merton, é que a falta de oportunidade ocorra em uma sociedade na qual constantemente se predique a igualdade de oportunidades, ao mesmo tempo em que existam fortes barreiras contra essa mesma igualdade. Para o autor, a anomia ocorre quando o insucesso em atingir as metas culturais, devido à insuficiência dos meios institucionalizados para alcançá-las, gera a conduta desviante.

Pode surgir também um tipo de conduta desviada que busca alcançar o mesmo objetivo, o êxito social, por caminhos distintos aos do trabalho honesto. Indivíduos que encontram nos meios ilegais ou ilícitos a possibilidade de ascender socialmente, tal como o “homem de negócios” que utiliza métodos comerciais pouco ortodoxos, como apresentado na figura que segue.

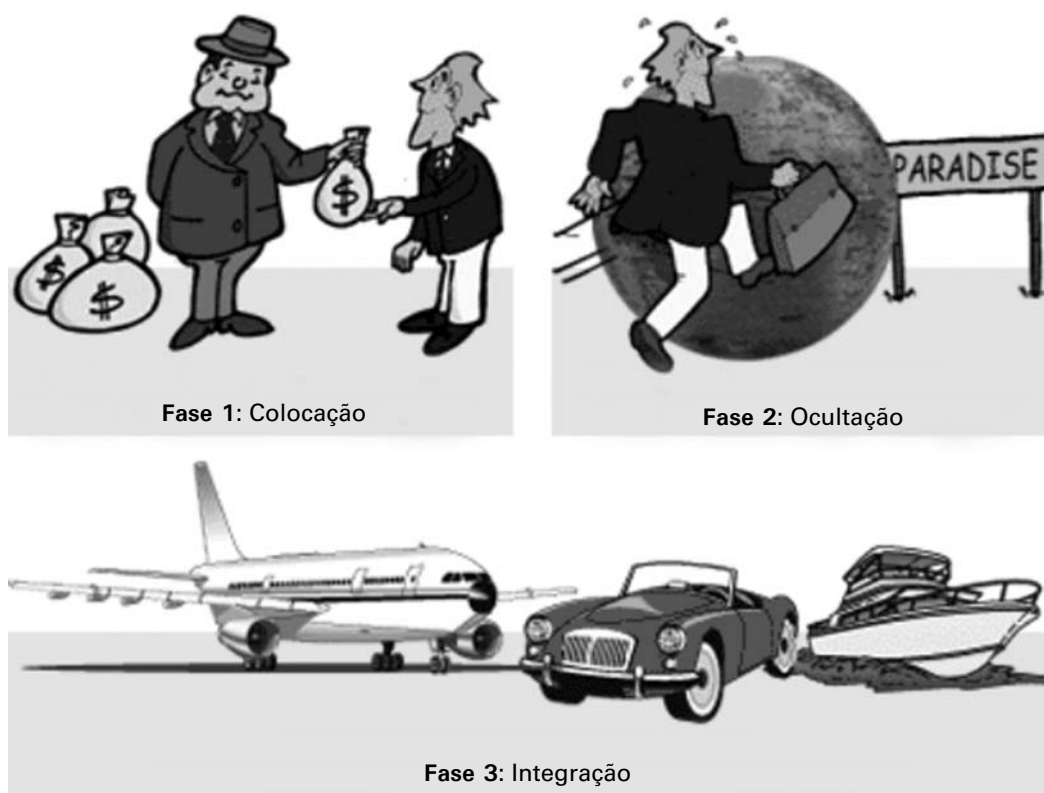


Figura 9.2: Crime de lavagem de dinheiro.

Fonte: <https://www.coaf.fazenda.gov.br/conteudo/sobre-lavagem-de-dinheiro-1/ImagemFases.gif>

Assim sendo, podemos concluir que toda a sociedade possui valores compartilhados pelos seus membros e que a interiorização individual desses valores constitui a base por meio da qual se constrói o conjunto de objetivos que devem obedecer ou não às normas sociais para serem atingidos.

Merton identificou cinco tipos principais de adaptação às normas sociais no processo de busca por esses objetivos individuais:

1. **Conformidade:** o comportamento conformista é aquele que limita seus objetivos aos meios e fins valorizados de forma positiva na sociedade.

2. **Ritualista:** o comportamento ritualista respeita estritamente os meios socialmente valorizados, sem importar-se com os fins.

3. Inovação: o comportamento inovador é aquele que atinge os objetivos positivamente valorizados sem atender aos meios que são valorizados de forma positiva na sociedade.

4. Reclusão: o comportamento retraído se distancia dos fins e meios socialmente valorizados.

5. Rebeldia: por fim, o comportamento rebelde rejeita os meios e objetivos que são valorizados na sociedade, elaborando uma nova proposta de vida social, através de meios e objetivos alternativos.

Tipologia de modos de adaptação individual às normas sociais		
	Metas culturais	Meios institucionalizados
Conformidade	+	+
Inovação	+	-
Ritualismo	-	+
Retraimento	-	-
Rebeldia	+ / -	+ / -

Fonte: Vila Nova, 2000.



Atividade

Atende ao Objetivo 1

1. A regulamentação do trânsito brasileiro é garantida pelo aparato coercitivo, contido nas punições e nos instrumentos normativos para efetivá-las. Assim sendo, o indivíduo que for flagrado desrespeitando as leis de trânsito sofrerá sanções, como ser processado, pagar multas, ter o carro apreendido ou até ser detido. Apesar disso, verificamos a violação sistemática dessas leis por parte dos brasileiros, visto que mais de 90% dos acidentes de trânsito são antecidos de infrações. Considerando as noções de anomia desenvolvidas por Durkheim e Merton, em que medida a questão do trânsito brasileiro pode ser caracterizada como um exemplo prático de situação de anomia?

[illegible]

Resposta Comentada

Podemos considerar que existe anomia quando as ações individuais não são mais reguladas por normas socialmente aceitas. Enquanto para Durkheim a anomia resulta do colapso da regulação do comportamento e das condutas pelas normas socialmente aceitáveis, para Merton decorre de um colapso na relação entre metas culturais e os meios institucionais para alcançá-las.

Por um lado, a violação das normas socialmente impostas no trânsito brasileiro implica o não reconhecimento da norma social (a lei de trânsito em vigor) por parte dos indivíduos infratores. Desse modo, a questão do trânsito no Brasil caracteriza uma situação de anomia social, já que tanto as normas de conduta socialmente impostas quanto as punições previstas para o descumprimento das mesmas não possuem eficácia na regulação do comportamento e das ações no trânsito.

Por outro lado, esses indivíduos infratores podem sofrer um conflito de normas, sendo obrigados a infringir a lei para respeitar outra. As condições das estradas e da sinalização, a falta de segurança e de eficácia dos mecanismos de punição existentes favorecem, em alguma medida, o descumprimento das normas de conduta no trânsito. Neste caso, o desvio resulta de um conflito entre os valores sociais e os meios institucionais para aplicar tais valores na vida cotidiana.

Fatores de mudanças sociais

As mudanças bruscas, como a provocada pela industrialização rápida e desordenada, com suas migrações internas e externas, sua população desarraigada, novas formas de pobreza e riqueza, produzem índices maiores de anomia, sobretudo se não são acompanhadas de medidas adequadas de políticas sociais, isto é, de construção de habitação, escolarização ao ritmo da mudança, expansão dos serviços de saúde e saneamento e demais respostas por parte do poder público.

O estudo da mudança social é uma tarefa complexa, pois, para tratá-la em profundidade, é necessário reunir mais variáveis que em qualquer outro tipo de pesquisa sociológica. A mudança pode ser definida como a diferença observada entre o estado anterior e o posterior em uma realidade social. Na verdade, a mudança é o que ocorre entre esses dois momentos.

Toda e qualquer sociedade passa por mudanças sociais. Não se deve confundir mudança social com mudança cultural. A primeira diz respeito às transformações ocorridas na composição da população, às relações produtivas e de classe, ao padrão de vida etc. Já a mudança cultural refere-se às transformações ocorridas no sistema de valores, de crenças, atitudes e costumes grupais e individuais.

No entanto, apesar de diferenciarem-se, toda mudança social influencia o surgimento de transformações no campo da cultura. Na realidade, as mudanças e as inovações sociais contribuem para as mudanças culturais, visto que esta última é produto da interação dos homens em sociedade.

Pelo mero fato de existir culturalmente, toda sociedade humana muda. A mais estancada delas muda, com a única diferença de que seu ritmo parece lento ao lado de outras. Existir culturalmente significa, entre outras coisas, existir através da inovação, isto é, depender de uma série de inventos – utensílios, artefatos, modos de produção, crenças – os quais, por sua vez, produzirão uma série de efeitos sociais, não antecipados pelos

seus criadores. Somente as sociedades animais não mudam, isto é, sua mudança só se produz se houver mutação biológica, precisamente porque não possuem inovação cultural.

Em geral, a mudança social é a consequência de quatro grandes fenômenos:

1. Mudanças produzidas nos aspectos ecológico, biológico e demográfico da sociedade. Assim, as mudanças climáticas, por exemplo, podem produzir uma seca e forçar uma comunidade de produtores rurais ao nomadismo ou à busca de outros territórios. De fato, fenômenos demográficos como as grandes migrações da história tiveram essa origem, com consequências de largo alcance para muitos povos.

2. Mudanças impostas por grupos sociais. A implantação de uma lei, a execução de um golpe de estado, a perseguição de uma minoria étnica ou profissional, a construção de uma ponte ou de uma escola, todos eles pertencem a esta categoria de mudança social. Dão resultados que correspondem às intenções de quem os realiza junto a outros inesperados ou não desejados.

3. Mudanças que são o efeito do funcionamento da sociedade e de sua cultura. Quando o modo de agir e pensar que tem cada grupo social se plasma em uma mudança. Um mesmo fenômeno das duas categorias de mudanças antes mencionadas produz diferentes efeitos em cada sociedade segundo suas concepções, sua estrutura, seu nível de instrução, suas atitudes etc.

4. Mudanças que são efeitos perversos das anteriores e, em especial, resultados não intencionais dos comportamentos intencionais. A crise ecológica é um efeito perverso de nossa conduta de exploração da Natureza. Ninguém quer prejudicá-la nem destruí-la, porém o efeito acumulado do consumo de água, madeira, gasolina, carvão, energia e espaço produz o resultado perverso acumulado da deterioração do meio ambiente.

Desse modo, os efeitos perversos são resultados secundários ou externos a certas atividades que decorrem de uma agregação de atos individuais. Assim, se todos os cidadãos

desejam adquirir um automóvel, e este é acessível à maioria, o resultado será a congestão massiva de nossas estradas. Buscaremos um paliativo com a construção de novas estradas que, por sua vez, sofrerão congestionamento, além de prejudicar ainda mais o meio ambiente, como apresentado na **Figura 9.3**. Continuará assim a degradação, até que a situação se torne insustentável e haja provocado movimentos sociais ecologistas ou políticas adequadas para resolver a situação.



Figura 9.3: Congestionamento de trânsito típico na área central de São Paulo.
Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/85/Traffic_jam_Sao_Paulo_09_2006_30.JPG

Veja bem, estamos falando de fenômenos de mudanças sociais e não de desenvolvimento ou de progresso. Estes últimos são certamente fenômenos existentes, porém são aspectos dos primeiros que significam incremento na dimensão e na complexidade de uma sociedade. Já desenvolvimento e progresso significam um incremento na riqueza qualitativa da vida social, que inclui melhores condições de vida para todos e avanço moral e tecnológico.

Tomemos o exemplo do desenvolvimento de novas tecnologias da informação e comunicação que vem promovendo profundas mudanças na sociedade contemporânea, como ilustrado na **Figura 9.4**. No sistema produtivo, as empresas e as relações de trabalho tornaram-se mais flexíveis; no sistema educativo, as tecnologias da informação permitiram novas relações no processo de ensino-aprendizagem, por meio da combinação de novas linguagens e recursos pedagógicos.

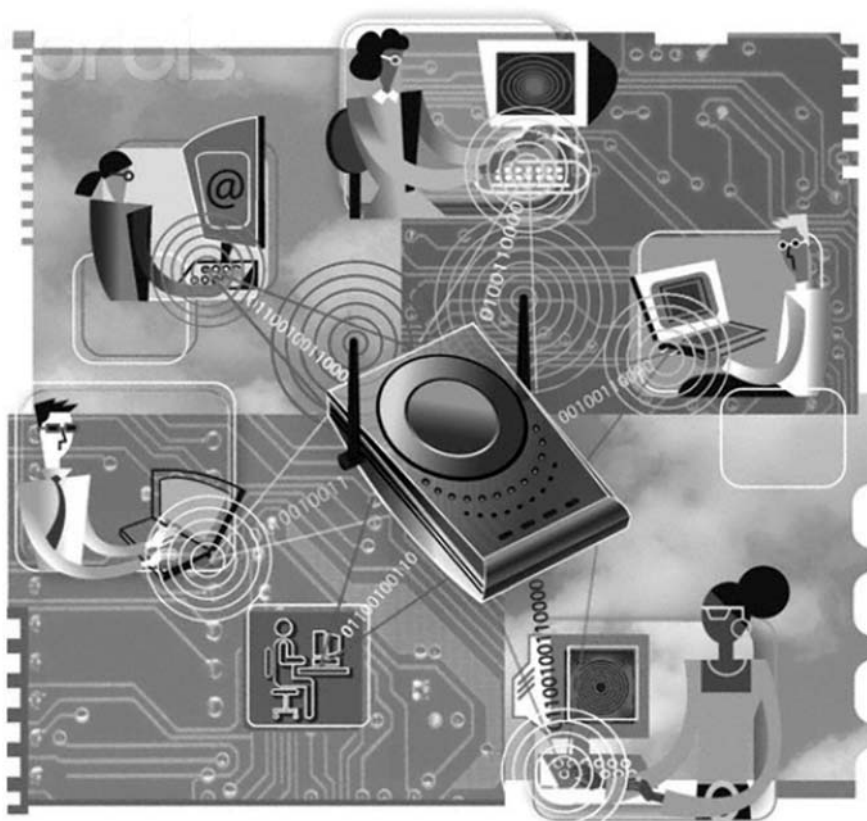


Figura 9.4: As tecnologias da informação e da comunicação.

Fonte: <http://ecomunicacao.files.wordpress.com/2007/11/w1147-11.jpg>



Atividade

Atende ao Objetivo 2

2. Pelo computador, você pode se preparar para qualquer época do ano, sem qualquer espécie de limites. No caso da época de Natal, por exemplo, das compras às receitas, do Menino Jesus às tradições nos diferentes países, a internet oferece-lhe tudo. A partir disso, explicita o papel da inovação tecnológica na mudança social.

Resposta Comentada

A inovação tecnológica (como o desenvolvimento da informática e difusão do acesso aos computadores com internet – caso anteriormente mencionado) pode ser considerada um fator de mudança social porque contribuiu para a transformação da cultura e da organização da nossa sociedade sobre a qual as novas tecnologias passaram a exercer grande influência, sendo uma ferramenta de difusão de informação e de conhecimento científico e tecnológico.

Turismo e mudança social

Você já sabe que invenções e descobertas, como o desenvolvimento de novas tecnologias, são fatores determinantes de mudanças sociais, visto que produzem novos padrões de organização social, de convívio entre as pessoas e de estilos de vida.

E o turismo, pode se tornar um fator de mudança social?

Para alguns cientistas sociais, o mais importante componente de mudança social é o contato entre as sociedades, pelo qual descobertas e invenções são difundidas e incorporadas.

Esse contato tende a provocar também a difusão de valores, crenças, normas e atitudes, sendo, portanto, um fator de mudança cultural.

Dessa forma, o fenômeno turístico pode ocasionar processos de mudanças sociais. Por um lado, ele promove o contato entre sociedades e culturas, o que pode fazer com que valores e normas sociais fundamentais sejam reinterpretados ou mesmo substituídos. Por outro lado, o turismo combina serviços, paisagens, infraestruturas básicas e turísticas como hotéis, transportes, restaurantes, agências de viagens, além dos aspectos normativos e institucionais que regulam a sua exploração. Portanto, trata-se de um fenômeno complexo que envolve vários aspectos da vida em sociedade, tais como aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais e ambientais.

Assim sendo, se não for planejada, a atividade turística pode prejudicar as pequenas iniciativas e as formas mais simplificadas de relações comerciais na localidade onde se desenvolve. Pode também provocar a degradação ambiental, se não existir uma preocupação com a preservação dos recursos naturais, além de gerar conflitos sociais, na medida em que as suas políticas limitam as suas ações no aspecto econômico da atividade, sem condicionar-se à preservação dos patrimônios naturais, históricos e culturais do destino turístico.

Conclusão

O conceito e as características do comportamento desviante estão presentes na Sociologia contemporânea, podendo ser compreendidos no marco da anomia, conceito introduzido por Émile Durkheim e reexaminado por Robert Merton. A noção de anomia está relacionada aos fenômenos que causam desorganização pessoal e social, sendo caracterizada pela ausência ou conflitos de normas sociais. Já a mudança social é toda a transformação que afeta a estrutura ou o funcionamento da organização social, podendo gerar a diminuição da integração social e um incremento nos conflitos sociais.



Atividade Final

Atende aos Objetivos 1 e 2

A mudança social é uma alteração na organização da sociedade, nas suas instituições ou na sua estrutura. Pressupõe, portanto, alterações na estrutura socioeconômica, nas instituições, nas relações entre as instituições e nos valores e comportamentos. Pois bem, se o turismo produz consequências e efeitos sobre as pessoas e regiões onde se desenvolve, de que maneira pode pôr em risco o tecido social, provocando o comportamento anômico?

Resposta Comentada

O turismo pode provocar mudanças nos padrões de comportamento que derivam de normas socialmente partilhadas. Neste caso, a coesão social pode ser enfraquecida e o controle social se tornar pouco eficiente, gerando situações de anomia, na medida em que as normas socialmente aceitas perdem o seu significado, em virtude da mudança de valores aos quais elas estão associadas.

Resumo

Os conceitos de anomia e de mudança social referem-se a processos que caracterizam situações em que a sustentação da ordem social se encontra ameaçada. A noção de desvio não se refere apenas ao comportamento individual, mas também aos grupos que a sociedade pode considerar pertencentes a uma determinada “subcultura desviada”, aquela que transgride e se coloca à parte das regras e das normas em vigor, em um dado sistema social. Para Durkheim, a anomia refere-se a um estado em que as normas sociais não mais regulam o comportamento humano, sendo, portanto, o resultado do enfraquecimento das mesmas em certas sociedades. Para Merton, a anomia decorre de um colapso na relação entre metas culturais e os meios institucionais para alcançá-las. Assim, o desvio resulta do acesso desigual aos meios legítimos para alcançar as metas culturais. As mudanças sociais, como a provocada pela industrialização rápida e desordenada, com suas migrações internas e externas, sua população desarraigada, novas formas de pobreza e riqueza, produzem índices maiores de anomia, sobretudo se não são acompanhados de medidas e políticas adequadas. O turismo pode se tornar um fator de mudança social, visto que produz novos padrões de organização social, de convívio entre as pessoas e de estilos de vida. Portanto, se não for planejada, a atividade turística pode provocar um estado de desorganização social e pessoal no lugar de destino.

Informações sobre a próxima aula

Na próxima aula, você irá estudar o conceito de estrutura social e os elementos que a compõem, favorecendo a compreensão e a análise de grupos e sociedades humanas.

10

Estrutura social

Meta da aula

Apresentar o conceito de estrutura social que organiza grupos e sociedades humanas, demonstrando a inter-relação entre a análise das estruturas sociais e o entendimento do fenômeno e da atividade turística.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1** reconhecer a diferença entre os conceitos de estrutura, organização e sistema social;
- 2** reconhecer que estrutura social é um conceito analítico que favorece a compreensão e análise dos grupos sociais;
- 3** identificar que elementos possibilitam a apreensão de dada estrutura social.

Introdução

No início do século XXI estamos a testemunhar imensas transformações sociais. O processo de globalização, a preocupação ambiental, a expansão do modo de produção capitalista, os atentados terroristas, a reivindicação de direitos de minorias (homossexuais, idosos, etnias, entre outros), o surgimento dos computadores pessoais e, principalmente, da internet, a rede mundial de computadores.

Como já foi exposto em aulas anteriores, o turismo é uma atividade que envolve o movimento de pessoas que se deslocam rumo aos destinos turísticos e retornam a suas casas. Tanto o deslocamento quanto a permanência dos turistas nos locais que estão visitando provoca alterações na cultura, na economia, no meio ambiente e na política entre os povos; enfim, na sociedade como um todo, daí o fato de essa atividade ser entendida como um fenômeno social. Sua complexidade é tamanha, pois o impacto do encontro cultural entre turistas e nativos favorece mudanças nos hábitos e valores sociais de ambos os grupos.

Mudanças, transformações e inovações contribuem para a renovação social, pois a cultura, o produto da interação dos homens em sociedade, é algo dinâmico. Esse processo como um todo chama a atenção de analistas e cientistas sociais que, preocupados em entender e explicar as transformações ocorridas nos diversos grupos sociais, buscam analisar a estrutura social dos mesmos para responder a essas indagações.

Na aula de hoje, você irá estudar os conceitos de estrutura e organização social, que explicam e definem como podemos analisar as mudanças que ocorrem nos distintos grupos sociais.

Estrutura social

Nas Aulas 6 e 7, você estudou a socialização e a individualização. Observou que há um sistema de *status* e papéis que organiza hierarquicamente os indivíduos, distribuindo-os dentro do grupo social que ocupam, e percebeu que todo indivíduo ocupa na sociedade em que vive posições sociais que lhe dão

maior ou menor ganho, poder e prestígio social. A posição ocupada pelo indivíduo no grupo social denomina-se *status* social. Ao *status* ocupado cabe uma série de direitos, deveres, privilégios e prestígio, conforme o valor socialmente atribuído a cada posição. Quando cumprimos os deveres e usufruímos os direitos que nosso *status* confere, estamos desempenhando nosso papel social, isto é, o comportamento esperado de qualquer pessoa que ocupe determinado *status*.

Em um hotel trabalham recepcionistas, gerentes, camareiras, porteiros e uma infinidade de profissionais que visam dar atendimento aos hóspedes. Cada um dos indivíduos que ali se encontram ocupa uma posição social, um *status* naquele grupo. Todas as posições estão relacionadas entre si e todas elas formam o que na Sociologia e na Antropologia é denominado estrutura social, que nesse caso refere-se à estrutura social do hotel.

Na literatura sociológica, Spencer foi o primeiro a utilizar o termo *estrutura*, com a finalidade de estabelecer uma analogia entre a organização e a evolução dos organismos vivos e a organização e o desenvolvimento da sociedade. De acordo com o pensamento de Spencer, poderíamos definir estrutura como sendo a maneira como as partes de um todo se encontram articuladas entre si. Atualmente, o termo estrutura tem recebido diferentes conceituações tanto por parte de sociólogos quanto de antropólogos que necessitam delimitar o termo para conseguirem expressar as distintas ocorrências sociais.

Spencer

Herbert Spencer foi um filósofo social que nasceu em 27 de abril de 1820 em Derby, Inglaterra. Educado na casa paterna, adquiriu como autodidata uma boa formação científica. Colaborou em diversas publicações até que, em 1848, foi nomeado subdiretor de *The Economist*, onde alcançou prestígio nos círculos intelectuais com a publicação de *Social Statics* (1851)



obra na qual deu à noção de evolução social um tratamento que continha o germe de seu pensamento posterior. Em 1853, recebeu a herança de um tio, deixou o emprego e se dedicou ao estudo dos fenômenos sociais, que tratou sob perspectiva científica. Expôs a primeira parte desses estudos em *The Principles of Psychology* (1855; Princípios de psicologia), obra que antecedeu a publicação das teorias evolucionistas de seu compatriota Charles Darwin. Nesse trabalho, Spencer indica a possibilidade de, por meio do princípio da evolução, oferecer explicação total da realidade, bem como realizar a síntese das diferentes ciências.

O mérito de Spencer deve-se ao fato de que foi ele quem trouxe os estudos evolucionistas para âmbito social, assim como o conceito de evolução natural como princípio subjacente a todas as ordens da realidade, o que constitui o núcleo central do sistema teórico desenvolvido por ele.

Principais obras: *The Synthetic Philosophy* (Filosofia sintética), que compreende: *First Principles* (Primeiros princípios, 1862), dois volumes de *The Principles of Biology* (Princípios de Biologia, 1864-1867), três volumes de *The Principles of Sociology* (Princípios de Sociologia, 1876-1896) e dois volumes de *The Principles of Ethics* (Princípios de Ética, 1892-1893). Morreu em Brighton em 8 de dezembro de 1903.

Conceito antropológico de estrutura social

Embora Spencer tenha sido o primeiro a empregar o termo “estrutura” para o estudo da sociedade, não há em sua obra uma distinção precisa entre estrutura, organização e sistema social.

No início do século XX surgiu o funcionalismo, **escola antropológica** que sucedeu o evolucionismo. De acordo com a escola funcionalista, cada sociedade deve ser estudada como uma totalidade integrada e constituída de partes interdependentes e complementares, cuja função é satisfazer as necessidades essenciais de seus integrantes.

■ Escola antropológica

Refere-se às linhas de pensamento ou correntes teóricas sobre a origem da cultura.

Veja, a seguir, o box explicativo com as diversas escolas da Antropologia.



Quadro 10.1: Escolas da Antropologia

Escola	Principais representantes	Período	Teoria
Evolucionismo cultural	Edward Tylor James Frazer Henry Morgan	1870-1900	Explica a cultura como um processo temporal contínuo, acumulativo e progressivo, por meio do qual os fenômenos culturais sistematicamente organizados sofrem mudanças, em forma ou estágios sucessivos.
Difusionismo (Particularismo Histórico)	Franz Boas	1900-1930	Procurou explicar a cultura através do processo de difusão de elementos culturais de uma cultura para outra. Dentro do difusionismo, ganhou força a corrente do Particularismo Histórico, que focalizou atenção na análise da história cultural.
Funcionalismo	Bronislaw Malinowski Alfred Radcliffe-Brown	1930-1950	Entendiam que as sociedades humanas e suas respectivas culturas existiam como todos orgânicos, constituídos de partes interdependentes. Como qualquer organismo, a sociedade teria suas necessidades, que deveriam ser satisfeitas. A forma como as sociedades satisfazem suas necessidades é a cultura.
Configuracionismo	Ruth Benedict Edward Sapir Margareth Mead	1930-1940	Esta escola fundamenta-se no conceito de difusão. Porém, ao estudar esse processo, evidencia os aspectos psicológicos que interferem no mesmo.
Estruturalismo	Claude Levy-Strauss	1950-	Pode-se dizer que o estruturalismo é, ao mesmo tempo, um conjunto de teorias e um método de análise.



Radcliffe-Brown

Alfred Reginald Radcliffe-Brown nasceu em Birmingham, Inglaterra. Ingressou na Universidade de Cambridge, onde entrou em contato com a economia e a psicologia. Posteriormente, interessou-se pelo estudo da Antropologia e realizou pesquisas com grupos sociais das ilhas Andaman, no golfo de Bengala, a sudoeste da Birmânia. Tornou-se professor universitário e lecionou em diversas universidades fora da Inglaterra, inclusive no Brasil, na Universidade de São Paulo. Suas obras principais são: *Estrutura e função na sociedade primitiva*, *A organização social das tribos australianas* e *Sistemas africanos de parentesco e casamento*.

Fonte: www.andaman.org/BOOK/app-a/a-radcliffe-brown.jpg

A escola funcionalista teve como um de seus principais representantes o inglês **Radcliffe-Brown**, que, influenciado por teorias e métodos sociológicos de Durkheim, buscou adaptá-los aos estudos de sociedades não européias que eram o objeto de análise da Antropologia da época. Assim sendo, Radcliffe-Brown contribuiu para o debate acerca do conceito de estrutura social que considerava como sendo “todas as relações sociais de pessoa a pessoa”.



Figura 10.1: Mulheres andamanesas pintando seus maridos em sessão de pintura corporal, fotografadas por A. Radcliffe-Brown em 1906-08. As fotos originais encontram-se no Museu Pitt-Rivers, em Oxford.

Fonte: www.andaman.org/BOOK/chapter13/pla13-6.jpg

Radcliffe-Brown entendia que as interações e as ações executadas pelos seres humanos formam uma estrutura de relações cuja continuidade é mantida através do funcionamento de elementos estruturais particulares, como por exemplo rituais, cerimônias, instituições e organizações. Assim, segundo esse autor, caberia ao estudioso dos distintos grupos sociais a tarefa de descrever as relações sociais com referência ao comportamento recíproco das pessoas relacionadas, pois nessa descrição estaria a estrutura social do grupo, captada a partir dos padrões de comportamento que conformam os indivíduos e grupos nas suas inter-relações.

Ainda de acordo com Radcliffe-Brown, a estrutura social não é estática e sim dinâmica, pois os grupos e as pessoas se

alteram, devido ao fato de que a vida social renova constantemente a estrutura social. Assim, a estrutura real se modifica constantemente, mas a forma estrutural geral permanece relativamente estável por determinado período de tempo, sendo alterada gradativamente. O autor chama atenção para o fato de haver algumas situações que provocam a alteração brusca na forma estrutural, como é o caso de revoluções e guerras.

Estrutura social e organização social são conceitos distintos na teoria de Radcliffe-Brown. Enquanto a estrutura seria a combinação em grupos, a organização social consiste na combinação das atividades especializadas dos indivíduos; assim, numa organização, cada pessoa teria um papel. Portanto, quando analisamos um sistema estrutural, referimo-nos ao sistema de posições sociais, e ao analisarmos uma organização, fazemos referência a um sistema de papéis.

Veja a diferença no box a seguir.



Distinção entre sistema e estrutura

Sistema é um conceito que indica a organização dos fenômenos que se queira observar em partes interdependentes e ordenadas. Em relação à sociedade, o conceito pressupõe também uma integração, uma ordenação dos acontecimentos e uma interdependência das suas características, formando uma totalidade. Do ponto de vista empírico, o sistema é perceptível na sociedade por intermédio das relações constantes e repetitivas que o investigador é capaz de observar. Essas relações, porém, não se apresentam concretamente sob a forma de sistema: é a interpretação do cientista, desvendando e interpretando as interdependências, que as organiza sob essa forma. Sistema distingue-se de estrutura, embora sejam dois conceitos que não dizem respeito à realidade observada, mas ao modo como o cientista organiza os dados empiricamente obtidos. Podemos, grosso modo, dizer que a estrutura corresponde às relações básicas a partir das quais uma sociedade se define como tal e se organiza. Os componentes da estrutura

diferem de autor para autor. A partir da estrutura, as demais relações sociais se organizam e se tornam inteligíveis. O sistema é composto da inter-relação das diversas relações sociais formando um todo coerente e organizado, em que essas relações adquirem complementariedade e reciprocidade. Existe, portanto, correspondência entre estrutura e sistema, mas um conceito não se reduz ao outro. Por exemplo, a uma determinada estrutura de parentesco corresponde determinado sistema de prestação de serviços e obrigações.



Atividade

Atende ao Objetivo 1

1. Releia a definição de estrutura e organização social de Radcliffe-Brown, faça uma pesquisa e monte uma organização que reflita a estrutura de um componente da atividade turística, isto é, um hotel, uma empresa aérea, uma agência de viagens etc.

Comentário

Estrutura social e organização social são conceitos distintos na teoria de Radcliffe-Brown. Enquanto a estrutura é a combinação em grupos, a organização social consiste na combinação das atividades especializadas dos indivíduos; assim, numa organização, cada pessoa tem um papel. Portanto, quando analisamos um sistema estrutural, referimo-nos ao sistema de posições sociais, e ao analisarmos uma organização, fazemos referência a um sistema de papéis.

Gerência de vendas: compõe-se de gerente de vendas, supervisor e promotor.

Fonte: <http://epoca.globo.com/edic/20000821/soci1b.htm>

Conceito sociológico de estrutura social

Inúmeros sociólogos de diferentes escolas de pensamento desenvolveram conceitos relativos à estrutura social. Alguns a entendem como um sistema agregado de relações e cargos, como **Parsons**, outros como um tecido de forças sociais em interação como **Mannheim**. Para Marx, a estrutura social corresponde à estrutura de classes de uma sociedade, sendo aquele elemento que define as demais instâncias existentes.

Karl Mannheim



Sociólogo alemão de origem húngara nasceu em Budapeste em 27 de março de 1893. Lecionou em Heildeberg e Frankfurt, na Alemanha, e na Universidade de Londres.

Mannheim elaborou as primeiras teses sobre Sociologia do Conhecimento (na época uma nova disciplina). Afirmava que todas as ideias políticas e sociais são inspiradas pela situação social dos pensadores na sociedade. Segundo ele, cada fase da humanidade é dominada por um estilo de pensamento. E em cada fase surgem tendências para a conservação e para a mudança. A conservação

levaria a produção de ideologias e a mudança leva a utopias. Assim para ele, as ideologias se destinam a justificar a situação social existente, enquanto as utopias pretendem ao contrário, justificar uma desejada modificação da estrutura social.

Suas principais obras foram: *Ideologia e utopia* (1929), *Diagnóstico de nosso tempo* (1943) e *Liberdade, poder e planejamento democrático* (publicada em 1950). Morreu em 9 de janeiro de 1947, em Londres.

Fonte: www.urutagua.uem.br/_img/mannheim_karl.jpg

De acordo com a Sociologia, podemos definir estrutura social como arcabouço que interliga, articula e dá sentido aos diversos componentes sociais, tendo em vista que há uma correspondência entre os diversos elementos da sociedade, tais como as leis, as instituições, os valores e comportamentos.

Embora haja diferentes definições e concepções de entendimento acerca do que é estrutura social, percebe-se que esta noção corresponde nas diversas teorias àquele elemento mais estável da vida social e menos sujeito às variações circunstanciais. Está presente no conceito de estrutura o princípio da reciprocidade e da ordenação, sendo a estrutura o elemento que interliga e distribui os diferentes componentes da sociedade.



Talcott Parsons

Talcott Edgar Frederick Parsons nasceu em 13 de dezembro de 1902, nos Estados Unidos. Tornou-se um dos mais conhecidos sociólogos de sua época e suas ideias dominaram o cenário acadêmico americano especialmente nas décadas de 1950 e 1960. Lecionou na Universidade de Harvard entre 1927 e 1973, sendo a figura central do Departamento de Sociologia da referida Instituição e posteriormente no Departamento de Relações Sociais. Morreu em 8 de maio de 1979.

Parsons desenvolveu um sistema teórico geral para a análise da sociedade que veio a ser chamado Funcionalismo Estrutural, sendo sua teoria amplamente aceita por demais intelectuais daquele momento.

Suas principais obras foram: *A estrutura da ação social* (1937), *O sistema social* (1951), *Estrutura e processo nas sociedades modernas* (1960), *Sociedades: Perspectivas evolucionárias e comparativas* (1966), *Teoria sociológica e sociedade moderna* (1968), *Política e estrutura Social* (1969), *Sistemas sociais e a evolução da teoria da ação* (1977) e *Teoria da ação e a condição humana* (1978).

Fonte: maltez.info/.../autores/americanos/1902_p3.jpg

Assim, a estrutura social é o elemento definidor das várias características de uma sociedade, responsável, em última instância, pelos limites de ação dos indivíduos e das instituições.

T. B. Bottomore, sociólogo americano, apresentou alguns elementos que podem nos ajudar a identificar as instituições e os grupos que compõem uma estrutura social. São eles: Sistema de autoridade e distribuição do poder, Sistema econômico, Sistema de socialização das novas gerações, Sistema de ritual e Sistema de comunicações.



Atividade

Atende ao Objetivo 2

2. Responda: Em que medida o conceito de estrutura social, enquanto recurso analítico, favorece a compreensão e análise dos grupos sociais?

Resposta Comentada

Sendo a estrutura social o conjunto de partes encadeadas que formam um todo, esse conceito, enquanto recurso analítico, nos ajuda a entender a totalidade de status existentes em um determinado grupo social ou em uma sociedade e, a partir daí, conhecer o que os membros do grupo valorizam ou desvalorizam; assim como as mudanças e continuidades inerentes ao processo de dinamismo cultural, pois a estrutura social é o aspecto estático da organização social.

Sistemas de identificação de uma estrutura social

De acordo com Bottomore, a identificação dos referidos sistemas torna mais fácil a observação da estrutura social de determinada sociedade, pois os sistemas se relacionam com as exigências básicas ou os pré-requisitos funcionais de qualquer sociedade. Assim sendo, vamos tentar compreender um pouco mais sobre cada um dos sistemas anteriormente mencionados.

1. Sistema de autoridade e distribuição do poder.



A distribuição do poder e o sistema de autoridade em uma sociedade ocorrem através da organização política do grupo e abrange o conjunto de instituições através das quais a ordem é mantida, assim como o bem-estar e a integridade do grupo, sua defesa e proteção. A organização política é um aspecto da cultura encontrado em todos os grupos sociais, pois todos os grupos requerem controle social.

A característica essencial da organização política é o exercício do poder que, em sociedades simples, aparece através do parentesco, da religião e da divisão do trabalho (economia); já nas sociedades complexas, há a figura do Estado, isto é, a nação politicamente organizada e do Governo, ou seja, a autoridade individual ou grupal que controla determinado território e que exerce poder sobre ele.

2. Sistema econômico - Relacionado com a produção, a circulação e a distribuição de bens e serviços.



Quando vamos à feira, ao mercado, mercearias ou lojas e compramos alimentos, utensílios domésticos, materiais de obra etc., estamos comprando bens. Mas, quando pagamos por uma consulta dentária ou pelo conserto de uma televisão ou ainda os futuros turistas quando compram pacotes turísticos, estamos todos neste caso pagando por um serviço. Assim sendo, os bens são todas as coisas palpáveis e concretas, já as consultas, consertos, viagens são exemplos de serviços.

O ser humano ao viver em sociedade transforma a Natureza para satisfazer suas necessidades. Denomina-se processo econômico a cadeia que corresponde às atividades de: produção, distribuição ou circulação e consumo. Chama-se trabalho a produção de bens e serviços resultantes da transformação dos recursos naturais pelos processos de produção em que as pessoas participam diretamente.

Os diversos grupos sociais que compõem a Humanidade elaboraram distintas maneiras para produzirem seus bens e serviços. Assim sendo, é denominado modo de produção a maneira pela qual a sociedade produz seus bens e serviços, assim como os

utiliza e como os distribui. Ao longo da história da Humanidade o processo de produção, distribuição e consumo tomou características que podem ser agrupadas nos seguintes modos de produção: primitivo, escravista, asiático, feudal, capitalista e socialista.

Veja o boxe a seguir.

Quadro 10.2: Principais modos de produção

Modo	Local	Características
Primitivo	Várias partes da Terra	Os meios de produção e o fruto do trabalho eram propriedade coletiva; relações de produção baseada na ajuda entre todos.
Escravista	Antiguidade Brasil: período colonial e do Império	Os meios de produção, os escravos e o produto do trabalho eram propriedade dos senhores; as relações de produção eram baseadas no domínio e sujeição.
Asiático	Egito Antigo China Índia México (entre os astecas) Peru (entre os incas) África (século XIX)	A parte produtiva da sociedade era composta por escravos (que executavam trabalho forçado) e camponeses (que eram obrigados a entregar ao Estado o que produziam); As terras eram propriedade do Estado; os privilegiados eram os sacerdotes, nobres, funcionários do Estado e guerreiros.
Feudal	Europa ocidental durante toda a Idade Média Japão (século XVIII)	Estrutura-se basicamente em senhores e servos; o senhor é o dono das terras e o servo tinha o usufruto da mesma, mediante ao pagamento de impostos e do repasse de parte da produção para o senhor.
Capitalista		Relações assalariadas; propriedade privada dos meios de produção ; busca pelo lucro; objetiva a produção de excedente.
Socialista		Propriedade social dos meios de produção, isto é, eles são públicos ou coletivos e por isso não existe empresas privadas; não há separação entre patrões e empregados.

Relações de produção

São as relações sociais que os homens estabelecem entre si no processo de produção dos bens.

Meios de produção

Meios materiais para a realização de qualquer tipo de trabalho. São as matérias-primas e instrumentos de produção.



Diferença entre servo e escravo

O senhor é o dono do escravo e por isso pode vendê-lo, alugá-lo, enfim, dispor da vida e força de trabalho deste. Já no caso dos servos isso não acontece, pois como pessoa, o servo não é propriedade de seu senhor.

3. Sistema de socialização das novas gerações, incluindo a família e a educação.



A aquisição e a perpetuação da cultura são um processo social, não biológico, resultante da aprendizagem. Cada grupo social transmite às novas gerações o patrimônio cultural que

recebeu de seus antepassados. Nas sociedades em que não há escolas, a cultura do grupo é repassada através da família e da convivência com o grupo preexistente; já nas sociedades em que há escolas, cabe a estas o repasse de conhecimentos que irão complementar o processo de transmissão da cultura recebida na família. Ambos são processos educativos, sendo que no primeiro exemplo a educação transmitida pela cultura do grupo é assistemática e no segundo exemplo a educação é sistemática, pois obedece a um sistema cuja organização foi previamente planejada e elaborada para alcançar o refinamento e a preparação para a ocupação de determinado posto de trabalho dentro do sistema econômico vigente.

4. Sistema de ritual.

Tem a finalidade de manter e aumentar a coesão dos distintos grupos sociais, além de conferirem um significado social a acontecimentos individuais, como por exemplo, datas diversas (casamento, morte, quinze anos etc.).



O sistema de rituais de um grupo social consiste nas atividades padronizadas em que todos agem mais ou menos do mesmo modo. Pode possuir caráter religioso ou não, mas revela o comportamento tradicional que se manifesta implícita ou explicitamente nas idéias, atitudes, crenças e sentimentos das pessoas.

Há vários tipos de ritos, sendo que para o objetivo desta aula, os ritos que nos interessam são os denominados ritos de passagem ou transição. Estes ritos acontecem quando um complexo de rituais é realizado por ocasião da passagem dos indivíduos de um estado social para outro, ou seja, quando ocorrem importantes modificações no *status* social.

Os ritos de passagem são divididos em quatro tipos e variam muito de uma sociedade para outra no que se refere a sua forma, mas ocorrem em todas as sociedades por ocasião dos seguintes acontecimentos:

a. Nascimento: há uma série de rituais relacionados a essa ocasião, sendo que os mesmos têm a intenção de atrair proteção (batismo católico), de purificar (circuncisão entre os judeus), receber um nome, entre outros.

b. Puberdade: dedicados aos jovens quando atingem a fase da puberdade, ou seja, quando estão aptos para procriar. Em distintas sociedades, os rituais incluem danças (festas de quinze anos), isolamento (algumas tribos indígenas brasileiras, que isolam as moças que menstruam pela primeira vez), proibições, jejuns, missões de caça (grupos sociais africanos que enviam os jovens rapazes para caças em florestas), entre outros.

c. Matrimônio: relativo ao casamento e por ser uma atividade socialmente aprovada, os ritos de passagem incluem sua promulgação e festividades próprias. Na região Sudeste, especialmente no Rio de Janeiro e São Paulo, uma prática está ganhando destaque e já pode ser percebida como um rito de passagem; trata-se do denominado “dia da noiva”, quando as futuras esposas passam todo o dia do enlace matrimonial, cuidando e preparando o corpo para o momento do casamento.

d. Morte: ritual realizado por ocasião de morte. Os rituais que compõem essa ocasião guardam estreita relação com o status da pessoa falecida, pois podemos perceber que quanto mais elevada a posição ocupada por alguém, mais demorada e prolongada será a cerimônia ou funeral. Nestas ocasiões há choros, danças, cantos, lamentações, escarificações (desenhos) feitos no corpo, distribuição de comidas e bebidas, entre outros. Depende de cada grupo social os elementos que compõem o rito de passagem relacionado à morte.

5. Sistema de comunicações (linguagem).



A comunicação é um elemento de extrema importância para a espécie humana, pois depende dela o desenvolvimento da cultura e a própria socialização da espécie. Dentre todos os meios de comunicação de que dispõe a Humanidade, a linguagem é o principal, tendo em vista que a linguagem permite a atribuição de significados aos sons articulados, a transmissão de nossas ideias, pensamentos, experiências e sentimentos.

Com o passar do tempo, a comunicação foi se desenvolvendo e atualmente podemos observar que há vários novos meios de comunicação. A escrita, a imprensa, o telégrafo, o telefone, o rádio, o cinema, a televisão, o telex e os mais recentes como o fax, o telefone celular e a Internet, isto é, a comunicação por satélite.

**Quadro 10.3:** Anos de invenção, inventores, locais

Meio	Ano	Local	Inventor
Escrita	4.000 a.C.	Mesopotâmia	
Imprensa	Século XV	Estrasburgo (na época pertencente a França)	Johannes Gutemberg
Telégrafo	1837	Estados Unidos	Samuel Morse
Telefone	1876	Estados Unidos	Alexander Graham Bell
Rádio	1896	Inglaterra	Guglielmo Marconi
Cinema	1895	França	Auguste e Louis Lumière
Televisão	1926	Estados Unidos	Ernst F.W. Alexanderson



Atividade

Atende ao Objetivo 2

3.1. Faça um quadro relatando como são marcados os rituais de passagem na comunidade que você vive.

3.2. Relacione e explique os sistemas que, de acordo com Bottomore, ajudam a captar a estrutura social de determinado grupo.

Comentários

3.1. *Você poderá colocar como são realizados os batismos, a aprovação no concurso de vestibular, os casamentos etc. relatando como é o processo ritualístico dos mesmos, informando se há festas, como e quem comparece a todo o processo ritual.*

3.2. *Bottomore apresentou alguns elementos que ajudam a identificar instituições e grupos que compõem uma estrutura social. São eles: Sistema de autoridade e distribuição do poder, isto é, aquele que ocorre através da organização política do grupo e abrange o conjunto de instituições através das quais se mantem a ordem, o bem-estar e a integridade do grupo, sua defesa e proteção; Sistema econômico, relacionado com a produção, a circulação e a distribuição de bens e serviços; Sistema de socialização das novas gerações, ou seja, o processo pelo qual uma pessoa ao longo da vida aprende e interioriza os elementos socioculturais; Sistema de ritual, que atua na sistematização do tempo social e Sistema de comunicações, que vem a ser um elemento de extrema importância para a espécie humana, tendo em vista que esta é a base do desenvolvimento da cultura e da própria socialização da espécie.*

Conclusão

O conceito de estrutura social favorece o entendimento e o conhecimento da sociedade em que vivemos porque permite aos estudiosos captar as mudanças permanências que ocorrem nas sociedades. O turismo é um excelente objeto para essa captação, pois envolve o deslocamento de pessoas que, ao se desloca-

rem e permanecerem fora de seus pontos de origem, produzem grandes impactos. Ao longo do tempo, vão alterando as comunidades receptoras de turistas. Desta forma, o estudo do turismo por parte de sociólogos e antropólogos contribui para verificar o que está sendo alterado em termos da estrutura social dos distintos grupos. A ação social ajuda o profissional do turismo a entender que a motivação individual do turista, ou seja, sua opção em viajar para este ou aquele lugar tem causas sociais.



Atividade Final

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

Os Kalungas são uma comunidade de negros remanescentes de quilombos, que vivem em número de 4.000 na região entre os municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre, formando vários povoados de difícil acesso. O território dos Kalungas foi reconhecido como sítio histórico que abriga o patrimônio cultural Kalunga em 1991. Há cerca de 30 anos, a comunidade resolveu retomar o contato com a população de cidades vizinhas. Hoje alguns vilarejos recebem turistas que buscam conhecer um pouco da história da resistência dos Kalungas. No povoado do Engenho, onde vivem cerca de 220 pessoas, os visitantes podem tomar banho de cachoeira e depois almoçar na casa dos moradores.

Fonte: Romeu (19--?, p. 5).

De acordo com o texto acima, vimos que os Kalungas ficaram culturalmente isolados de outros grupos por um bom tempo. Ao retomarem o contato com grupos sociais próximos, sua cultura tornou-se interesse turístico, fato que certamente tem provocado mudanças no cotidiano do grupo. Assim sendo, tente imaginar as transformações que a atividade turística pode provocar na estrutura social dos Kalungas.

Comentário

Esta questão pode ser resolvida através dos sistemas de Bottomore. Vamos tomar como possibilidade de análise o sistema de socialização das novas gerações, sendo que você poderá escolher qualquer outro. Imaginemos os Kalungas transmitindo seus conhecimentos seculares de geração em geração e, de repente ao se abrirem para outros grupos sociais, observam recursos típicos de grupos sociais mais complexos, tais como aparelhos eletrônicos, escolas para transmissão do conhecimento técnico especializado, remédios industrializados, roupas, enfim um conjunto de práticas culturais comuns aos turistas que os visitam, mas que é distinta da deles. Deste contato uma série de traços culturais poderão ser adotados pelos Kalungas que certamente terão seu sistema de socialização das novas gerações alterado, contribuindo para em longo prazo ocorrer uma mudança na estrutura social Kalunga.

Resumo

Estrutura social é o conjunto ordenado de partes encadeadas que formam um todo; é a totalidade dos status existentes em um determinado grupo social ou em uma sociedade. A estrutura social é o aspecto estático da organização social, isto é, o conjunto de todas as ações que são realizadas quando os membros de um grupo desempenham seus papéis sociais. A organização social é a parte dinâmica da estrutura social.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, você irá estudar as camadas ou estratos socialmente hierarquizados, isto é, a estratificação social, que resulta da diferenciação de uma sociedade organizada em camadas sociais superpostas.

Turismo e Sociedade

Referências

Aula 1

BOTTOMORE, Thomas Burton. *Introdução à sociologia*. Tradução de Waltensir Dutra e Patrick Burglin. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CASTRO, Ana Maria de; DIAS, Edmundo Fernandes. *Introdução ao pensamento sociológico*. 9. ed. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1987.

COSTA, Maria Cristina Castilho. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 1987.

Aula 2

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 18.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

Aula 3

CASTRO, Ana Maria de; DIAS, Edmundo Fernandes. *Introdução ao pensamento sociológico*. 9. ed. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1987.

COSTA, Maria Cristina Castilho. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 1987.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. 4. ed. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Nacional, 1966.

_____. *Educação e sociologia*. 6. ed. Tradução de Lourenço Filho. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968.

_____. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Aula 4

WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: UnB, 1991.

Aula 5

COSTA, Maria Cristina Castilho. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 1987.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4. ed. rev. e actual. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã: Feuerbach*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. *Manifesto do partido comunista*. 7. ed. São Paulo: Global, 1988.

MARX, Karl. Discurso pronunciado na festa do 4º aniversário do The People's Paper (O Jornal do Povo), em 14 de abril de 1856.

Aula 6

CARDOSO, F. H.; IANNI, O. *Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral*. São Paulo: Cia. Editora Nacional. 1976.

DIAS, Reinaldo. *Sociologia do turismo*. São Paulo: Atlas, 2005.

NASCIMENTO, S. Festa do Divino leva o povo às ruas de São Luís do Paraitinga. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. 10, 14 de maio de 2002. Caderno Turismo.

PICCIN, Paula; SOUZA, Maria Zulmira de; TAVARES, Cláudia. *Ecoturismo pela Prainha do Canto Verde, litoral do Ceará*. Repórter Eco. 2007. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/reportereco/materia.asp?materiaid=529>>. Acesso em: 12 de maio de 2008.

Aula 7

CARDOSO, Fernando. Henrique; IANNI, Otávio. *Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral*. São Paulo: Cia.Editora Nacional, 1976.

DIAS, Reinaldo. *Sociologia do turismo*. São Paulo: Atlas. 2005.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. 4.ed. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Cia.Editora Nacional, 1966.

_____. *Educação e sociologia*. 6.ed. Tradução de Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

FRAJDENRAJCH, Clarissa. O mundo particular de Xuxa. *Contigo*, São Paulo, Edição 1630, 2006.

HOEBEL, E.Adamson; FROST, Everett L. *Antropologia cultural e social*. São Paulo: Cultrix. 1981.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina. *Sociologia geral*. 7. ed. São Paulo: Atlas. 1999.

Aula 8

BOTTOMORE, Thomas Burton. *Introdução à sociologia*. Tradução de Waltensir Dutra e Patrick Burglin. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

CARDOSO, Fernando. Henrique; IANNI, Otávio. *Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

MENDRAS, Henri. *Princípios de sociologia: uma iniciação à análise sociológica*. Tradução de Patrick Davos. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

VILA NOVA, Sebastião. *Introdução à sociologia*. 5. ed. Rev. Aum. São Paulo: Atlas, 2000.

Aula 9

MENDRAS, Henri. *Princípios de sociologia: uma iniciação à análise sociológica*. Tradução de Patrick Davos. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

VILA NOVA, Sebastião. *Introdução à sociologia*. 5. ed. rev. e aum. São Paulo: Atlas, 2000.

Aula 10

BOTTOMORE, T.B. *Introdução a Sociologia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar. 1980.

RADCLIFFE-BROWN, A.R. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes, 1973.

ROMEU, Gabriela. Kalungas temem perder suas tradições. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. 5, 19--? Caderno Turismo.

Talcott Parsons. In: CASTRO, Ana Maria; DIAS, Edmundo Fernandes (Org.). *Introdução ao pensamento sociológico: Emile Dürkheim, Max Weber, Karl Marx e Talcott Parsons*. 15. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

ISBN 978-85-7648-544-5



9 788576 485445



UENF
Universidade Estadual
do Norte Fluminense



Universidade Federal Fluminense

uff



UNIRIO



FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA



**Ministério
da Educação**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL